



Mestrado de Estudos Históricos Europeus 2006-2008

Ramo – Fontes e Percursos para a Construção da Identidade Europeia

Docente Orientadora: Prof. Doutora Hermínia Vilar

Docente Co-Orientadora: Prof. Doutora Cláudia Pereira

Discente: Sílvia Maria L. de Carvalho Andorinha, nº 3755

Dissertação de Mestrado

**A “RELIGIOSA” E A “BRUXA”**

**IMAGENS DA MULHER EM CONTOS POPULARES**



**Mestrado de Estudos Históricos Europeus 2006-2008**

**Ramo – Fontes e Percursos para a Construção da Identidade Europeia**

**Docente Orientadora: Prof. Doutora Hermínia Vilar**

**Docente Co-Orientadora: Prof. Doutora Cláudia Pereira**

**Discente: Sílvia Maria L. de Carvalho Andorinha, nº 3755**

**Dissertação de Mestrado**

**A “RELIGIOSA” E A “BRUXA”**

**IMAGENS DA MULHER EM CONTOS POPULARES**



169 785-

## Índice

<b>DEDICATÓRIA .....</b>	<b>4</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>5</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>6</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>I – A CULTURA POPULAR.....</b>	<b>10</b>
<b>PONTE ENTRE O MUNDO DA LITERATURA MEDIEVAL E A LITERATURA DO SÉCULO XIX ROMÂNTICO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 – OS TEMPOS E OS LUGARES – A IDADE MÉDIA EUROPEIA .....</b>	<b>17</b>
<b>2 – OS TEMPOS E OS LUGARES – O SÉCULO XIX E O ROMANTISMO NA ALEMANHA E EM PORTUGAL .....</b>	<b>25</b>
<b>3 – BIOGRAFIA DOS FILÓLOGOS QUE RECOLHERAM OS CONTOS – SÉCULO XIX ROMÂNTICO ....</b>	<b>33</b>
<b>ALEMANHA – BIOGRAFIA DOS IRMÃOS GRIMM.....</b>	<b>33</b>
<b>PORTUGAL – BIOGRAFIA DE ADOLFO COELHO .....</b>	<b>38</b>
<b>4 – A ESCOLHA DOS CONTOS ENQUANTO FONTES E DOS “FILÓLOGOS COLECCIONADORES” .....</b>	<b>42</b>
<b>II – O IDEAL DA MULHER RECOLHIDA, A “RELIGIOSA” E DA SUA TRANSGRESSÃO, A “BRUXA” ....</b>	<b>46</b>
<b><i>O Exemplo de uma Santa – O Ideal de Mulher Inatingível (VIDA PRIVADA).....</i></b>	<b>56</b>
<b>1 – A “BRUXA”, A EMANCIPADORA – ANTÍTESE DA MULHER IDEAL (VIDA PÚBLICA) .....</b>	<b>59</b>
<b>2 – O QUE PASSOU ENTÃO DA “RELIGIOSA” E DA “BRUXA” DA IDADE MÉDIA PARA O SÉCULO XIX ROMÂNTICO? .....</b>	<b>70</b>
<b>O IDEAL E A ANTÍTESE DA MULHER ROMÂNTICA.....</b>	<b>70</b>
<b>3 – A “BRUXA” NA CULTURA POPULAR – REFLEXO DOS CONTOS POPULARES OU REFLEXO DA REALIDADE HISTÓRICA? .....</b>	<b>73</b>
<b>III – TRATAMENTO DAS FONTES E METODOLOGIA .....</b>	<b>78</b>
<b>AS IMAGENS DICOTÓMICAS DA MULHER NOS CONTOS RECOLHIDOS PELOS IRMÃOS GRIMM E POR ADOLFO COELHO .....</b>	<b>78</b>
<b>CONCLUSÃO EM ABERTO E PERSPECTIVAS .....</b>	<b>94</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>103</b>

*À minha avó, Maria Helena, à minha mãe, Elisabete, à minha sobrinha, Marta e à minha  
melhor amiga, Márcia que me deram forças para chegar até aqui.*



## Agradecimentos

Agradeço a todos os professores do Mestrado em Estudos Históricos Europeus, Ramo – Fontes e Percursos para a Construção da Identidade Europeia, sobretudo à Prof. Dr.<sup>a</sup> Fátima Nunes, à Prof. Dr.<sup>a</sup> Laurinda Abreu e ao Prof. Dr. Paulo Guimarães, à minha caríssima Orientadora, Prof. Dr.<sup>a</sup> Hermínia Vilar e à Co-Orientadora, Prof. Dr.<sup>a</sup> Cláudia Pereira, que tanto me incentivaram, apoiaram e ajudaram ao longo de todo este percurso, tornando a terminologia da área da História e da Literatura Popular mais elucidativa e menos estranha para quem vem de outra área, como é o meu caso, que vim da Tradução. Agradeço também a alguns dos professores que tive antes de empreender esta viagem, que foi o Mestrado, à Prof. Maria José Simas, minha querida professora do ensino secundário, pela inspiração, coragem e fé que depositou em mim, à Prof. Gabriela, de quem nunca me esqueci, aos meus professores da Licenciatura, em especial à Prof. Dr.<sup>a</sup> Christine Zurbach, que sempre exigiu o máximo e o melhor de nós, ao Prof. Dr. Paulo Mendes, à Prof. Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Banza, à Prof. Mestre Ema Pires, ao Prof. Dr. Manuel do Patrocínio e ao Tradutor, meu caro Prof. Dr. Francisco Magalhães, obrigada pelo mundo maravilhoso que me mostraram.

Quero agradecer igualmente a todas as funcionárias da Biblioteca do Espírito Santo pela enorme eficiência e simpatia com que sempre me trataram, assim como às do Departamento de História e à Sandra, da *Casa dos Livros*, que me fez sentir em casa cada vez que fui à sua livraria.

Acima de tudo, agradeço à minha família, à minha avó, Maria Helena, à minha mãe, Elisabete, ao meu pai, Carlos, ao meu irmão, o Prof. Miguel que me facultou obras extremamente essenciais para o presente estudo, como o Tratado *Malleus Malificarum*, e por ter sido um leitor tão exigente e crítico, à minha sobrinha e afilhada Marta que, apesar de ser criança, traz dentro de si a alegria e a atitude sábia com que devemos olhar para as mais pequenas coisas da vida, aos meus tios e tias, primos e primas, de quem gosto tanto.

Agradeço ao Duarte que me faz feliz e aos meus amigos, que tanto estimo, à Márcia, a minha amiga e irmã de alma que vive a vida com um sorriso confiante e me mostrou que somos capazes de tudo quando acreditamos em nós, à Carina, à Célia, à Filipa, ao Filipe, à Ana, à Liliana, à Catarina, à Lina, à Inês, à Vânia, ao Francisco, companheiros no estudo e na amizade; à Débora, minha amiga de *Erasmus* que, apesar de distante, está sempre por perto através dos *e-mails* que passam tanta energia positiva, à Fátima, minha colega e amiga sempre disponível, à Francisca Mendes, de quem gosto tanto, à Tânia, com quem o contacto foi curto mas que me concedeu o privilégio de ler a sua tese magnífica sobre as *Parteiras*, ao Ângelo Silva que foi um querido por me ter emprestado a *Bíblia Sagrada* e o *Novo Testamento*, à minha primeira companheira de casa, a Margarida, de quem tantas saudades tenho e de quem vou gostar para sempre, às minhas últimas companheiras de casa, Sónia, Yolanda e Sílvia, com quem tomava o chá da meia-noite e me ensinaram que a vida não é só estudar e trabalhar, entre outros amigos e conhecidos, que me deram apoio nas horas que mais precisei a quem agradeço a paciência que tiveram comigo para que pudesse acabar esta Dissertação de Mestrado e finalmente... OBRIGADA Évora, por me teres acolhido nas tuas muralhas. Estão todos na minha memória e no meu coração. Obrigada a todos.

## Resumo

### A “Religiosa” e a “Bruxa”

#### Imagens da Mulher em Contos Populares

Os contos populares fazem parte da História e do Imaginário Europeu Oitocentista que, ao reconhecer o seu valor pedagógico e cultural, foi colhê-lo ao ser feminino visto como um verdadeiro repositório do conhecimento popular que lhe concedia as raízes medievais. Enquanto *Senhoras da Casa* usavam a sua sabedoria empírica, e por vezes ilustrada, para governar o mundo privado. Transportavam dentro de si o legado da “Religiosa” e da “Bruxa” agora estereotipadas pelos românticos como mulheres “anjas” ou “perversas”. Os homens discutiam que lugar, as mulheres deveriam ocupar na sociedade, mas por norma sentiam-se desconfortáveis em relação à sua sexualidade, apelando ao ideal cristão que vivia candidamente cada vez mais nos contos que recomendavam as condutas e reprovavam as transgressões. Para compreender os estereótipos e os estigmas ligados ao quotidiano das mulheres que maneira melhor de o fazer do que cruzar as suas imagens capturadas no mundo ficcional e real de acordo como uma perspectiva histórica do que representavam?

## **Abstract**

### **The “Religious” and the “Witch” Images of Women in the Folk-tales**

The folk-tales are part of the History and European Imaginary of the 19<sup>th</sup> century that recognizing their pedagogical and cultural value collected them from the feminine seen as a real repository of the popular knowledge. As *Mistresses of the House* they used their empirical and sometimes illustrated wisdom to rule the private domain. They had inside of them the legacy of the “Religious” and of the “Witch” now both stereotyped by the Romantics as “angels” or “perverse” women. Men discussed their place in society, but usually felt uncomfortable with their sexuality, appealing to a Christian ideal that lived chastitly more and more on the tales that advised conducts and reproved transgressions. To understand the stereotypes and the stigmas bound to the quotidian of women what better way than crossing their images captured by the fictional and real world with a Historical view of what they represented?

## Introdução

O tema aqui tratado é o da Mulher e o Reflexo da Representação do Feminino abordado nos contos de fadas e nos contos populares, no período cronológico da Idade Média e do Século XIX romântico. Ao imaginário destes dois períodos, acrescenta-se a cultura popular que funciona como uma ponte entre as duas épocas que se distanciam no fio do tempo.

É através do estudo dessa cultura encontrada, ou reencontrada, no interesse que os românticos têm pela Idade Média, que descobrimos as nossas origens e que nos deparamos com o objecto de estudo: o ideal da mulher.

A mulher é um tema constante na literatura das duas épocas e suscita, na sociedade dos homens, uma busca incessante de respostas. O imaginário que criam em torno dela povoa os diários e as conversas, os poemas, as canções e os contos que encontramos no desvendar dessa cultura que nos dá autenticidade enquanto nação. O resultado é a eterna dicotomia do que é o ideal e a antítese da mulher.

A Idade Média conceptualiza um ideal de mulher que a remete para o espaço privado e para a família, nas três idades a que é votada: virgem, casada e viúva. O modelo que atravessa este período faz, assim, apelo à sua castidade e virtude.

O século XIX, de que se salienta o movimento do Romantismo, tenta por sua vez agarrar-se a essa imagem, pois partilha do mesmo ideal, e tenta reforçá-la no desfiar da memória que a cultura soube conservar. No entanto, até que ponto esta idealização da mulher é um reflexo da realidade histórica ou simplesmente pertence a um estereótipo alimentado pelos contos? Terá ido buscar fundamentos à Idade Média ou um pouco mais adiante, às transformações regressivas a nível do estatuto e dos direitos da mulher que sucederiam a partir do fim do século XV e depois em pleno século XVI?

Estas questões exigem um cruzamento de épocas e de modelos de feminilidade que faz com que a metodologia a utilizar seja a comparativa e a escolha das fontes seja a expressão máxima da cultura popular que testemunha os costumes e a maneira de viver do povo. As fontes que perfazem o *corpus* documental são os contos de fadas e os contos populares recolhidos da oralidade pelos filólogos irmãos Grimm e Adolfo Coelho. Todos estudaram a cultura popular dos respectivos países e defenderam a sua importância histórica e pedagógica. É através deles que se estabelece um paralelo entre a realidade do princípio e do fim do século XIX, explorando o interesse que o Romantismo da primeira metade libertou na Alemanha e que só no fim do século iria ganhar realmente força em Portugal, que trata e sistematiza a matéria-prima dos estudos filológicos nos anos 70. A visão que transmitem dá a conhecer o modo como os românticos viram

a Idade Média e o que retiraram desse período.

O cruzar das duas perspectivas ganha sobretudo consistência quando o comparamos com a realidade do período medieval, abrindo assim o baú da memória da História, onde encontramos as respostas para compreender o presente da altura e o presente de agora. Foi no regresso ao passado que os românticos conheceram a sua identidade e é onde tomamos consciência do porquê dos estereótipos terem ganho tamanha fixação, influenciando a mentalidade da sociedade e os modelos de feminilidade que definiram.

## I – A Cultura Popular

### Ponte entre o Mundo da Literatura Medieval e a Literatura do Século XIX Romântico

Entre a margem da literatura da Idade Média e a margem da literatura do século XIX romântico cresce uma ponte feita do interesse pela cultura popular, erigida pelos seus defensores românticos, sendo muitos deles já investidos com olhares positivistas que lhes permitem estudar o fruto da sua curiosidade através da recolha e do estudo dos contos. Estes justificam a importância do seu estudo e do seu uso, não só pelo facto de pertencerem ao âmago da sua cultura e por despertarem uma consciência histórica enquanto repositórios de memória do povo<sup>1</sup>, mas também porque através da sua simplicidade ajudam à formação e à educação das crianças, que os compreendem melhor do que às leituras complexas de uma realidade que não reconhecem<sup>2</sup> (Pref. LEAL, COELHO, 1993, pp. 13-21/BETTELHEIM, 2006, pp.9-30).

Os alicerces dessa ponte são fundados no resgatar da literatura medieval e do interesse que esta exprimia pelo que era popular. Aqui salienta-se o que se produzia mais na literatura medieval alemã, no que respeita à abordagem dos temas populares que traziam muitas vezes consigo um motivo amoroso. Em relação à literatura medieval portuguesa refere-se apenas o que se conhece como reflexo da mesma temática popular e amorosa: as cantigas.

Dentro da literatura da Idade Média, que contém vestígios da cultura popular, o que prevalece é a poesia dos letrados que traziam para a palavra escrita o que a “poesia do povo” enredava na memória através da oralidade<sup>3</sup>.

Na Alta Idade Média, para o homem religioso e tudo que o cerca, inclusive todas as áreas do quotidiano que se encontram desvinculadas do saber religioso, são vistas da perspectiva de uma ideologia cristã. Assim o é também para o homem dito “culto”, normalmente clérigo formado pela educação religiosa que o moldou, mas não o limitou, pois alguns clérigos vão além do manter a literatura dentro do seu cânone religioso. Atrevem-se a fixar os estudos clássicos a partir de outras

---

<sup>1</sup> Afinal a cultura popular nasce do povo e do mundo rural, cercado por um imaginário que ora habita o seu espaço envolvente, ora transpõe as barreiras verdes das aldeias, dos campos e das florestas que mesmo conhecendo o destino dos arroteamentos consegue fazer-se sentir sob a forma de um vento que mistura na mentalidade do camponês o que é natural e o que é sobrenatural fazendo com que esses mundos coexistam no mesmo plano. Para o homem medieval não existe fronteiras entre o visível e o invisível, o natural e o sobrenatural pois este faz parte do seu quotidiano, onde as aparições o aterrorizam mas não o surpreendem (BERNOS, AAVV, 1985). É a cultura e o meio popular que também serve de inspiração aos poetas medievais que a utilizam como pano de fundo para expressarem a temática amorosa que não vive só de espaços fechados.

<sup>2</sup> A intemporalidade e o ritmo desses contos parecem estar mais próximos delas pela forma curta e directa como se exprimem, que lhes fica no ouvido ajudando à memorização. Acabam por servir como uma maneira lúdica de colocar em prática uma espécie de mnemotecnia e assim utilizá-la em mentes tenras que de uma maneira mais complicada demorariam mais a assimilar um conteúdo a reter. A mnemotecnia era usual na altura em que a palavra escrita era rara quando comparada com a oral, devido à maioria das pessoas serem analfabetas, sendo a memória transmitida pela oralidade, como acontecia com o homem medieval que retirava os seus ensinamentos das estórias dos anciãos, das pregações, das anedotas, da instrução moral e religiosa. Por outro lado os clérigos, os homens de leis e os mercadores que faziam uso da escrita também recorriam à técnica da arte de memorizar.

<sup>3</sup> Isto evoca a memória e o próprio tempo, “A Roda da Fortuna, este símbolo tão caro ao Ocidente medieval gira pelas épocas e pelas civilizações. A idealização da memória transforma também o passado colectivo. Cada nação identificava o seu nacionalismo com a sua história medieval: a França das Cruzadas e das Catedrais, a Alemanha de Frédéric Barberousse, os Cavaleiros Teutónicos e os Mestres Cantores, a Espanha de Cid, a Itália de Dante e de Marco Polo”, todos estes elementos e figuras são cantados na cultura popular (GOFF, 1964, pp. 65; 87;).

orientações e acrescentam elementos populares à sua produção, prolongando-se este fenómeno também na Baixa Idade Média.

É de salientar Egberto<sup>4</sup>, a quem se deve o poema *Fecunda ratis*; que se identifica com uma extensa antologia de poesia moralizadora mas, por outro lado, recolhe máximas, provérbios e tradições populares. A poesia fomentada pelos clérigos, ou estudantes que expressavam o seu desagrado pela situação social, religiosa e política, era acompanhada de um tom irónico sem preocupações de estarem a cometer alguma incongruência ou pior, heresia. Este tipo de poesia encontrava-se nos *Carmina Burana*, de que existe um manuscrito de Munique, de 1230. A maioria das composições é anónima e os temas são variados, mas os temas que prevalecem são o amoroso e a ironia moralizante (IÁNEZ, 1989, pp. 41-42).

Já pertencentes à literatura existem os enigmas e as adivinhações como sendo uma das constantes deste período e que têm um grande valor documental por fornecerem a reconstrução de alguns traços da vida quotidiana anglo-saxónica.

Na literatura religiosa em si é de referir que a conversão ao cristianismo dos invasores germânicos trouxe para essa literatura uma convivência entre os temas populares e as tradições cristãs, em especial as que a Bíblia descreve. Dois dos nomes que se destacam nessa abertura da mentalidade cristã a partir do germânico são Caedmon e Cynewulf, cujas obras chegaram a criar uma escola literária<sup>5</sup> (IÁNEZ, 1989, pp.102).

De 1050 a 1180 verifica-se o apogeu e a decadência da literatura clerical. Na segunda metade do século XI a cultura escrita, que tinha até então sido praticamente usufruto dos clérigos, passa a fazer parte do repertório dos jograis que mergulham da literatura oral para aquele plano. Mas o que interessa aqui expor é que muitos dos autores, apesar de terem tido uma formação clerical, abandonaram os textos meramente religiosos para criarem uma literatura profana medieval, que se irá notar no século XII (IÁNEZ, 1989, pp.109).

Outro tipo de literatura que merece ser destacada inclui o *Meistersang* e a canção popular. Estas produções populares muito frequentes nos séculos XIV a XV são importantes pois são produzidas por gente de pouca instrução. Pretendeu-se a manifestação pura do sentimento lírico alemão. Breves e simples, leves e despreocupadas têm por tema novamente o sentimento que prevalece, o amoroso, elogiado e associado ao ritmo da natureza e sendo realista na sua descrição.

Quanto ao contexto da literatura portuguesa, ou melhor neste caso da literatura lírica galaico-portuguesa, é de salientar que surge entre os séculos XII e XIV. Nasce de uma tradição

---

<sup>4</sup>Egberto era professor de Ciências na escola de Lieje, a quem se deve o poema *Fecunda ratis* de 1023 (IÁNEZ, 1989, pp. 42).

<sup>5</sup>No que diz respeito à literatura germânica primitiva é importante revelar o quanto o seu povo glorificava os seus deuses e celebrava os seus heróis, em que existem cantos que festejam os principais acontecimentos da vida pública e privada que abarcava as cerimónias religiosas, os combates, as bodas, os funerais tal como os provérbios, as sentenças e as fórmulas mágicas, como os *Ensalms de Merseburgo* que falam de certas fórmulas mágicas em verso, que também revelam dados valiosos sobre os costumes e as tradições populares (IÁNEZ, 1989, pp.106).

que vem de fora mas que torna sua, assimilando-a. A temática da poesia é sempre a amorosa, por vezes roçando o erótico, e está imortalizada nas cantigas de amor, nas de amigo e nas de escárnio e de maldizer.

As cantigas de amor são uma adaptação da canção provençal. Transmitem uma idealização e uma análise do sentimento amoroso. De cariz feudal, em que a amada é denominada *mia senhor*, a quem presta vassalagem. As cantigas de amigo retratam uma donzela apaixonada que fala do “amigo”, lamentando os seus desgostos, contrariedades e ausências. Transparece uma lírica feminina mas, no entanto, é composta por homens que respiram a tradição popular. Por fim as de escárnio e de maldizer também possuem raízes populares mas são muito mais elaboradas, de tom satírico misturado com injúrias agrestes, sendo muitas vezes alvo de críticas ou de proibições.

Nestes três géneros, embora mais nuns do que noutros, nota-se uma imitação do estilo do sul de França. Mas nem sempre é assim pois atingem uma grande emotividade e simplicidade quando se libertam das regras aprendidas. A sua criação não cabe somente aos poetas “cultos”, parece provir, sobretudo, da tradição popular, praticada pelos jograis<sup>6</sup> (IÁNEZ, 1989, pp.183).

Os temas abordados pela literatura da Idade Média são reutilizados pela literatura do Romantismo, num século XIX onde o homem romântico se encontra cheio de conflitos espirituais e busca segurança e unidade para o seu Eu prosperar. As gerações românticas vêm-se impelidas a adoptar posições tradicionalistas e conservadoras na tentativa de recuperarem as suas raízes.

A literatura tradicionalista, iniciada em Inglaterra e na Alemanha em finais do século XVIII, irá desabrochar no início do XIX. Surge na Alemanha devido ao interesse filológico pelas antigas manifestações culturais que se expressaram durante o *Sturm und Drag*<sup>7</sup>, imitando as velhas baladas germânicas.

A recuperação e divulgação dessa literatura dão-se na Alemanha com o círculo intelectual de Heidelberg, de que faziam parte os irmãos Grimm, Brentano e Arnim<sup>8</sup>. Os autores tradicionalistas interessavam-se pelos contos, lendas e canções populares, assim como pela antiga poesia germânica. O problema que se levantava é que esta literatura abordava uma interpretação atemporal e idealista desses elementos culturais. Houve até uma tentativa verdadeiramente empenhada de criar produções individuais, de carácter culto que estariam à altura de outras de cariz tradicional e popular. A intenção era provocar o despertar da consciência nacional que os

---

<sup>6</sup>É importante referir os poetas galaico-portugueses onde encontramos entre os mais antigos trovadores, o rei D. Sancho I, o seu filho Garci Sanchez, Nuno Fernandes, João Garcia de Guilhade, Pero da Ponte, João Soares Coelho, Martín Códax, João Zorro, Roy Fernandes, João Airas, D. Dinis que foi o rei trovador por excelência e Afonso X. Todos deixaram uma herança de poesia do tipo popular.

<sup>7</sup>Goethe que foi extremamente influenciado pelas ideias de Herder forma juntamente com Schiller e outros escritores o grupo *Sturm und Drag*. A influência de Herder é importante referir pois este expõe uma teoria que relaciona a poesia, a história e o mito, defendendo uma simbologia em que a poesia é a «energia imediatamente ligada à alma». Em 1778 reúne uma colectânea de cantares de vários povos, de onde extrai um importante estudo sobre o assunto (IÁNEZ, 1989).

<sup>8</sup>Brentano e Arnim assim como os Grimm buscavam a coesão da consciência nacional através dos contos e das canções populares. Tentaram estabelecer uma ligação entre o povo e os homens “cultos”, despertando um sentimento nacional de unicidade.



autores tradicionalistas românticos julgavam igual à original, sendo baseada no que chamaram *Volksgeist*, o espírito do povo. Mais do que um recuperar da literatura tradicional, era uma interpretação colectiva e histórica, cintada pelo idealismo romântico (IÁNEZ, 1989, pp. 69-70).

Teófilo Braga fala na importância do resgatar das origens tradicionais, onde se encontra uma grande produção natural assim como o próprio destino social, retirando a literatura da Europa do marasmo da memória em relação à Idade Média, cujo esquecimento diz ter durado seis séculos. Segundo ele, essa tarefa competia à Alemanha<sup>9</sup> que iniciara o movimento do Romantismo e aos outros povos que estavam em condições mais favoráveis de redescobrir os conhecimentos perdidos. Por ser a Alemanha era uma nação cujos hábitos filosóficos permitiam alcançar mais rapidamente a verdade de uma concepção racional e porque possuíam uma grande riqueza de tradições que sobreviveram ao poder do catolicismo. O autor refere o primeiro trabalho de Graaf que reconstituiu a velha língua alemã, o trabalho de Jacob Grimm que se dedicou à mitologia e ao simbolismo germânico. Refere igualmente as Epopeias da Alemanha, a que se dedicaram Wilhelm Grimm e Lachmann<sup>10</sup> (BRAGA, 1984).

De entre os vários autores alemães, dá-se aqui destaque aos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm pela importância dos contos que recolheram, pois revelam tradições não apenas alemãs mas também comuns ao resto da Europa, onde se encontram semelhanças nos seus traços essenciais. Instauraram uma nova era nos estudos das tradições antigas europeias com os *Kinder-und Hausmärchen* (1812). Pouco depois surge outra obra, a *Deutsche Mythologie* (Mitologia Alemã), que além da transcrição dos contos e dos relatos dos diferentes usos, crenças e cerimónias do mundo rural também se faz acompanhar de um estudo de extremo rigor científico. Através desse estudo desvendam o conteúdo popular que tinha sido desdenhado e considerado como vestígio de uma imaginação pueril, revelando o seu tesouro oculto que apresentava resíduos de um património muito antigo. Exibia o que restava da mitologia e dos rituais dos povos arianos, celtas e germânicos que tinham sido enublados tanto pela cultura latina como pela assimilação cristã (Pref. OLIVEIRA, COELHO, 2005, pp.13-39).

As tradições populares, de acordo com a visão dos irmãos Grimm e segundo Müller, representam um estágio avançado da transformação do pensamento, de que as palavras são símbolos que se identificam com o objecto que é o seu conteúdo e que deixam vestígios dos mitos e de conceitos religiosos arcaicos, que permaneceram no imaginário do povo. O seu estudo

---

<sup>9</sup>Segundo Álvaro M. Machado, o grande contributo da literatura alemã para a formação do Romantismo europeu foi de ordem essencialmente teórica. Refere que os pré-românticos alemães têm uma predisposição para formar grupos literários de onde saem teorias sobre a literatura e a cultura em geral mas também sobre a exaltação e apelo de um regresso às fontes nacionais e populares. O autor cita Friedrich Ehrenberg que enaltece a literatura alemã dizendo que a sua tendência se encaminhava directamente ao aperfeiçoamento moral do homem (MACHADO, 1985).

<sup>10</sup>Segundo Teófilo Braga, Bismarck aproveita esta corrente de renovação das tradições e funde assim todas as confederações numa unificação imperial.

científico deveria consistir na identificação dos fenómenos naturais que se situam na sua origem, isto é, o sol, a lua, a aurora ou certos acontecimentos meteorológicos, como afirma Adalbert Kühn, encontrando uma correspondência na raiz, nos textos védicos que remete para a mitologia comparada e para a filologia (Pref. OLIVEIRA, COELHO, 2005, pp.13-39).

Quanto à introdução da literatura romântica em Portugal é considerada por Saraiva e Óscar Lopes como sendo uma revolução comparável à revolução política de 1832-1834. Estes autores referem o ano de 1836 como o marco de início do nosso Romantismo, com *A Voz do Profeta* de Alexandre Herculano.

Os géneros cultivados pela nova literatura portuguesa são o romance e o drama histórico, tão caros a Garrett<sup>11</sup> e a Herculano, que vão beber à inspiração de W. Scott e Vítor Hugo. É também importante salientar a divulgação das ideias do Romantismo alemão, sobretudo de Schlegel, que Herculano nos dá a conhecer através de alguns artigos que publica no *Repositório Literário do Porto* (1834-1835). Aborda igualmente, nos seus artigos, a temática do teatro medieval e o interesse pelo folclore na revista *Panorama* de 1837 e 1840. Ambos se revelam autênticos estandartes de responsabilidade social.

Garrett em 1823 vai para Inglaterra e aí entra em contacto com o coração do Romantismo, o interesse pela Idade Média e por todo o imaginário que evoca desde as ruínas góticas ao folclore. É também em Inglaterra que surge a vontade de se dedicar a uma literatura nacional inspirada nas tradições locais de pano de fundo folclórico e nos textos anteriores à introdução do Classicismo. Segundo ele “o que é preciso é estudar as nossas primitivas fontes poéticas, os romances em verso e as lendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas (...). O tom e o espírito verdadeiro português, esse é forçoso estudá-lo no seu livro nacional que é o povo, e as suas tradições e as suas virtudes, e os seus vícios e os seus erros” (SARAIVA; LOPES, 2005, pp.675-699). Por toda a sua dedicação às raízes da nação enquanto compilador e estudioso da literatura folclórica, é essencial referi-lo no quadro dos defensores da importância da cultura popular.

Quanto a Herculano,<sup>12</sup> enquanto historiador romântico e grande difusor do Romantismo da primeira fase, é de destacar o seu culto nacionalista. Salienta o carácter colectivo do indivíduo

---

<sup>11</sup> Garrett teve uma formação arcádica enquanto Herculano formou-se sob a influência estética romântica alemã. Garrett assimilou o cristianismo sentimental de Chateaubriand e o relativismo histórico e nacional teorizado por Madame Stüel. A sua evolução para o Romantismo faz-se de um modo gradual, sendo importante lembrar que ele próprio não se considerava doutrinariamente romântico. Na sua obra existe um conflito latente entre a ideia cristã de pecado original e um certo erotismo. (SARAIVA; LOPES, 2005, pp.653-669, 675-699).

<sup>12</sup> A poesia de Herculano retrata problemas morais ou sentimentais que envolvem a paisagem ou as atitudes emotivas, que são um veículo para as suas reflexões, meditações filosóficas, morais e religiosas. Combateu as manifestações de descrença religiosa, o utilitarismo benthamista da ideologia burguesa britânica, defendeu os monumentos nacionalizados, apoiou a legislação que aboliu os direitos senhoriais e as ordens religiosas, que eram os alicerces do Antigo Regime. Foi o maior representante da teoria jurídica, económica e social do Liberalismo. De entre as suas obras é importante referir a compilação das *Lendas e Narrativas*. A *Dama do Pé de Cabra*, provavelmente a narrativa lendária mais conhecida foi inspirada nos *Nobiliários*. Tem como personagem central o Diabo sob a forma de mulher, acompanhada de cenários imaginários imprecisos que revelam os dois extremos do divino e do demoníaco que habitam o sagrado e o profano (SARAIVA, LOPES, pp. 705-722).

moral, que passa a ser visto como povo ou nação. Também se interessou pelo problema do ensino popular e geral, que segundo ele deveria substituir o ensino privilegiado da monarquia absoluta e a que desejava imprimir um cunho agrícola e técnico. Via no cultivar da cultura popular com a devida orientação prática a condição para se organizar o verdadeiro regime liberal. Absorveu as ideias dos irmãos Schlegel sobre a importância das literaturas medievais e das tradições populares como herança a descobrir. O seu poder comunicativo teria uma grande influência na Geração de 70 (SARAIVA; LOPES, pp. 705-722).

Tanto Herculano como Garrett retratam uma evocação medieval que enriquece o movimento que se entrega ao culto do passado através do regresso às raízes nacionais assim como uma tentativa de se reerguerem da decadência nacional.

Portugal, embora tenha tido os seus “iniciadores” no Romantismo em Garrett e Herculano, é na Geração de 70 que entra verdadeiramente no espírito que apelava ao estudo científico e comparativista da cultura popular enquanto expressão máxima da consciência histórica e de memória nacional. É esta geração que irá sistematizar e teorizar o que foi despertado por estes românticos da primeira fase<sup>13</sup>.

A elaboração crítica e sistemática da antropologia e da ciência etnográfica portuguesa inaugura-se depois de meados do século XIX, embalada pelos interesses literários despertados pela primeira geração romântica e inspirada pelas teses evolucionistas de Darwin na Biologia e de Spencer na Sociologia. Aparece como uma nova proposição da ideologia nacionalista liberal, fundada na tomada de consciência que exprimia também uma grande paixão pelos valores do génio nacional e da sua história. É também regida pelo influxo das várias correntes e orientações dominantes do resto da Europa (OLIVEIRA, COELHO, 2005, pp. 13-39). Deve-se sobretudo aos grandes nomes que iniciam os nossos estudos filológicos e que se dedicam aos problemas das tradições populares, repousando na esteira do folclorismo europeu: Adolfo Coelho, Teófilo Braga, Consiglieri Pedroso, Leite de Vasconcelos e mais tarde Rocha Peixoto.

Segundo Jorge Dias, Adolfo Coelho foi o primeiro a utilizar a palavra Folk-Lore<sup>14</sup> num artigo, “*Os Elementos Tradicionais da Literatura*”, publicado na revista *Ocidental*, em 1875. Este filólogo analisou inúmeras obras e contos que recolheu e que lhe deram a conhecer os costumes e

---

<sup>13</sup>A introdução do movimento Romântico em Portugal deve-se tanto às influências estrangeiras trazidas pelos emigrados conhecidos como estrangeirados (caso de Garrett e Herculano) como ao cariz político-revolucionário que o país possuía. A própria Geração de 70 acaba por se formar já depois de institucionalizado o Liberalismo em Portugal.

<sup>14</sup>O conceito *Folk-Lore* que origina o folclorismo passa a designar a disciplina que estuda todas as formas da cultura espiritual dos povos europeus, em suma todo um conjunto de ideias, costumes, atitudes e valores que enaltecem a cultura popular em toda a sua manifestação. Segundo Burke, um exímio estudioso da cultura popular, em fins do século XVIII e princípios do século XIX, o povo, a gente comum começou a despertar o interesse dos intelectuais europeus, numa altura em que a cultura popular era ofuscada pela força da revolução industrial. Era pedido aos camponeses da Europa que cantassem e também que contassem os seus contos. O interesse pela literatura oral tradicional fazia parte do objectivo de conhecer a sabedoria do povo, explorando os seus costumes dentro da religião, das festas e da música popular.

crenças populares. Estudou a fundo as superstições do povo alemão e do povo português<sup>15</sup>. Adolfo Coelho incarna o autêntico erudito oitocentista. Pertence à Geração de 70, é romântico mas o seu olhar é positivista. Além de estudar a fundo as tradições populares entrega-se à investigação nos domínios da Glotologia, da Etnologia, da Pedagogia e da História da Literatura (OLIVEIRA, COELHO, 2005, pp. 13-39).

É muitíssimo influenciado por Hegel e Proudhon. Afirma que na história “vê-se o espírito apropriar-se de forma incessante da consciência de si, isto é, da sua natureza, da sua independência e do seu destino” (COELHO, 1993). Ambiciona um tipo de ensino totalmente científico, baseado na separação da Igreja e do Estado. Defende o desenvolvimento pedagógico das ciências sociais, históricas e filosóficas. Critica de forma aguerrida as instituições pedagógicas portuguesas, o que provoca uma grande polémica na altura, sobretudo a nível universitário.

Elabora a recolha de contos populares portugueses, tendo o cuidado de efectuar duas obras: uma científica e outra dedicada às crianças que edita no fim dos anos 70. Expressa preocupação em dar a conhecer o património à infância através da compilação de contos nacionais, de rimas e jogos infantis que residem também na nossa memória, lembrando que já fomos crianças e que ao preservarmos os seus traços fazemos parte da História.

---

<sup>15</sup>Também se fundamentou em outras fontes. Recorreu à obra de Elard Hugo Meyer e a um livrinho de um investigador, Dr. Albert Hellwigique. Pretendia conhecer também o lado negro da superstição e da sua relação com o crime para deste modo compreender a relação que as pessoas tinham com esse mundo, pois as crenças supersticiosas fazem igualmente parte da cultura popular. Concluiu-se então que a superstição pode induzir ao crime: a crença arrasta pessoas convictas a ofensas contra os seus semelhantes ou a propriedades para obterem certas vantagens para si ou por malevolência contra essas pessoas, sem intuito de vantagens, ou ainda com boas intuições. Mas também indivíduos que não possuem as referidas crenças servem-se delas para burlar os crédulos (PEDROSO, 1988).

## 1 – Os Tempos e os lugares – A Idade Média Europeia

Segundo um bispo Adalberon de Laon, por volta de 1030 distingue-se um esquema trifuncional, constituído por três ordens que edificam a sociedade cristã: "*Oratores, Bellatores e Laboratores*", os que oram, os que lutam e os que trabalham. É à volta destes três elementos que se construiu a ideia que temos de Europa e da sua metamorfose cultural até esta se tornar uníssona (GOFF, 1989).

A Idade Média divide-se em duas: a Alta Idade Média (séc. IV/V-XII) e a Baixa Idade Média (séc. XII-XV). É difícil estabelecer balizas exactas para quando começou uma e acabou a outra pois fazem parte de um contínuo que, segundo Le Goff, prossegue com o emergir de uma "nova" época, o Renascimento<sup>16</sup>.

Na primeira fase coexistem várias culturas europeias, grande mobilidade da população e dos povos e na segunda fase é quando esses povos se estabelecem como culturas e revelam traços comuns que os unem pelas semelhanças passando a ser uma só cultura europeia face às outras culturas. Dois factores contribuíram essencialmente para essa coesão: a língua e a religião.

No que respeita à língua, o latim era a língua comum partilhada pelos "cultos" da Europa, dominada pela Igreja e pelo que representava o Estado feudal e senhorial. Era uma forma de entendimento paralelamente aos vários dialectos que abundavam.

O Cristianismo era a religião pretendida como única, face às outras que seriam pagãs, e teve uma importância cabal para o tecer desta coesão, quer o sentimento religioso tenha sido cimentado pela devoção ou pela imposição<sup>17</sup>. A relação do homem medieval com Deus penetra assim em todos os aspectos da sua vida e da sua relação com o mundo. Esta relação é mais do que teocêntrica, é teológica e antropocêntrica ao mesmo tempo (VOISENET, 2000/DUBY, 1988).

Na Alta Idade Média, em nome de Deus e do culto que se Lhe faz, acaba por se observar também o culto dos "homens" que se entregam a uma religião e regem as suas vidas à volta dela mas que, tal como em qualquer outra religião interpretam o que está em seu redor e para além desse limite de acordo com as suas convicções e meio ao qual pertencem. Investem os reis soberanos de um poder sagrado, tornando-os representantes de Deus na Terra e a Igreja que os apoia (desde que se sinta também apoiada) possui um séquito de intermediários que transmitem as palavras de Deus através da oração.

---

<sup>16</sup>NO Homem Medieval, Le Goff retrata a Idade Média dividida em duas, primeiro mostra a evolução da Cristandade entre o ano 1000 e o século XII (Alta Idade Média) e depois, representa a Baixa Idade Média, que antecede uma nova Idade Média, o Renascimento.

<sup>17</sup>O Estado apoiava a Igreja em relação à unificação religiosa, pois várias fés resultavam muitas vezes em conflitos e instabilidade, pelo que era importante accionar mecanismos que promovessem a paz nem que essa paz fosse coerciva e castradora de direitos e escolhas. A conversão era a opção que tinham face à expulsão e à perseguição. " (...) a reconstituição da unidade ocidental pelos carolíngios dá-se em três direcções: a Sudeste na Itália, a Sudoeste em relação à Espanha, a Este na Alemanha. (...) A Este, Carlos Magno inaugurou uma tradição de conquista em que se misturavam o massacre e a conversão, a cristianização que a Idade Média viu durante muito tempo ser exercida pela força." (GOFF, 1964, pp. 65; 87;)

No entanto, o poder do rei torna-se perigosamente “decorativo” na idade feudal, o que não agradou à Igreja que dependia imenso dele, no que se refere ao estar isenta de impostos entre outros factores. Apesar do carácter sagrado do rei quem detinha o verdadeiro poder eram os príncipes, os duques e os condes, os grandes senhores que agora tentavam apossar-se do poder de decisão. Ninguém venerava um rei que cessasse de pilhar e conceder riquezas e prestígio, pois tratava-se de um jogo de interesses mútuos (MATTOSO, 1993, pp. 165-202).

As relações vassálicas prendiam pelo dever amos e servos e, por sua vez, todos deviam vassalagem ao Senhor das Alturas. Ao rei continuavam a prestar vassalagem como era obrigação, mas a dedicação dependia da recompensa.

Em nome da relação vassálica devocional que todos os senhores tinham com Deus, recorriam à oração, à esmola que valeria tanto quanto a oração e à peregrinação<sup>18</sup> que era uma penitência muito louvável, para agradarem ao seu Suserano, desde que esta não culminasse em vagabundagem. Faziam-no para que os seus pecados fossem absolvidos e garantir assim o seu lugar no céu. Todos deveriam respeitar as funções e os deveres da classe e ordem a que pertenciam embora isso nem sempre acontecesse<sup>19</sup>.

Os monges do alto clero eram letrados, detinham o conhecimento e portanto o poder da sabedoria, além do da Oração. Não deveriam lutar embora isso acontecesse sempre que fosse necessário, prova disso são os monges guerreiros.

A cavalaria possuía o poder da espada. Era iletrada porque assim o decidira, não fosse o conhecimento sensível estragar a alma de cavaleiro... (DUBY, 1988).

Quanto ao povo trabalhava em troca de protecção e permissão para caçar caça miúda, recolher frutos, ganhar o seu pão com a frágil agricultura no espaço que podia ocupar. Tanto o camponês como o cidadão medieval representavam o sustentáculo de toda a pirâmide social, pois era com a sua força de trabalho, os “braços e as pernas” do grande corpo que era a sociedade.

No entanto, a “cabeça” era o que comandava o resto do corpo. Segundo o monge Raul Glaber<sup>20</sup>, o progresso só podia ser espiritual. A Cristandade ganhava terreno<sup>21</sup>. O poder da Igreja e

---

<sup>18</sup> Em 1179, a Igreja reclama segurança para os viajantes, camponeses e comerciantes. (GOFF, 1964, pp. 65; 87).

<sup>19</sup> No entanto, é importante referir no que respeita às relações vassálicas, ao Feudalismo e à sociedade feudal em geral que se trata de um conceito que não se pode aplicar a todo o Ocidente cristão. Os direitos do senhor sobre o servo, o vilão, não tinham a mesma força em todo lado (HEERS, 1965). No fim do séc. XII aparecem os primeiros tratados de Direito feudal em França e na Alemanha. No caso de Portugal José Mattoso, fala de uma sociedade senhorial e feudal. A influência do Direito romano era também bem patente pois o país depois de ter estado sob o poder do Código Visigótico passou a ser regido juridicamente pelo *Corpus Iuris Civilis* até à entrada em vigor das *Ordenações Afonsinas* no século XVI.

<sup>20</sup> Perante os problemas do quotidiano, as adversidades e as calamidades, o homem medieval voltava-se para os céus. Raul Glaber (1044) foi um historiador do ano 1000. Interpretou os signos do céu e acreditava que os cometas indicavam o desejo de Deus e a vinda de adversidades (COSTA, R., 2002).

<sup>21</sup> A Cristandade afirma-se por volta do ano 1000 dando uma reviravolta na maneira de pensar a Europa e ajudando de certa maneira a criar o seu conceito para além do espaço geográfico, tendo repercussões até hoje. Esta empreendeu um grande movimento de construção que certamente desempenhou um papel essencial no progresso do Ocidente medieval entre o séc. X e XIV. A sua influência estimulou a economia. Assistiu-se à produção de obras em pedra, madeira e ferro, à introdução de técnicas e à fabricação de utensilagem para a extracção, o transporte e o levantamento de estruturas de peso considerável, ao recrutamento de mão-de-obra, ao financiamento de trabalhos, enfim todo um ambiente de locais em construção e de indústria medieval que deu vida a catedrais, igrejas de todas as dimensões, de construções com fins públicos e económicos como as pontes e de

a relação com o poder Real e o da Nobreza tratava-se de um jogo de interesses, de apoios que convinha alimentar se fossem para ser mantidos<sup>22</sup>.

Os cavaleiros detinham um grande poder nas mãos pois eram os que lutavam. Enquanto cavaleiros, juravam proteger os inocentes, não atacar os indefesos, não lutar em solo sagrado e castigar os infiéis, sendo estes últimos, os que não professavam a mesma fé. Porém, quem detinha a riqueza detinha o poder e uma grande parte ia para os mosteiros.

As comunidades religiosas eram dotadas de terras e de uma grande “domesticidade”. Tinham contacto com o exterior embora este fosse muito reservado. Acolhiam peregrinos, alojavam grupos de servidores, e era para o seu seio que vinham as corveias. Traziam os frutos dos domínios, o produto das rendas e acumulavam as reservas de alimentos nos celeiros. (DUBY, 1988). No entanto, regra geral, os frades costumavam viver fechados para o mundo exterior. O espaço monástico era um mundo interior, tendo como centro o claustro que era composto pela sala de reunião, o refeitório e o dormitório. “Quadrado, coordenado com quatro pontos cardeais e quatro elementos da matéria criada, o claustro arranca um lanço do Cosmos ao desregramento que o afecta. Restabelecem-no em proporções harmoniosas. Aos que escolheram retirar-se para ele, fala linguagem acabada, cumprida do Outro mundo” (DUBY, 1988). Trata-se de um lugar de meditação e interiorização de conhecimento. A imagem deste espaço transmite, associa e reflecte-se por isso na força das palavras contidas na oração.

A imagem tem uma função contínua que, além de perpetuar a oração, funciona também como um diário. Um bom exemplo disso são os capitéis do claustro que são historiados. Neles é contada uma história e o imaginário que a acompanha, servindo como uma forma de prevenção contra as chamadas forças hostis, que armam emboscadas, tentando desviar o fiel do seu caminho rumo à salvação. O claustro usa a imagem como escudo contra o Inimigo, Satanás<sup>23</sup>. As formas e os vultos que assume têm garras e as mulheres são vistas como os seres que se deixam mais facilmente corromper aos olhos dos religiosos, susceptíveis de incorporarem em si ou servirem ao Diabo.

Os artistas usavam várias influências para representar o Inimigo. Faziam uso das decorações bárbaras que parecem vir dos povos dos Mares do Oeste, da Irlanda, da Inglaterra e da Escandinávia. Não havia nestas regiões bases romanas, pelo que o contacto com a influência

---

casas de ricos, que eram cada vez mais construídas em pedra. Tudo isto porque havia a necessidade de alojar a população que se tornara numerosa e prover-lhes condições para que pudessem viver de forma condigna e expressar a sua fé e devoção. O tamanho das igrejas dependia assim do tamanho dessa demonstração de fé e aderência às missas. (GOFF, 1964, pp.65; 87).

<sup>22</sup> (...) as comunidades religiosas puseram em circulação uma parte de ouro e de prata acumulados nos tesouros ou trazidos pelos cavaleiros das suas expedições aos confins do Islão”. (DUBY, 1988).

<sup>23</sup> A arte imperial, a arte clássica não representavam o diabo mas a arte monástica instala-o à boca do palco. Acolhendo as crenças que os clérigos carolíngios se tinham esforçado por rechaçar, o cristianismo dos monges anexou um folclore funerário. Aos monges que tentam vencer o terror do Diabo e descrever o que viram não apresenta o rosto da sedução que a psicologia menos rude do século XIII lhe reconhecerá. Para o cristão convicto trata-se de um monstro que nasce do pesadelo. (DUBY, 1988).

romana só se traduziu pelo retorno ao classicismo imposto pelos imperadores. O Cristianismo introduzira-se assim, nos mitos da cultura indígena. Também deram corpo a fantasmas, criaturas aladas que o Oriente inventara, sereias e também à conjugação de duas naturezas perversas, tidas como parentes: a mulher e os animais dos Pântanos (DUBY, 1988).

No caso de Portugal é importante referir primeiro as particularidades do espaço geográfico. Este é dividido segundo Mattoso, no entre Douro e Minho e o que está fora desse limite. No Entre Douro e Minho, foi onde o regime senhorial se salientou mais<sup>24</sup>. O destino dos camponeses dependia dos recursos dos senhores que também estavam condicionados por outro poder. Existia um bom número de comerciantes, burgueses e intermediários, que davam vida às trocas comerciais, investiam os lucros na terra e isso minava as relações de dependência dos camponeses face aos senhores, sobretudo quando os camponeses podiam escolher os seus senhores.

Isto é o que acontece ao regime senhorial fora de Entre Douro e Minho sendo de salientar que algumas comunidades rurais obtiveram no século XIII, o privilégio de escolherem os seus próprios protectores, dando origem a beatrias. Havia mais beatrias na zona mais acidentada do Marão e no vale médio do Douro. Em Trás-os-Montes, mantiveram a sua organização comunitária até ao fim do século XII e até mais tarde, mas acabaram por se render à invasão dos nobres, que se apropriaram dos direitos senhoriais (MATTOSO, 1993, pp. 165-202).

A vaga senhorial dirigiu-se também para sul do Tejo, ao abrigo das concessões às ordens militares, fê-lo sem dar lugar, antes do fim do século XIII, a uma organização orientada para a produção. Depois da conquista de Alcácer do Sal, em 1217, a vasta planície alentejana tornou-se uma zona de latifúndios, pertencentes na sua maioria à Ordem de Santiago, no Alentejo ocidental e no Baixo Alentejo. O ordenamento senhorial estava sob a orientação desta ordem e dos monges militares do Crato, de Évora e do Templo. Tomava conta da pecuária transumante e talvez já, em alguns lugares, da produção de cereais e outros géneros alimentícios para o mercado. (MATTOSO, 1993, pp. 165-202).

O rei também se adapta ao regime senhorial. Alarga as exacções senhoriais aos descendentes de cultivadores livres ou proprietários de alódios que ainda viviam à margem dos senhorios, exige prestações de origem pública como se fossem senhoriais, entrega aos mordomos e juízes, depois aos meirinhos, a administração senhorial destas terras e organiza as inquirições para fixar os seus direitos<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup>Senhores com o poder das armas e o controlo do serviço de poderes públicos dominam uma numerosa massa de homens que se dedicam à agricultura intensiva. Sustentam-se da capacidade produtiva dos camponeses. Na periferia, os senhores são mais poderosos. O seu poder parece basear-se mais no domínio público sobre territórios vastos, sustentado por forças militares capazes de percorrer grandes distâncias a cavalo, de exigir prestações pela administração da justiça e pela protecção militar, não só dos agricultores, mas também dos pastores e caçadores das áreas montanhosas (MATTOSO, 1993, pp.165-202).

<sup>25</sup>O rei promove a expansão senhorial, orienta-a em seu benefício, embora o facto de ser responsável pelo poder público altere as suas relações com



Os priores das ordens militares, os eclesiásticos e alguns leigos que se fixaram no Centro e no Sul concederam cartas de foral semelhantes às que o rei concedia, garantindo alguma autonomia aos municípios, fomentando actividades produtivas e mantendo a uniformidade regional das instituições concelhias. Fê-lo devido à necessidade de conquistarem a colaboração dos dependentes na organização militar e também em nome da prosperidade dos concelhos urbanos dependentes do rei ou pelo interesse em atrair povoadores a terras incultas. Assim se criou um regime, em que se associa o senhorial ao concelhio (MATTOSO, 1993, pp. 165-202).

No que respeita às mudanças, estas também sucederam a nível da moral e dos costumes. Uma das mudanças, embora tenha sido lenta, deu-se a nível do registo da oralidade e da escrita. A escrita caminhou a passos lentos até ao século XIII, pelo que só praticamente os clérigos a dominavam. A sociedade regia-se na sua maioria pela oralidade, mas o registo escrito tornava-se cada vez mais necessário para compensar a memória e para ter um melhor e maior controlo do que se passava em sociedade e das suas actividades públicas.

A partir de 1200, as coisas mudam. Um dos factores de mudança é a decisão de Afonso II em instaurar o notariado, como foi o caso de Lisboa, Santarém, Leiria e Guimarães. No entanto só se generalizou a partir de 1250. A difusão do notariado foi um dos factores que mais contribuíram para difundir a escrita e formalizar as acções jurídicas, assegurando a sua estabilidade no tempo. A escrita tornou-se por isso um instrumento político e administrativo essencial para a organização dos poderes (MATTOSO, 1993, pp. 165-202).

Embora a sua difusão tenha-se dado para facilitar as questões práticas de um quotidiano virado para os assuntos públicos, é importante salientar que também o foi para o cultivar da sabedoria e da transmissão de uma cultura literária que se perderia na oralidade e que estava sujeita às mil versões do que é popular, não querendo diminuir o valor da cultura popular que é tão fundamental para conhecermos as nossas raízes. A grande questão é que, apesar dos progressos que a difusão da escrita teve nessa altura, esta só abarcava a elite e mais alguns privilegiados que conseguiam ter acesso à leitura e por vezes à escrita. Assim o foi até chegar ao século XX. No começo deste século, apenas 10% da população portuguesa tinha acesso à instrução (INE, dados de 1900).

No que diz respeito à religião, é de salientar a luta da Igreja contra a superstição e a magia e tudo aquilo que considerava heresia<sup>26</sup>, o que indirectamente remete para a religião popular envolta

---

os dependentes. Este facto é o maior obstáculo à senhorialização e revela-se sobretudo nas cidades e centros urbanos, onde a concessão de cartas de foral preserva ou cria instituições de direito público, que, no primeiro caso, prolongam organizações comunitárias anteriores e, no segundo, as imitam, fazendo de todos eles a principal base do processo de centralização régia (MATTOSO, 1993, pp. 165-202).

<sup>26</sup> A questão da heresia era extremamente delicada pois o homem medieval estava exposto quer acreditasse ou não nas forças sobrenaturais. Era condenado por acreditar e recorrer a essas forças, sendo julgado não pela crença mas sim pela heresia em si. No entanto também era condenado se afirmasse não acreditar. No *Malleus Malificarum* refere que não acreditar em “Bruxas”, consideradas seres sobrenaturais, era heresia pois essa crença

em estórias de feitiçaria e bruxaria<sup>27</sup>. A vigilância das autoridades religiosas só é menos implacável em alguns acontecimentos religiosos que não estão tão ligados à magia, mas cujas raízes são pagãs, como é o caso das romarias, do culto dos santos e de algumas procissões. A nobreza senhorial dava apoio às ordens religiosas e à celebração litúrgica.

Outro factor que se salienta na mudança da mentalidade religiosa é o fenómeno das devoções que prolifera desde a segunda metade do século XII e durante todo século XIII. Apesar da confiança depositada em alguns objectos e acções materiais não está livre de uma mentalidade mágica como indica Mattoso. As devoções aos santos e a tudo o que lhes diz respeito representam uma novidade em relação às práticas anteriores, pois fazem apelo ao investimento pessoal do indivíduo que as pratica, o que contribui para cimentar o individualismo e a dedicação a uma religião. Segundo Mattoso sucede em todas as camadas sociais mas é mais precoce em meios urbanos do que nos meios rurais<sup>28</sup>.

O monge era o homem que se separava do resto da sociedade por ter uma relação de grande proximidade com Deus. A sua vida é dedicada à oração, à meditação e à penitência. Procura conseguir a sua salvação e a salvação dos Homens.

O cidadão medieval existia em oposição ao camponês. A mulher medieval, segundo Christiane Klapisch-Zuber, é caracterizada pela sua posição, pelas suas funções no espaço da família e a ideologia medieval faz da mulher um ser falso e tentador, seguidor de Eva mas também necessário para a existência da família, para a procriação e para o controlo da sexualidade, que era considerado o principal perigo para o cristão<sup>29</sup>.

Numa época dominada pela religião, o modelo do que deveria ser o homem e a mulher era definido por essa condicionante e pela ciência religiosa, a teologia. Para a antropologia cristã medieval o homem é a criatura de Deus pois Ele fez o homem e concedeu-lhe o poder de dominar a natureza para sobreviver. Depois do episódio da maçã foram expulsos do Paraíso e condenados à

---

fazia parte do que a Fé Católica acreditava, tal como acreditava na figura do Diabo.

<sup>27</sup> Através da crença na magia e num culto que se dedicava à feitiçaria, todo um sistema de representação se abre sobre o mundo, o das relações entre o humano e o sobrenatural, a dos papéis que cabiam ao homem e à mulher nas sociedades do Antigo Regime e que vê a evolução do seu mito se entranhar no fio do tempo.

<sup>28</sup> "A variedade de santos protectores é imensa, tanto inspiram a devoção ao nome e à invocação da Virgem Maria, como à Cruz, ao Espírito Santo ou à Eucaristia; renovam as peregrinações, colorindo-as com narrativas maravilhosas, que justificam a visita a igrejas e lugares santos em Roma, Jerusalém e outros santuários; inspiram, entre muitas outras, a devoção a santos protectores de santuários; santos protectores de determinadas categorias profissionais atribuem méritos especiais à prática das obras de misericórdia, sobretudo a esmola, a construção de pontes e a redenção de cativos. Algumas destas devoções são reveladoras da nova mentalidade. É o que acontece, por exemplo, com a peregrinação pois já não se tratava apenas de empreender a viagem como um acto de penitência pessoal, mas de pagar a ida de alguém, partilhando, assim, os seus méritos. Ou, então, com a devoção ao Espírito Santo, que inspira a criação de confrarias e um culto público especial, ligado, segundo parece, com as doutrinas de Joaquim de Flora, e que suscitou a adaptação de práticas de origem pagã, assegurando-lhe um enorme sucesso popular e uma permanência até aos dias de hoje. É também de salientar a devoção por Maria, que inspira as numerosas colecções de milagres de Nossa Senhora e a mais célebre de todas, a das Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio. Tudo isto pode estar ainda impregnado de mentalidade mágica, na medida em que supõe uma crença na eficácia automática e «sacral» das práticas, mas a referência aos santos e às pessoas da Santíssima Trindade altera-lhes lentamente o sentido, para se poderem tornar conciliáveis com a infinita liberdade divina" (MATTOSO, 1993, pp. 255-267).

<sup>29</sup> Por outro lado, a Idade Média conceptualiza um ideal de mulher que se opõe à antítese que renega e remete-a para o espaço privado e para a família. A mulher casada é vista como mãe e não como mulher no seio de um lar, desenvolvendo a imagem de mulher-anjo e mulher maternal, que é mantida e reforçada no século XIX como a mulher, fada do lar.

pena da mortalidade, o homem foi votado ao trabalho manual e a mulher às dores do parto.

A cristandade medieval oscilava entre a imagem positiva e a negativa do Homem. Quanto à imagem positiva, o homem era visto como um ser divino, criado por Deus à sua semelhança, associado à sua criação, impelido a encontrar novamente o paraíso que perdera devido à sua fraqueza, mas de cuja culpa se redime pelos seus actos quotidianos. Quanto à imagem negativa, existe o pecador que não abandona a vida de pecado, renega Deus e arrisca-se a perder o Paraíso em nome dos pensamentos pecaminosos e do seu desejo carnal.

A visão pessimista do homem está presente em toda a Idade Média, mas sente-se de maneira mais afincada na Alta Idade Média, desde os séculos IV a X e também nos XI a XII. A partir do século XII e XIII, passa a haver uma imagem optimista do homem, reflexo da imagem divina, capaz de continuar a criação na terra e de se salvar. Esta imagem manteve-se, pelo menos, até novas calamidades assolarem o homem na Europa.

As calamidades costumavam vir de maneira cíclica, pois períodos de grande prosperidade eram seguidos por períodos de grande carência em que poderia haver um aumento demográfico<sup>30</sup>, guerras, fome e peste acompanhadas por catástrofes naturais que consequentemente ceifava muitas vidas e deixava os campos ao abandono. Assim, a floresta que os rodeava ganhava e perdia terreno que estava arroteado consoante o estado da situação<sup>31</sup>.

Mas já na época carolíngia, o cristianismo latino optou pelas imagens, dando lugar ao antropomorfismo cristão. As relações entre o homem e um Deus, que ele pode representar com aspecto terreno, humano, são profundamente marcadas por esse facto.

O homem da Teologia medieval luta contra o mal e o que considera como sendo forças do Mal<sup>32</sup>. A batalha entre os dois poderes é travada na alma do homem que é abandonado à sua vontade, à sua consciência ou como é mais conhecido ao seu livre arbítrio.

---

<sup>30</sup>Embora a fome tenha sido uma realidade constante na vida do homem medieval, é importante salientar alguns dos períodos de grande fome: 941-942; 1005-1006; 1032-1033; 1043-1045; 1124-1126; 1144-1146; em 1151 (Grande Fome, sobretudo na Alemanha); 1196-1197; 1217-1218; 1224-1226; em 1271-1273 em algumas regiões do que viria a ser a Alemanha e o contexto da primeira metade do século XIV, com a Grande Fome de 1315-1317, que foi a primeira grande crise que atingiria a Europa nesse século. A Grande Fome sentiu-se principalmente na Alemanha, no Norte da França, na Escandinávia, na Inglaterra e na Irlanda. A fome seguiu-se ao grande aumento demográfico de 1100-1300. Este facto a juntar-se à enorme instabilidade climática e às más colheitas resultou na escassez miserável de recursos para alimentar a população. Os governos começaram a controlar o peso e o tamanho do pão, os preços dispararam, havendo uma diminuição no consumo mas as pessoas precisavam comer. O resultado foi níveis extremos de actividade criminal, doenças e morte em massa, infanticídio, assassinato/abandono de crianças que eram deixadas à sua sorte como aparece retratado no conto *Hansel e Gretel* e até casos de canibalismo que parecem ter inspirado este conto. As pessoas comiam qualquer coisa para sobreviver, desde raízes, casca das árvores até animais mortos que tinham morrido de fome ou por doença e quando só restavam os corpos humanos também estes doentes, o instinto da fome falava mais alto e o homem dava lugar ao animal selvagem. Esta crise e as que se seguiram acrescentando-lhes a peste negra, *la mort noire* (1338-1375) como dizem os franceses ceifaram um número incalculável de vidas e revelaram o lado negro da humanidade. Teve repercussões na mentalidade da Igreja, do Estado e da sociedade europeia. Todas as classes sentiram a grande crise, mas os camponeses que representavam a maioria da população foram os mais afectados (GOFF, 1964; ROSENER, 1994; JORDAN, 1996).

<sup>31</sup>Segundo Giovanni Cherubini, o camponês no início do século XIV, vê duplicar a população do Ocidente do ano 1000, ceifada depois, até meados do século XV pela já referida trilogia da desgraça, isto é, a peste, a carestia e a guerra mas também tem como espaço as paisagens agrárias e de tipos de Habitat, densos ou disseminados, e a luta contra a natureza, com os arroteamentos e os *polders*. Apesar de estar votado à fragilidade da agricultura e à escassez de rendimentos é um homem de culturas especializadas da vinha, da oliveira, da castanha, que também se dedica à exploração de recursos marginais enquanto pastor transumante, trabalhador dos bosques. O homem vive muito ao ar livre, no Inverno mata o porco e come-o lentamente à volta da fogueira. Na altura das caçadas é-lhe permitido ir atrás da caça miúda. (GOFF, 1989/HEERS, 1965).

<sup>32</sup>O Cristianismo condenou o Maniqueísmo, mas para os heréticos como os Cátaros (movimento religioso dissidente da Igreja Católica) que não fazem a separação entre o Bem e o Mal, existe um único Deus que pode ser bom e mau, o que o torna mais próximo do humano.

O homem está sempre pronto a responder com uma penitência a uma calamidade que considere catastrófica ou sobrenatural. A partir do IV Concílio de Latrão em 1215, era obrigação de todos os cristãos irem pelo menos uma vez por ano à confissão e depois a cumprirem penitência (GOFF, 1989).

Esta urgência em redimir-se dos pecados provém de uma tomada de consciência por parte do homem medieval inculcada na sua mente, quer fosse pela influência da Igreja quer pelas suas crenças e superstições pessoais que assolavam tanto o indivíduo como o colectivo a que pertencia. Descobre-se na morte incarnada e teme ser julgado. O crucifixo domina todo o imaginário de devoção que combate as crenças heréticas. Prepara-se para a viagem da alma enquanto está vivo e vela os mortos com dedicação. “A Igreja concentrara o seu ensinamento dogmático na Unidade de Deus em três pessoas” (DUBY, 1988). Trata-se de uma imagem da Trindade ligada ao calvário de quem sofreu por nós, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a que o cristão diz *Ámen*.

A Idade Média deu assim as bases para haver um sentimento de coesão de uma Europa que se unia pelas semelhanças mas que também se distinguiu pelas diferenças e pelas formas de governar a sociedade e ditar costumes, em que a política andava de mãos dadas com a religião e prestavam vassalagem uma à outra para garantir o sucesso do sacramento dos seus propósitos. Assimilou raízes da Antiguidade, sobretudo de influência romana e, por sua vez, concedeu-nos um terreno onde encontramos as nossas raízes europeias.

## 2 – Os tempos e os lugares – O Século XIX e o Romantismo na Alemanha e em Portugal

O Romantismo é um movimento cultural que emergiu em finais do século XVIII e se prolongou pelo século XIX, marcando a mentalidade da época a nível cultural, político e económico assim como social.

São de salientar as disciplinas, os elementos e as figuras que contribuíram para este movimento como a filosofia de Rousseau, os movimentos ideológicos que resultaram no despertar da consciência nacional e nos vários nacionalismos, o ideal do Liberalismo<sup>33</sup> acalentado pela Revolução Francesa de 1789, assim como os que se opunham à sua ideologia. É também importante referir que se trata de uma época de transição, em que se dá a instauração de uma nova ordem política e social que acompanha o ascender da classe média/burguesa em comparação com um certo apagamento da aristocracia com o fim do Antigo Regime. A estética romântica vai ao passado procurar respostas através das fontes que lhe conduzem às origens nacionais.

É uma época criadora de -ismos<sup>34</sup>, isto é, de vários movimentos que partilham do mesmo sufixo (-ismo) e se incluem num só que os alberga como um grande “hiperónimo”. O Romantismo é assim, uma época que tem como características o individualismo, o cultivar do Eu que surge como reacção ao Classicismo mas, no entanto, transporta em si traços de um universalismo colectivo<sup>35</sup>.

Crouzet retrata o homem romântico enquanto ser dominado pelo seu estatuto filosófico e religioso. As relações do homem com o sagrado traduzem uma nova maneira de ver o mundo. O século XIX é o século da revolta e da revolução, em todos os sentidos, cheio de messianismos laicos, “mata” Deus, perverte o sagrado tornando-o profano e terreno. O homem assume-se como Prometeu insatisfeito (CROUZET, 1965, pp. 476-489).

Na primeira geração o homem romântico é sentimental. Sintetiza toda a emoção através do

<sup>33</sup> O Liberalismo trata-se de uma referência ideológica. Segundo Urbano Rodrigues no começo do Romantismo, muito devido à emigração intelectual forçada, ligada à insurreição dos liberais, Portugal abriu-se à Europa. A introdução do drama do destino com o *Frei Luís de Sousa* de Garrett, só é possível porque este leu Schiller, Zacarias Werner e Goethe, em traduções francesas, e leu Victor Hugo e os romances históricos de Walter Scott, tal como depois também o fez Alexandre Herculano. Assim nasceram romances portugueses e ao mesmo tempo europeus como *Eurico o Presbítero*, de Herculano. A influência do medievalismo que emerge em Portugal como o *Romanceiro* de Garrett e toda uma série de poemas romancistas, por fim já desgastados, como *O Noivado do Sepulcro*, de Soares de Passos, os primeiros vazios de Castilho ou *A Lua de Londres*, de João de Lemos. (RODRIGUES, 2005).

<sup>34</sup> Segundo Crouzet a vergonha de ser-se quem é, está presente em todos os «-ismos» do século que exalta o homem e a sua autonomia, quer o romantismo seja transcendente, quer o próprio ateísmo seja ainda orientado pelo cristianismo, Girard demonstra-o a partir dos romances. Em Stendhal o ser apaixonado, pleno de vaidade, é um ser de fé; um Anticristo: sol negro dos seus discípulos, «Deus sob a face humana», é objecto de um culto negativo (CROUZET, 1965, pp. 476-489).

<sup>35</sup> Segundo Kohlhauser definir o romantismo na “época cultural” não pertence só à perspectiva histórica. É necessário situá-la individualmente no que respeita ao país e à sua história mas no entanto é universal para além das particularidades nacionais. Ligada tanto na Alemanha como na Itália ao despertar das nações e das literaturas nacionais ou «índigenas», por um lado valoriza a especificidade cultural, pois parte de uma história ou de uma geografia particular, afirmando a relatividade fundiária de todas as culturas, em nome de uma equivalência geral dos lugares e dos tempos. Tem vocação para o universal, como um outro romântico dirá, a sua visão utópica de uma Europa dos povos solidários funda a identidade dos povos ou nações na consciência histórica da sua diferença, o romantismo eleva a cultura ao princípio de uma história plural e nas suas diversas manifestações, universaliza a história. Onde o eterno clássico participa de uma só e hipotética natureza humana, o romântico visa um «universal histórico», onde todos os homens se valem de uma mesma relatividade. «Não é o homem de todos os tempos, é o homem de todos os espaços. (Camus).» (KOHHLHAUSER, 2001, pp.5-29).



amor, que é o sentimento desencadeador da acção humana e que na sua multiplicidade faz mover a sociedade<sup>36</sup>. É também conotada como irracionalista e entregue ao carácter fantástico, sendo de salientar nomes da literatura e da pintura como Shelley, Edgar Poe, Fussli, William Blake e Goya. Todos revelaram um interesse peculiar pelo sonho, pelo feio e pelo pesadelo, pela natureza humana, prestando culto à Idade Média, (ao regresso ao passado através de revivalismos, do interesse pela história como aparece patente em Alexandre Herculano, pelas origens primitivas e populares como é o caso de Garrett e de Goya), ao misticismo, revelando devoção pelo nocturno, pelo vínculo entre o natural e o sobrenatural<sup>37</sup>, pela paisagem, pela subjectividade, pelas narrativas individuais, por um quotidiano trágico e pelo individualismo (o homem é visto como um herói solitário)<sup>38</sup>. A sua força estética deve-a a escritores como Novalis, Victor Hugo, Byron, Georges Sand e Walter Scott.

Em Portugal, o Romantismo possui um carácter nacional mas a sua influência é estrangeira. A primeira geração romântica portuguesa destaca os seus dois pioneiros, Garrett e Herculano que receberam as suas influências românticas do exterior, nomeadamente França, Inglaterra e Alemanha. Álvaro Manuel Machado refere que dois factores foram determinantes na formação do Romantismo português: a difusão dos grandes modelos românticos franceses, de que beneficiaram graças ao exílio ou de outras nacionalidades, conhecidas praticamente sempre através de traduções francesas. Por outro lado, um imaginário romântico influenciado por uma ideologia política nacionalista que, por sua vez, era influenciada pelo universalismo da Revolução Francesa. Poderá traçar-se então um paralelo entre romantismo literário e o romantismo histórico-político em Portugal, que vai desde Garrett e Herculano à Geração de 70.

Com a Geração de 70 o pensamento francês serviu de intermediário para compreender o pensamento alemão, até porque nem todos dominavam a língua alemã e tinham que recorrer a traduções francesas, sendo o problema centrado mais na barreira linguística do que cultural embora não se possa negar a enorme influência que teve a esse nível. Sente-se esta mediação de pensamentos através dos grandes modelos românticos franceses que vêm acompanhados de outras influências como o romantismo alemão, que tanto traduz e que por vários factores fora até então quase desconhecido e nada estudado em relação à história das ideias filosóficas e da teoria

---

<sup>36</sup> Todo este sentimento romântico transparece na maneira como os românticos vêm a sua época e lidam com os seus conflitos interiores de ética e de moral no decorrer do seu quotidiano. O Romântico português não é excepção à regra e isso aparece patente na literatura portuguesa, cuja continuação muito ligada às influências do Romantismo francês. O Homem Romântico é um apaixonado. Acredita na espontaneidade da paixão, da imaginação, na autonomia do desejo, que é um impulso do Eu, um elevar do mais profundo do seu ser (CROUZET, 1965, pp. 476-489).

<sup>37</sup> O fantástico em Portugal ganha força com o Romantismo através do gosto pelo excêntrico e pelo insólito, pelos ambientes medievais e pelos elementos fúnebres e sombrios. Recorre a figuras e situações provenientes da tradição cristã, que aparecem na literatura sob a forma de elementos do sagrado e do profano, do maravilhoso cristão e do diabolizado pagão). Em Portugal encontram-se elementos do fantástico na obra de Herculano, como as *Lendas e Narrativas*, salientando a *Dama do Pé de Cabra*, cuja recolheu dos livros de linhagens e em outros autores como Teófilo Braga. No quadro geral temos o uso do fantástico no romance gótico de que se salienta a obra *Frankenstein* de Shelly. No Romantismo alemão é de destacar Ludwig Tieck, E.T.A. Hoffmann e Heinrich von Kleist.

<sup>38</sup> É essencial referir o historicismo e o individualismo (pessimista *mal du siècle*) que faz parte deste movimento.

literária. Às leituras de Michelet, Balzac, Victor Hugo, Musset juntam-se as de Goethe e Heine.

É de salientar também o aguerrido interesse pelo repositório folclórico tradicional que passa pela fixação do seu conteúdo, transformando o tesouro da oralidade em algo palpável e que pode ser estudado, comparado e analisado. No que se refere aos contos populares e aos contos de fadas assim como aos elementos do fantástico e maravilhoso tradicional é essencial referir o nome de três filólogos que tanto contribuíram para o seu estudo através da recolha desses contos como os Irmãos Grimm na Alemanha<sup>39</sup> e, mais tarde, Adolfo Coelho em Portugal<sup>40</sup>.

Esta característica advinha de uma curiosidade e de um desejo romântico por desbravar os fenómenos irracionais ou misteriosos que assolavam a vida e a mente humana. As características da terminologia romântica eram o subjectivismo, pois este movimento aborda as temáticas de uma forma muito pessoal e de acordo com a maneira como vê o mundo; a idealização, pois é impulsionado pela imaginação. Tem tendência para um certo tratamento hiperbólico no que respeita às figuras e aos seus estereótipos. É minuciosa e de extremos quando classifica os objectos, mas também é puro sentimentalismo, pois é movido pela emoção da saudade, da tristeza e da desilusão que o amor lhe provoca, o egocentrismo, pois coloca o seu ego no centro de tudo. O Romantismo mais do que antropocêntrico chega a ser egocêntrico na busca insatisfeita do seu Eu e por fim o Medievalismo, pois os românticos buscam as raízes, as origens do seu povo, da sua língua e da sua pátria (AAVV, 2008).

O Romantismo tende a subjectivar o mundo exterior e a idealizar a realidade vendo-a através das “lentes” da época, de quem olha para o passado com os olhos do presente mas que apesar da sua subjectividade, que na verdade bem poderia ser uma objectividade disfarçada, olha além da razão e do que está à superfície, vasculhando um pouco mais fundo. O que encontra possui tanto valor, que se perde um bocado em relação ao que traz para a realidade em que vive<sup>41</sup>.

A Alemanha passou por um processo lento até se tornar unificada enquanto nação e país. Foi marcada pela “fragmentação” dos Estados, no início da Idade Moderna, e também pela Revolução de Março.

Segundo Schulze, no que diz respeito às culturas nacionais, devem muito o seu emergir a alguns intelectuais entusiasmados como poetas, filósofos, historiadores, filólogos e músicos que

---

<sup>39</sup> Os alemães buscaram renovar a sua literatura através do retorno à natureza e ao mais íntimo da essência humana mas ao fazê-lo acabam por reinterpretar e conceder aos contos de fadas e contos populares uma visão própria e o mesmo fazem com o culto que prestam à Idade Média.

<sup>40</sup> Os contos folclóricos tradicionais são uma das provas mais irrefutáveis, que desde muito cedo houve trocas culturais na Europa. As suas influências sentiram-se a vários níveis, da ciência à arte militar, na moda, nos costumes, na criação artística onde se observam paralelismos, migrações de ideias e de formas. As teorias como o Difusionismo segundo Werner sustentavam que os contos eram propagados através de fronteiras, vindos de origens distantes. Segundo Urbano Rodrigues esse processo mimético e osmótico dá-se normalmente em áreas vizinhas ou muito próximas.

<sup>41</sup> O romantismo é sobretudo relativo na sua diversidade cultural e histórica. Portanto, difícil de localizar e datar. O ano de 1789 inaugura um «calendário novo». Segundo Kohlhauer, politicamente, a Revolução francesa revela-se mais profunda do que ela própria, no entanto, no plano cultural, permanece mais à superfície. O romantismo começa pouco depois de 1789 quando adopta uma perspectiva europeia, a história literária demonstra que as premissas culturais do que se pode chamar de revolução romântica se situam mais à frente, em Inglaterra e sobretudo, na Alemanha, no *Sturm und Drang* por exemplo, até mesmo no interior do Iluminismo (KOHHLHAUER, 2001, pp. 5-29).

fundaram as nações europeias, normalmente após se terem exilado em cidades como Paris, Londres ou Viena e não ao povo anónimo que, por si só, apesar de envergar a alma popular, não teria voz para se exprimir.

A questão linguística também é importante destacar, pois é o que une toda a nação, tendo um carácter plural, em que se deve ter em atenção, tanto a sua origem e a perspectiva nacional como a da diversidade das línguas que povoam a Europa. Porém, a multiplicidade das línguas nacionais só foi normalizada no século XIX. Primeiro, através da elaboração de línguas e dialectos populares, e depois, através da sua transformação numa língua oficial dotada de uma gramática e de um dicionário. Schulze afirma que, se os filólogos não estivessem à altura dessa tarefa, os poetas estavam. Davam a entender que o conseguiam através do que consideravam ser a expressão do espírito do povo, isto é, as suas epopeias, as suas lendas, os seus contos e os seus cantos populares, em suma, da sua herança cultural popular mas correndo o risco de produzir para esse efeito uma poesia menos verdadeira, linguisticamente modificada e adaptada às expectativas de um público burguês sedento de identidade nacional e linguística<sup>42</sup> (SCHULZE, 1997, pp. 164-166).

A consciência nacional liga-se então às estórias na tentativa de resgatar a sua herança histórica e cultural mas tudo isto se passa num espaço de um mundo e mentalidade que está em transição, que ao mesmo tempo que cultiva as suas nações populares vê-se a olhar para o passado em busca de respostas. O resultado é um apego ao interesse pela História, dinamizando-se assim o seu estudo. O quotidiano da sociedade foi contaminado pela “nostalgia romântica do passado”. Através do estudo da História compreendia-se o presente dando ao homem romântico um *background* que lhe permitia saber de onde vinha e do que era feito o seu antepassado<sup>43</sup>.

O conceder de raízes definia-o e concedia-lhe um lugar no mundo, dentro ou fora da sua nação, quer estivesse exilado ou não, tendo uma certa sensação de segurança perante uma realidade de constante mudança e incerteza do futuro que crescia num seio entregue à novidade da

---

<sup>42</sup>Os contos infantis e familiares, contidos nos *Kinder- und Hausmärchen*, saídos «dos puros mitos primitivos alemães que se julgavam perdidos», e que os irmãos Grimm pretendiam restituir à Nação alemã, seriam em princípio, contos camponeses da alta Renânia recolhidos da via oral, mas que ficaram a dever a sua tonalidade mágica ao virtuosismo literário (Schulze, Hagen, 1997, pp. 164-166). Será que como o próprio Schulze chama a atenção, o espírito do povo que se tentava evocar para legitimar a nação correspondente, era apenas o espírito de uma pequena elite de intelectuais entusiastas ou justificava-se a sua atitude tendo em conta que se tratava de uma abordagem do repositório cultural feito de uma perspectiva própria do Romantismo? Segundo o autor a história tem quase tanto valor quanto a língua para a constituição de uma nação popular. A história legitimava a Nação: revoluções, guerras, eliminação dos indesejáveis ou que eram contra a sua unificação eram legítimas se se pudesse fazer uso do «antigo direito» sacrossanto, que acontecia dependendo da debilidade das instituições.

<sup>43</sup>Outro aspecto importante é o da relação entre a história e a cultura: a cultura indexada à história, é como que revisitada por ela. A literatura como designa, questiona e trabalha a história através da cultura, é o paradigma romântico por excelência. A questão é como é que o escritor romântico reage em relação à história? E em que medida esta percepção da história traduzirá uma mudança de ambiente cultural. Para os românticos, a literatura e a arte fornecem os meios privilegiados para dizer qual é o novo lugar da cultura mas não se resume a isso. Precisamente no que recusa ou relativiza a literatura romântica fornece um terreno ideal para medir esta consciência histórica alterada. É com o romantismo que nasce a História e o conhecimento da História. Segundo Georges Bataille, o romantismo enquanto época histórica «organiza a humanidade». Minado nas suas bases e crenças por uma evolução que precede de longe a Revolução, o século XIX que nasceu introduz uma época de crise, marcada pela «consciência de uma dissonância entre o Homem e a História». É então o ser romântico – o indivíduo – face a «um futuro mais desconhecido do que inevitável». (KOHLEHAUER, 2001, pp. 5-29).



industrialização<sup>44</sup>. “Para além do próprio espírito romântico que se apoderou de toda a Europa, foi também um reflexo de desalento face à destruição acelerada dos antigos meios de vida tradicionais, de investigação para um novo sentido colectivo da vida que era necessário alimentar também com tradições. Segundo Leopold von Ranke, o decurso da história consistia em «materializar segundo a vontade de Deus» essa natureza particular de cada Nação” (SCHULZE, 1997, pp.166), não querendo deixar um vazio que pudesse ser ocupado por uma carência de valores, mas que era uma missão difícil de empreender.

O século XIX empenha-se em melhorar o carácter científico, canta o triunfo da ciência histórica<sup>45</sup> e da escrita nacional da história conforme a sua nação.

A *unidade* e a *liberdade* foram por isso, desde o século XIX, temas importantes. No período de 1808 a 1812, a Prússia foi reconstruída e uma série de reformas regularam a administração municipal, permitiram a libertação dos camponeses e a emancipação dos judeus. Em 1813, deram-se as guerras de libertação, depois da destruição do exército napoleónico na Rússia em 1812. Após a Batalha das Nações em Leipzig, findou o controlo francês sobre a Alemanha e a Confederação do Reno foi dissolvida. Em 1815, Napoleão foi derrotado em Waterloo. É importante também salientar duas datas basilares, o Congresso de Viena de 1815<sup>46</sup> e quando foi unificada com a Prússia durante a Guerra Franco-prussiana em 1871.

É igualmente importante salientar a época de 1830-1848 quando se dá a Revolução de Março e o movimento da Igreja de São Paulo, pois comporta a questão alemã que deixava evidenciar dois aspectos: o território e a Constituição, que relacionavam a unidade e a liberdade. No caso da questão territorial havia o problema da “grande solução” ou da “pequena solução”. Suscitava uma interrogação: se conseguissem substituir o Sacro Império Romano por um Estado Nacional alemão, teria que englobar a Áustria, comunidade de língua alemã, ou seria possível conceber a solução da questão alemã sem incluir esse território? O resultado é que acabou por não ser incluída. A questão da Constituição estava relacionada com a distribuição do poder entre o povo e o trono. O que suscitava outra interrogação: quem deveria ter o poder de decisão numa

---

<sup>44</sup> O romantismo designa uma época de incerteza, marcado por mutações a nível das relações sociais e da mentalidade cultural. A vulgata romântica nasce do «“jogo” intra mundano das Luzes», define-se por oposição ao classicismo. Problematiza perante a história, a visão de um mundo conhecido como atemporal, habitado por uma eterna natureza humana. Posto isso, as respostas diferem, ligadas às situações nacionais em particular. Na Alemanha, por exemplo, o romantismo remete para a questão nacional. A busca de uma nação faz-se e sente-se na filosofia, nas ciências e na história. (KOHLHAUER, 2001, pp. 5-29).

<sup>45</sup> A ciência histórica teve um grande desenvolvimento na Alemanha. Era necessário fomentar o sentimento de entidade alemã e de coesão nacional nos habitantes da Baviera, da Saxónia, de Vurtemberg, de Lippe-Schaumburgo, da Saxónia-Coburgo-Gotha ou de Reuss. No entanto, a «constituição» política da Europa Central continuava a ser assunto das grandes potências e o nacionalismo passava por um princípio revolucionário. As suas características levaram à comparação com a cultura da Grécia antiga (e porque não de Roma que coligiu o que a Grécia tinha de melhor?). Winckelmann compara os alemães aos gregos, tentando aplicar as características gregas ao povo alemão. Friedrich Ludwig Jahn também fazia essa comparação incutindo os valores da mente sã num corpo são, próprios da cultura greco-romana aos alemães, que considerava devido à sua semelhança com os gregos, formarem um «povo sagrado» (Schulze, 1997, pp. 167-168/Winkler). O que deixava já adivinhar uma exaltação do povo alemão que seria mais tarde levada ao extremo.

<sup>46</sup> A Alemanha unificou-se a 18 de Janeiro de 1871, em Versalhes, quando o Império Alemão dirigido pela Prússia foi constituído.

Alemanha unificada? Os representantes eleitos pelos alemães ou os seus príncipes<sup>47</sup>?  
(WINKLER)

A questão da unidade e da liberdade apareceu pela primeira vez, nas guerras de libertação contra Napoleão. Os franceses foram vencidos mas a sua expulsão não fez nem com que a Alemanha ficasse unida, nem que as relações de liberdade nos Estados, da Liga Alemã (que em 1815 substituiu o Antigo Império) existissem de forma pacífica. A partir de 1830 a questão ganhou novamente força. Depois que os franceses conseguiram instaurar uma monarquia liberal e burguesa, após a revolução de Julho de 1830. As antigas forças puderam impor-se, mas os liberais e democratas também se mantiveram firmes na sua luta (WINKLER).

Em Março de 1848, a revolução deu-se também na Alemanha. O objectivo era transformar a Alemanha num Estado nacional e, ao mesmo tempo, num Estado constitucional. Quem queria unidade e liberdade para os alemães, tinha que esclarecer primeiro o que deveria fazer parte da Alemanha. Portanto era uma questão acima de tudo territorial e política e não cultural ou linguística<sup>48</sup>.

A Igreja de São Paulo já exercitara a *Realpolitik*, quando ignorou o direito de autodeterminação de outros povos – dos polacos no grão-ducado prussiano de Posen, dos dinamarqueses em Nordschleswig, dos italianos no Welschtirol – e decidiu estabelecer as fronteiras do futuro Império Alemão de acordo com os supostos interesses nacionais da Alemanha. Assim a unidade prevaleceu pela primeira vez sobre a liberdade. Era então a liberdade de outras nações que ainda tinha que ceder ao objectivo da unidade alemã. (WINKLER)

Outra data essencial a referir é a de 1871, quando se deu a fundação do Império. Na década de 60 do século XIX, a decisão de dar a preferência à unidade em detrimento da liberdade foi tomada também na Alemanha. Esse foi o resultado da revolução, através da qual o chanceler prussiano Bismarck solucionou a questão alemã<sup>49</sup>.

Segundo Winkler, o objectivo da unidade foi alcançado, mas o apelo pela liberdade, na aceção de um governo que tivesse que prestar contas ao parlamento, continuou a não ser concretizado. Bismarck não podia decidir a questão da liberdade a favor dos liberais pois uma parlamentarização não ia apenas de encontro aos interesses elementares das classes dominantes da velha Prússia, no que respeita à sua dinastia, ao seu exército, à sua oligarquia feudal, ao seu

---

<sup>47</sup> Em 1871 foi a Prússia que teve esse poder.

<sup>48</sup> O Estado alemão que, segundo a vontade da Assembleia Constituinte de Frankfurt seria um Estado Constitucional de Direito com um parlamento forte, controlaria o governo. O rei da Prússia, Frederico Guilherme IV enquanto imperador alemão, teria que renunciar à condição de rei por vontade de Deus e aceitar o papel de órgão executor da vontade soberana do povo, mas o monarca recusou em 28 de Abril de 1849. Segundo Winkler, por causa disso a revolução fracassou e não trouxe para o povo alemão o que tanto almejava, isto é, nem a unidade nem a liberdade.

<sup>49</sup> A questão do poder na política interna foi decidida por Bismarck no Conflito Constitucional Prussiano de 1862 a 1866 em favor do executivo e contra o parlamento. A questão do poder na política externa teve como resposta a guerra de 1866 e com a exclusão da Áustria, e na guerra Franco-prussiana de 1870/1871 contra a potência que até então vetara a fundação de um Estado Nacional alemão: a França de Napoleão III (WINKLER).

funcionalismo de alto escalão mas também contestava os interesses de outros Estados alemães, como a Baviera, a Saxónia e Wurttemberg. Eles detinham uma participação essencial do poder executivo no Império Alemão, na forma do Conselho Federal, e não queriam abdicar deste poder por causa do *Reichstag* (WINKLER).

Uma nova guerra europeia, que provinha dos resquícios da Revolução Francesa, veio perturbar o crescimento económico e provocar uma reforma política. Portugal torna-se durante algum tempo, o único Estado europeu a ter o rei fora da Europa devido às guerras napoleónicas, o que contribuirá de forma decisiva para a independência do Brasil, no primeiro quartel do século XIX, tendo sido um dos primeiros Estados de regime absolutista, e só mudará para um regime constitucional no segundo quartel do século.

Apesar de possuir territórios em África, Portugal não tem meios para os povoar e para se defender, pois as grandes potências lançam-se numa política de ocupação difícil de competir. Portugal, mais do que uma visão de ocupação do território era uma visão de estabelecimento de entrepostos comerciais. No entanto, de maneira a não perder estatuto mundial, efectua a colonização dos territórios de Angola e Moçambique através da ocupação militar. O sonho de um novo “Brasil” é, porém, impedido pelo poder imperial inglês, dando lugar a uma nova mudança de regime político. Portugal depois de dominado pelos franceses e pelos ingleses mais parecia uma “colónia” do que propriamente um país.

O crescimento económico aconteceu, embora de forma lenta, mas o facto é que Portugal estava atrasado em relação ao resto da Europa, devido à falta de reformas sobretudo nos campos da pedagogia e do conhecimento, o que lhe concedia uma imagem decadente complicada de ser mudada pois o estigma do seu atraso arrastou-se no tempo e deixou uma “sombra” até hoje.

É no início do segundo quartel do século XIX que o Antigo Regime chega ao fim em Portugal. A sua sociedade convive com as grandes orientações políticas da modernidade, mas continua a manifestar sentimentos de conservação e de imobilismo que são reconhecidos pela maioria dos escritores dos séculos XIX e XX.

Ao movimento ideológico e sociopolítico vigente na época juntam-se os nomes dos pioneiros do Romantismo português, Garrett<sup>50</sup> e Herculano. Activos política e socialmente, cabem no perfil do intelectual moderno e ambos cultivam o romance histórico. Herculano é pioneiro nesta área pois é historiador. Outro nome a salientar é o de Camilo Castelo Branco que retrata uma sociedade de reflexos populares e burgueses que reflectiam a tensão entre os valores individuais

---

<sup>50</sup>No que diz respeito à literatura os poemas narrativos de origem épica existentes no *Romanceiro* foram transmitidos por via oral ao longo dos séculos, e em Portugal são pela primeira vez recolhidos e fixados na forma escrita apenas no final do primeiro quartel do século XIX, por Garrett (CRISTÓVÃO, 2005. pp. 499, 502-504, 636-639).O mesmo acontece com os contos populares que também encontram a sua fixação nesse mesmo século, no entanto o interesse pela recolha e pelo estudo dos contos surge em Portugal por via da antropologia e da tradução e não directamente através da literatura.

do excesso passional e o imobilismo de uma sociedade ainda demasiado conservadora (CRISTÓVÃO, 2005, pp. 499, 502-504).

Porém, o fim do século XIX revela uma alteração notória nos parâmetros estéticos e políticos representados na literatura portuguesa e com isso entra na Modernidade, onde se salienta Eça de Queirós que nos concede uma nova visão através do romance realista. É também no fim do século XIX, mais propriamente, no último quartel que o estudo dos contos é empreendido como já foi referido anteriormente, pelo campo da antropologia, pela chamada Geração de 70 que emergira como consequência do descontentamento e do desejo de regeneração face à decadência em que o país se encontrava.

Em suma, Portugal não estava numa situação muito mais estável do que a Alemanha pois as invasões francesas, que tinham trazido o espírito da época contemporânea, revelavam também um período novo de inquietudes e de mudança, (isto sem falar do poder inglês e de figuras como o General Beresford). Seja como for, surgem os primeiros indícios da influência da Revolução Francesa, como indica Fernando Cristóvão, ainda que das suas fases monárquica liberal e republicana já tivesse passado a imperial. Além disso, há que referir o ano de 1815, data do Congresso de Viena que não foi só importante para a Alemanha, mas também para a formação do Reino de Portugal, Brasil e Algarves. No entanto, esse momento corresponde a uma nova concepção da organização política, que será responsável pelo início do processo de descolonização do Brasil, que se verifica anos depois em 1822 (CRISTÓVÃO, 2005, pp. 499, 502-504). Outra data que não se pode deixar de referir é a de 1820, que é quando se dá a Revolução do Porto. A princípio tinha sido empreendida mais por um sentido de libertação da presença inglesa e de um regresso ao sentido tradicional da organização política portuguesa do que propriamente pelo sentido de uma revolução liberal, mas acabou por influenciar toda a mentalidade de uma época e a inspirar uma certa geração do século XX.

### 3 – Biografia dos Filólogos que recolheram os contos – Século XIX Romântico

#### Alemanha – Biografia dos irmãos Grimm

Os contos de fadas que tinham despertado o interesse de autores como Perrault no século XVII, voltam a suscitar novo interesse no início do século XIX, enquanto partes integrantes dos tesouros da história do passado que o Romantismo vai resgatar. Os românticos beneficiaram da atenção dada a uma interdisciplinaridade que constituía os estudos de gramática comparada e que tomava o sânscrito como base. Os estudiosos buscavam descobrir a evolução das várias línguas e dialectos ao desvendar as ramificações da “árvore linguística” e a importância do sânscrito ou do indo-europeu segundo F. Bopp, chegando assim à origem da identidade nacional de cada povo. A Alemanha<sup>51</sup> deu um grande contributo com os estudos que empreendeu (Pref. OLIVEIRA, COELHO, 2005, pp. 13-39).

Os irmãos Grimm, Jacob Ludwig Carl (1785-1863) e Wilhelm Carl (1786-1859), foram dois filólogos alemães que estudaram a língua, a cultura e a história alemã assim como a mitologia germânica, inspirados pelo espírito da época que os impelia a buscar respostas num passado medieval<sup>52</sup>. No entanto, as raízes não se detinham por aí, remetendo-os muitas vezes para as brumas da Antiguidade. Procuraram elementos constitutivos da memória dos povos. Dedicaram-se à recolha e ao registo de contos, lendas e fábulas germânicas antigas, dando-lhes um novo cariz ao adaptá-los para a infância. Resgataram esses contos do registo da oralidade, mas também de fontes escritas. No entanto, valorizavam mais as recolhas orais que julgaram cruciais, pois insistiam na importância dos contos como parte da história literária da nação. Muitos deles estavam intimamente relacionados com os grandes mitos e lendas heróicas da cultura germânica.

---

<sup>51</sup> A Alemanha desenvolveu uma extensa e variada literatura para crianças nos séculos XVIII e XIX. Antes dessa altura, a literatura juvenil disponível consistia na sua maioria em livros religiosos, livros escolares, cartilhas e compilação de fábulas, como as de Esopo que foram impressas pela primeira vez na Alemanha (1477) e traduzidas por Steinhöwel. No fim do século XVIII o movimento romântico começou a redescobrir os contos populares, e em 1782 J. K. A. Musaeus (1735-1787) começou a trazer à lume as suas coleções dos contos populares denominados em alemão como *Volksmärchen*, que no fundo eram mais produções literárias românticas do que contos recolhidos da oralidade. Outros escritores românticos produziram histórias que se assemelhavam aos contos populares, nomeadamente, E. T. A. Hoffmann, Friche de la Motte Fouqué (autor de *Ondina*), e Wilhelm Hauff, que escreveram no início do século XIX. É também importante salientar que a literatura infantil alemã tal como a inglesa e a americana foi dominada durante o século XIX por romances sentimentais e religiosos que abordavam o tema da mendicância e das crianças pobres. (KILLY, 2003, pp. 177-178/CARPENTER e PRICHARD, 1984, pp.202-205- 228-231, Tradução e adaptação nossa).

<sup>52</sup> Friedrich Carl von Savigny foi professor e mentor dos irmãos Grimm. Abre-lhes a sua biblioteca privada dando-lhes a conhecer os escritores românticos. Savigny vai para Paris em 1804 pesquisar para a sua História do Império Romano e no ano seguinte Jacob junta-se a ele, para ajudá-lo. Lá é apresentado a métodos modernos de pesquisa de arquivos. Como assistente volta-se para a literatura jurídica mas expressa nas suas correspondências o desejo de consagrar-se à pesquisa sobre a literatura da antiga Alemanha. O círculo de relacionamentos dos Grimm cresce com o tempo. Wilhelm encontra Clemente Brentano em Berlim. Graças a Brentano conhece escritores e artistas berlinenses como, Ludwig Achim von Arnim. Quando volta para Kassel encontra-se com Johann Wolfgang von Goethe que constata a sua dedicação pela cultura adormecida. Desde 1806, os irmãos tinham reunido contos e desde 1807 tinham publicado artigos em revistas sobre mestres trovadores. A partir de 1810, encontram-se juntos em Kassel e um ano depois, Jacob publica a sua primeira obra sobre os mestres cantores alemães – *Über den altdeutschen Meistergesang*. Em 1806-1808 apareceram os três volumes de *O Corno Maravilhoso do Rapaz (Des Knaben Wunderhorn)*, uma coleção de baladas populares e rimas tradicionais reunidas por Achim von Arnim e Clemens Brentano e para os quais os Grimm contribuíram de forma anónima graças à iniciativa de Savigny. O exemplo de *O Corno Maravilhoso* foi o que inspirou os Irmãos Grimm a iniciarem o seu trabalho de recolherem contos de fadas e contos populares germânicos. Os resultados foram publicados em 1812 com a primeira edição dos *Kinder- und Hausmärchen*, onde reuniram na coleção completa mais de duzentos contos e lendas para crianças, que incluem contos como o *Príncipe Sapo*, *Rapunzel*, *Hansel e Gretel*, *Branca de Neve*, *Cinderela*, *O Ganso de Ouro*, *O Alfaiate Valente*, *O Lobo e as Sete Cabras*, *Os Sete Corvos*, *As Aventuras do Irmão Folgação* e *Os Músicos de Bremen* (CARPENTER e PRICHARD, 1984, pp.202-205- 228-231, Tradução e adaptação nossa).

Buscavam encontrar as origens da realidade histórica do seu país “fragmentado”.

Os investigadores encontraram a fantasia, o fantástico, o mítico em temas comuns da época medieval e até anteriores remontando à Antiguidade como já foi referido. Os irmãos tinham dois objectivos: o levantamento de elementos linguísticos para fundamentação dos estudos filológicos da língua alemã e a fixação dos textos do folclore literário germânico, expressão máxima do espírito do povo. Na tradição oral, os contos durante muito tempo não foram destinados ao público infantil mas sim ao entretenimento de adultos. Foram os irmãos Grimm que os dedicaram às crianças pela sua temática mágica e maravilhosa, unindo o popular ao infantil, tendo ao mesmo tempo um intento lúdico e educativo<sup>53</sup>.

Os contos exprimiam um reflexo da cultura popular alemã, ajudando a unir, pela sua história, uma Alemanha não unificada sob influência e ocupação francesa. Beberam também das recolhas e dos estudos que tinham sido feitos, por autores como Perrault. Os contos que recolheu e adaptou foram importantes para despontar o interesse pela temática, mas foram os contos recolhidos do seio da cultura alemã que se revelaram fontes riquíssimas ao espelhar o que havia de mais intrínseco no povo alemão. Apesar de muitas destas narrativas originalmente não serem germânicas possuem um pano de fundo comum, de cariz indo-europeu. Chegar às fontes da tradição oral não era tarefa fácil. Os Irmãos Grimm começaram a recolher contos populares numa altura em que essa actividade não era habitual. De modo a recolhê-las directamente do registo oral, tinham de contar com a memória da gente do povo. Visitaram aldeias e quartos de fiar<sup>54</sup> mais

---

<sup>53</sup>No entanto apesar de terem adaptado estes contos para crianças é discutida a sua atitude em relação aos seus leitores não eruditos e em especial ao seu público infantil. A primeira edição dos contos não era ilustrada, e tinha todo o aparato escolástico, com uma longa introdução e notas; mas uma das pessoas a quem dedicaram os seus contos era uma criança e apesar da obra dos irmãos ter sido criticada, apelidada de supersticiosa e considerada como sendo demasiado grosseira e imprópria para os jovens foi desde logo lida pelos filhos dos amigos dos Grimm. Os Irmãos davam frequentemente cópias às crianças como presentes. Tinham portanto já um público infantil pelo menos dentro do círculo burguês. Quando viram uma cópia da primeira tradução inglesa, publicada em 1823 pensada para crianças e ilustrada por George Cruikshank, decidiram fazer o mesmo com uma selecção de cinquenta dos contos mais populares, numa edição mais barata e ilustrada feita para as crianças de mais tenra idade. Em suma, sete edições dos *Kinder- und Hausmärchen* foram publicadas em vida. À edição de 1856 Wilhelm acrescentou *Various Testimonies to the Value of Fairytales* – uma antologia de autores que ia desde Luther a Goethe, aparecendo a última actualização da versão que recolheram em 1857 (CARPENTER e PRICHARD, 1984, pp.202-205- 228-231, Tradução e adaptação nossa).

<sup>54</sup>Quartos de fiar: No que diz respeito à cultura alemã é importante salientar os quartos de fiar do século XVIII-XIX enquanto espaços de convívio e de lazer, onde abundava a cociuvilhice, a corte dos enamorados, a música e os contos populares. Estes quartos representavam uma verdadeira liberdade dentro da “liberdade aparente” do Romantismo revolucionário e inconformado, mas que na verdade era cheio de normas de conduta. O lazer a que se entregavam as pessoas nestes espaços era fruto da revolução industrial e da repercussão que esta teve sobre a mobilidade da população e a sua mentalidade. Nas entrelinhas das cartas e dos diários do início do século XIX, constam muitas actividades de lazer e um retrato dos sistemas sociais que parecem retomar à Idade Média. A Alemanha em 1800 estava muito mais próxima da Idade Média do que a França ou a Inglaterra, pois não existia como país. Era uma “manta de retalhos” sob a forma de estados ligados por estradas perigosas. Depois das Guerras Napoleónicas, a Confederação Alemã possuía trinta e nove principados, mas até no estado da Prússia, o maior estado, havia numerosas zonas de alfândega e as estradas eram tão precárias para viajar, que em 1815, levava-se três dias para ir de Brunswick a Lübeck. As comunicações eram quase inexistentes em áreas de grande dimensão. Mais de 90 % da população vivia em quintas e pequenas vilas. A maioria das pessoas vivia e morria sem sequer ver uma cidade. A gente local considerava lugares que ficassem a três milhas de distância como sendo o “estrangeiro”, por outro lado eram extremamente hospitaleiros e dados ao convívio, sempre dispostos a ouvir as novidades do “exterior”. As comunidades rurais mais isoladas centravam-se assim à volta do quarto de fiar. Durante o Inverno, quando não havia trabalho agrícola para ser executado, os habitantes, homens e mulheres, casados ou não, reuniam-se em quartos maiores para fiarem juntos, cantarem e conversarem enquanto fiavam. Este hábito social continuou a ser popular mesmo depois da roda de fiar à mão deixar de ser uma actividade essencial. Se algum viajante passasse pela vila, era encorajado a visitar os quartos de fiar e contar acerca das suas viagens. Se tivesse alguns livros ou jornais, era encorajado a lê-los em voz alta. À medida que os jovens começaram a deixar a terra para irem para a cidade e a sociedade rural começou a desintegrar-se, o quarto de fiar tornou-se o último bastião do velho modo de vida. Cantavam sobre o quanto estavam melhor no campo, as canções tornaram-se mais idílicas e sentimentais. O quarto de fiar foi criticado tanto pelo clero quanto pela polícia porque era onde os camponeses socializavam mais livremente. A Igreja denunciou os quartos de fiar como sendo centros de perversidade porque os jovens solteiros bebiam, cantavam juntos e certamente cortejavam as moças casadoiras, pelo que os quartos de fiar acabavam por funcionar como mercados não oficiais de casamento e como um lugar que favorecia o romance (HELL, 1998).

ou menos modestos, mas também usufruíram em grande parte da ajuda de familiares, amigos e conhecidos que além de terem contribuído com contos, de acordo com a versão que conheciam, ainda auxiliaram na recolha (CARPENTER e PRICHARD, 1984, pp.202-205- 228-231).

As mulheres aqui tiveram uma função deveras importante pois serviam de repositório de toda uma cultura da oralidade, que passava de mães para filhas e na qual os contos faziam parte do imaginário das suas vidas. Na Idade Média, muitos desses registos ganharam versões escritas, feitos principalmente pelos senhores dos mosteiros. O registo desses contos garantia a sua preservação, para que desse modo não se cingisse somente à memória das gentes. Porém, as versões mais antigas e registadas são na sua maioria desconhecidas, os seus verdadeiros autores incógnitos e vistos como um colectivo que já há muito convivia com as crenças que estes contos embalavam.

Os irmãos Grimm pesquisaram igualmente relatos em documentos antigos além dos contos que recolheram junto da população e das suas relações sociais e familiares. Uma camponesa, Katherina Wieckmann, e também uma amiga da família, huguenote, de ascendência francesa, Jeannette Hassenpflug contribuíram com o desfiar das suas memórias, dando a conhecer aos irmãos o mundo do *maravilhoso* e dos costumes dos seus antepassados<sup>55</sup>.

O rigor da recolha dos contos é explicado pelo próprio Wilhelm Grimm quando refere que “são restos comuns de uma crença que remonta a remotas eras e se exprime na representação formal de coisas supra-sensíveis. Esse elemento mítico é como os pequenos fragmentos de uma pedra esmigalhada que estão espalhados num solo coberto de fortes ervas com as suas flores, e que a vista perspicaz descobre. A sua significação, por mais obscurecida que esteja, é ainda sentida e dá ao conto o seu conteúdo, satisfazendo ao mesmo tempo o amor natural pelo maravilhoso”. (Pref. OLIVEIRA, COELHO, 2005, pp. 13-39).

Wilhelm Grimm publica o seu primeiro livro em 1811 – *Aldänische Heldenlieder* (traduções de lendas dinamarquesas antigas). A primeira obra pertencente aos dois irmãos é sobre o Hildebrandslied<sup>56</sup> e o Wessobruner Gebet<sup>57</sup>, foi publicada em 1812. A esta seguiu-se no mesmo ano a primeira colectânea, *Kinder- und Hausmärchen* (Contos da Criança e do Lar), com uma

---

<sup>55</sup> A mulher de Wilhelm, Dortchen Wild, forneceu mais de doze contos como por exemplo, *Rumpelstiltskin* (anão que transforma a palha em ouro) e o conto *Hansel e Gretel*. Um dos mais conhecidos *Branca de Neve e os Sete Anões* foi uma versão contada por duas amigas da família e que os irmãos adoptaram. A “Velha Marie” da família Wild forneceu uma versão do conto do *Capuchinho Vermelho* e da *Little Briar-Rose* (uma versão da *Bela Adormecida*). No entanto foi Dorotea Viehmann, uma velha mulher do povo quem contou mais de metade dos contos que recolheram, além das dez lendas e das seiscentas cantigas folclóricas foi talvez a maior fonte que tiveram. Era mulher de um alfaiate que vivia numa aldeia vizinha e que vendia ovos. Alguns dos amigos dos Grimm conhecendo o seu talento para contar histórias, convenceram-na a ir ter com os eles. Foi-lhe dado bom café em troca de contar vinte contos que eram novos para os Irmãos. Morreu mesmo antes da publicação do segundo volume dos contos, no qual Wilhelm a descreveu na introdução como alguém que conta as histórias de uma forma conscienciosa e com uma vivacidade incomum, um gosto deveras evidente, com bastante fluidez que requeria também que fosse mais lenta a contar para que os pudessem apontar. Deste modo muito foi mantido tal e qual como foi contado. (CARPENTER e PRICHARD, 1984, pp.202-205- 228-231, Tradução e adaptação nossa).

<sup>56</sup> Hildebrandslied: cântico épico assente por volta de 820.

<sup>57</sup> Wessobruner Gebet ou wessobrunn Gebet data de cerca de 790 e pertence ao círculo de poesia religiosa.

tiragem de novecentos exemplares. O primeiro manuscrito da compilação de contos data de 1810 e apresentava cinquenta e uma narrativas. Os Grimm escreveram também uma edição alemã de Eddas<sup>58</sup>, assim como uma versão alemã do Romance de Renart – o *Reineke Fuchs*, um conjunto de poemas medievais, trabalhos que ficaram durante muito tempo incompletos. De 1813 a 1816 contribuíram também para a revista *Altdutsche Wälder*, dedicada à literatura alemã antiga. (IÁNEZ, 1989).

Em 1814, Wilhelm Grimm torna-se secretário da biblioteca do museu de Kassel e instala-se no Wilhemshöher Tor, que pertencia à casa do príncipe de Hesse. Em 1815, Jacob Grimm assiste ao Congresso de Viena enquanto secretário da delegação de Hesse e, em seguida, volta a Paris para uma missão diplomática nesse mesmo ano. Logo depois, abandona a carreira diplomática para poder dedicar-se inteiramente ao estudo, à classificação e ao comentário da literatura e da história. Nesse mesmo ano publica uma selecção de antigos romances espanhóis.

Em 1815, os Grimm produzem o segundo volume dos *Kinder- und Hausmärchen*, que é reimpresso numa versão aumentada em 1819. As notas sobre os contos dos dois volumes são publicadas em 1822. Uma nova publicação engloba os outros três volumes num só volume que surge em 1825. Esta edição é ilustrada pelo irmão Ludwig Emil Grimm.

Durante esse período, entre 1816 e 1818, seguem-se os dois tomos de lendas recolhidas, *Deutsche Sagen* (Lendas Alemãs). É também neste período que Jacob elabora a *Gramática Alemã*. A impressão do primeiro tomo prolonga-se de 1818 a 1819. Até 1822 trabalha novamente no primeiro tomo para incluir o estudo dos sons. O segundo tomo surge em 1826. Wilhelm publicou durante esse período várias obras sobre as runas e os cantos heróicos alemães *Deutsche Heldensage*, que são consideradas as suas obras-primas. Estes surgem em 1829. No mesmo ano, os dois irmãos demitem-se do serviço da biblioteca de Kassel. Depois da morte do director, o príncipe de Hesse, Guilherme II, não entrega o posto a Jacob e os irmãos aceitam a proposta da biblioteca da Universidade de Göttingen, em Hanôver. (IÁNEZ, 1989, pp. 73)

Jacob trabalhava como professor titular e Wilhelm como bibliotecário, mas depois também exerce a docência. Em 1834, Jacob termina o trabalho começado em 1811 sobre o *Reineke Fuchs* e compõe uma obra sobre a mitologia germânica *Deutsche Mythologie*, em 1835. Publica dois tomos suplementares da sua gramática até 1837. Em 1837 Wilhelm trata sozinho da terceira impressão dos *Kinder- und Hausmärchen*. Nesse ano, o rei de Hanôver, da Grã-Bretanha e da Irlanda, Guilherme IV morre. A coroa de Hanôver passa para o irmão Ernest August I.

---

<sup>58</sup>Eddas: conjunto de relatos míticos nórdicos originalmente transmitidos por via oral de geração em geração, à maneira das lendas tradicionais. São compostos por duas partes, uma mítica e a outra heróica. Estes contos foram reunidos por mão anónima em cerca de 1250 mas crê-se que o registo de muitas das estórias que contem remonte à Época Viking. Julio Caro Baroja faz referência aos *Eddas* na sua obra *O Mundo das Bruxas*, a respeito do carácter mítico e mágico que albergam (BAROJA, 2001).



O novo rei, senhor de tendências autoritárias, revoga a constituição liberal que tinha sido instituída pelo seu predecessor, à qual os funcionários tinham prestado juramento. Os irmãos Grimm, juntamente com mais cinco professores da Universidade de Göttingen, assinam então uma carta de protesto. O rei responde à contestação expulsando-os. Três deles são exilados, entre os quais os irmãos Grimm. Graças a isso, Os Sete de Göttingen (*os Göttinger Sieben*) ganham fama na Alemanha.

Os irmãos voltam para Kassel. O rei Frederico Guilherme IV da Prússia convida-os para trabalhar como membros da Academia de Ciências e professores na Universidade Humboldt. Os dois aceitam e instalam-se definitivamente em Berlim. Nessa altura começaram a escrever um dicionário histórico da língua alemã. No entanto, embora tenham começado a trabalhar no dicionário em 1838 após terem voltado de Göttingen, o primeiro volume aparece apenas em 1854 e somente alguns volumes puderam ser editados em vida, tendo sido acabado cem anos depois da morte dos irmãos. Wilhelm morreu em 1859 e Jacob em 1863.

## Portugal – Biografia de Adolfo Coelho

O Romantismo português do fim do Século XIX ultrapassa o próprio Romantismo inserindo-o no Positivismo e cientificando, sistematizando o interesse pelo passado medieval enquanto berço da cultura que o forjou como nação. O século XIX com o Romantismo percebe o valor desses contos e da cultura popular para a transmissão dos costumes, assim como para a educação. O que este movimento analisa seria depois explorado, de maneira mais aprofundada, pelo Simbolismo que sucede ao Romantismo. No entanto, isso só se tornou possível graças a filólogos como Adolfo Coelho e à Geração de 70 a que pertenceu.

Adolfo Coelho (1847-1919) foi promotor e interveniente das célebres Conferências do Casino (1971). Autodidacta, historiador da literatura e introdutor dos estudos linguísticos e da pedagogia no nosso país, revelou-se um dos grandes pioneiros na constituição e desenvolvimento da etnografia e antropologia em Portugal, no período que vai dos anos 70-80 do século XIX até às primeiras décadas do século XX. É importante salientar os seus ilustres pares nos estudos etnográficos e antropológicos em Portugal – Teófilo Braga, Consiglieri Pedroso, Leite de Vasconcelos e Rocha Peixoto (Pref. LEAL, COELHO, 1993, pp.13-31).

Durante a sua formação percorreu um longo caminho, chegou mesmo a frequentar a Universidade de Coimbra (1862-1864) mas, decepcionado com o ambiente que lá conheceu, abandonou o curso que iniciara. Decidiu então prosseguir os estudos por si mesmo. A experiência que passou na universidade aguçara o seu espírito crítico e forneceu-lhe material precioso para as suas teses pedagógicas. Uma das questões que levantou foi a vacuidade do ensino universitário que considerou como sendo superficial e a necessidade premente da existência de uma pedagogia heurística, assim como de professores investigadores. Em 1868 publicou *A lingua portugueza. Phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe*. Em 1871 surge outra obra *Theoria da conjugação em latim e portuguez. Estudo de grammatica comparativa*, e um ano depois a introdução filológica ao dicionário de Domingos Vieira. Dirigiu a *Bibliographia critica de historia e litteratura* em 1873-1875, uma revista de recessões em grande parte efectuadas por si. Nesse período envolveu-se também em polémicas contra o Fausto de Castilho – *Sciencia e probidade* (1873), contra Inocêncio e uma crítica do *Aristarco portuguez à sua Lingua portugueza* (1870), sobre o *Dicionário da Academia das Ciências* (1870), contra as *Portugalliae Inscriptioes Romanas* de Levy Maria Jordão e em defesa do *Corpus Inscriptioum Latinarum do alemão Hübner* (1870), em crítica à *Historia da litteratura portugueza* de Teófilo Braga (1872), *Questões da lingua portugueza* aparece em 1874. A segunda parte desta obra só aparece em 1889 (site; Pref. de LEAL, COELHO, 1993, pp. 13-31).

Em 1878, torna-se professor do Curso Superior de Letras, sendo indicado para o cargo quando houve necessidade de uma disciplina de Linguística Geral Indo-europeia<sup>59</sup>. Dedicou-se ao estudo da literatura e das tradições populares. Estudou a fundo a língua e cultura alemãs como um verdadeiro autodidacta que era. Acreditava que era fundamental dominar a língua alemã para se estudar os contos recolhidos pelos Grimm de uma forma séria. O conhecimento da outra cultura fê-lo olhar, e também conhecer melhor, a sua própria cultura. Conheceu a dinâmica interna de estudiosos filólogos, pensadores e escritores alemães. Leu com olhar crítico e científico os principais estudos dos irmãos Grimm, avaliando-os à luz das teorias da época, de que resultaram duas colecções de contos populares portugueses.

É importante referir a resistência de Adolfo Coelho em relação à tradução dos contos recolhidos pelos Irmãos Grimm para a língua portuguesa pois acreditava que esta poderia revelar-se nociva e facilitar a contaminação dos contos populares nacionais. No entanto, quando lemos esses contos torna-se óbvia a influência dos contos recolhidos pelos irmãos. Apesar das diferenças culturais reconhecemos elementos e costumes comuns, assim como o tecer das mesmas acções apesar de se passarem num espaço diferente e com personagens diferentes. Ao lermos os contos recolhidos por Coelho reconhecemos os contos dos Grimm. Estes contos que se misturaram entre palavras e imagens estereotipadas no fundo da nossa memória de infância (CORTEZ-MESQUITA, 1998, pp. 88-156 e PROPP, 1988).

Organiza e efectua a primeira recolha sistemática d'*Os Contos Populares Portugueses* em 1879, assim como as primeiras recolhas de literatura e tradições infantis – *Jogos e Rimas Infantis* em 1883. Dentro do estudo das tradições populares salienta-se outro dos seus grandes contributos – “*Materiais para o Estudo das Festas, Crenças e Costumes Populares Portugueses*” em 1880, que foram publicados na *Revista de Etnologia e Glotologia* fundada e dirigida por si. Este estudo revelou uma das mais importantes recolhas de tradições populares da antropologia portuguesa do século XIX. A sua paixão pela temática alargou-se nos anos 80 a outros domínios da cultura popular portuguesa dentro dos estudos etnográficos e antropológicos. É de referir um dos que mereceu mais destaque – *Exposição Etnográfica Portuguesa* (1896). Outro estudo importante que efectuou foi sobre os ciganos – *Os Ciganos de Portugal* (1892), as suas investigações também incidiram no estudo da cultura material – *A Caprificação* (1896) e *Alfaia Agrícola Portuguesa* (1901) e também em ensaios que dedicou à análise antropológica de questões de cariz pedagógico

---

<sup>59</sup>É ainda de salientar os quatro fascículos da *Revista d'ethnologia e de glottologia* (1880-1881), Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America (1881) (sobre a sua actualidade, Ernesto d'Andrade & Alain Kihm, "O Coelho crioulista", Ivo Castro (ed.), Actas do XII encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 2, 1997, pp. 387-392), Estudos sobre a influencia ethnica na transformação das línguas, diferenças phoneticas das linguas e diferenças anatomicas dos órgãos da falla (1901), Origens do português do sul (1909), para além das obras de divulgação: o Diccionario manual etymologico (1890) Noções de glottologia geral e especial portugueza (1881; 2.ª ed.: 1887; 3.ª ed.: 1897), uma gramática pedagógica (Noções elementares, 1891) e até traduções do método de Ollendorff (site; Pref. LEAL, COELHO, 1993, pp. 13-31).

– *Os Elementos Tradicionais da Educação* (1883), *A Pedagogia do Povo Português* (1898) e *Cultura e Analfabetismo* (1916). (site; Pref. LEAL, COELHO, 1993, pp. 13-31/Pref. OLIVEIRA, COELHO, 2005, pp.13-39)

Nas áreas da literatura e das tradições populares Adolfo Coelho recorreu a referências teóricas que vão desde o Difusionismo pré-evolucionista de Theodor Benfey (filólogo alemão), à mitologia comparada de Max Müller (filólogo e orientalista alemão) e ao evolucionismo de Tylor e Lang, que está tão presente nas suas ideias. O Evolucionismo também teve uma influência constante na sua produção antropológica assim como o Difusionismo da escola alemã (Coelho refere-se várias vezes a Wilhelm Schmidt na sua *Obra Etnográfica*) e a Escola sociológica francesa de Durkheim e Mauss.

Esforçou-se por cimentar em Portugal uma tradição de estudos antropológicos e pedagógicos que acompanhasse o desenvolvimento que se dava no estrangeiro. Os temas da decadência e da regeneração nacionais, que tanto haviam percorrido o pensamento português oitocentista fizeram parte das suas *Obras Etnográficas*. A opção de Coelho pelos temas da decadência e regeneração nacional remonta à sua participação nas *Conferências do Casino*, mas também está patente na sua obra antropológica, onde se encontram duas maneiras de ver a cultura popular portuguesa. Por um lado, remete para o factor da regeneração susceptível de contrariar a decadência do país e, por outro, é vista como um domínio que se deixa afectar pelo declínio da nacionalidade. Coelho acreditava que a solução para o problema da nação estava na reforma educativa, na instrução e na transmissão de uma riqueza cultural popular que devia ser resgatada da memória da história. Considerou os contos populares que recolheu como sendo o melhor veículo para chegar a essa memória.

É também importante referir a imagem da mulher que o autor aborda enquanto transmissora desse saber popular. Para si, e aos olhos da sociedade em que vivia, pelo menos dentro do seu contexto social, a mulher mais do que instruída, era ensinada e educada. Isto aparece vigente na imagem que deixa transparecer da mulher nos seus estudos, nos contos que recolhe e que já vinha patente nos contos recolhidos pelos Grimm. Adolfo Coelho refere na sua *Obra Etnográfica* as condições precárias da instrução da mulher dentro do pequeno e ilustre círculo privilegiado que tinha acesso ao ensino, o que não deixava de revelar uma grande assimetria quando comparado com o grande grau de analfabetismo que atingia a maioria dos portugueses.

As mulheres que aparecem nos contos recolhidos pelos irmãos Grimm, e depois nos contos recolhidos por Adolfo Coelho, aparecem enquanto personagens que são estereotipadas na sua eterna dicotomia de mulheres honestas, inocentes, virginais e religiosas ou mulheres perversas, malvadas e bruxas invejosas. No entanto, esse é um espelho que deveria ser observado pelas

crianças e jovens que ouviam estas estórias.

Os contos recolhidos pelos Grimm pertencem ao espaço dos contos que revelam o mundo do fantástico e do maravilhoso. No entanto, as acções que dão vida ao seu conteúdo visualizam-se perfeitamente em situações reais se os compararmos com a realidade e com a maneira como as pessoas encaravam tudo o que consideravam sobrenatural. É preciso salientar um facto importante em relação à cultura alemã. O camponês alemão apesar de não ser analfabeto como o português acreditava nos poderes da natureza e do mundo natural. O que não conseguiam explicar, como era o caso da doença, remetiam-no para o sobrenatural e cercavam-no de superstições. Acreditavam que a doença que se abatia sobre eles ou sobre os seus animais fosse obra da magia de homens dotados de poderes superiores, de entidades demoníacas que os embruxavam, sobretudo através de uma interveniente feminina, a “bruxa” (COELHO, 1993, pp.363-376).

Adolfo Coelho escreveu, recolheu, compilou e estudou enquanto filólogo, mitógrafo e pedagogo, trabalhando praticamente até ao fim dos seus dias, morre no século XX, em 1919.

#### 4 – A Escolha dos Contos enquanto Fontes e dos “Filólogos Coleccionadores”

As fontes que perfazem o *corpus* documental são os contos de fadas e os contos populares recolhidos da oralidade pelos filólogos irmãos Grimm e Adolfo Coelho. Ambos estudaram a cultura popular dos respectivos países e defenderam a sua importância histórica e pedagógica. Através deles estabelece-se um paralelo entre a realidade do princípio e do fim do século XIX, explorando o interesse que o Romantismo da primeira metade libertou na Alemanha e que só no fim do século iria ganhar força em Portugal, quando trata e sistematiza a matéria-prima dos estudos filológicos nos anos 70.

Quanto à escolha das fontes, são os contos “*Hansel e Gretel*”; “*Branca de Neve*” recolhidos pelos Irmãos Grimm e “*Meninos Perdidos*”; “*Sapatinhos de Cetim/Encantados*” recolhidos por Adolfo Coelho.

Os contos aqui tratados possuem traços em comum, apesar de pertencerem a épocas diferentes e de terem sido recolhidos em tempos e lugares diferentes. Os tempos são a Idade Média e o Século XIX romântico e os lugares são a Alemanha e Portugal. A análise que se busca é a do século XIX, data em que os contos foram fixados sob forma escrita, mas a Idade Média é o espaço onde esses contos são evocados.

Ambos os contos abordam a antítese e o ideal da mulher através das suas figuras femininas. Por um lado, temos a crueldade, que é patente nos modelos de feminilidade condenados pelas transgressões que estas cometem, como é o caso da mãe má, da madrasta e da bruxa. Por outro lado, temos a vulnerabilidade que aparece nos modelos de feminilidade apreciados pela sua boa conduta, como é o caso da beleza virginal da Branca de Neve, casta e bondosa, cujo dote da juventude é motivo de cobiça e causa do seu “resguardo forçado”. Existe também o modelo da heroína inocente mas activa, como a irmã de Hansel, símbolo da coragem e da esperança pois, embora seja criança, consegue demonstrar inteligência emocional para saber lidar com a situação a que é exposta. Possui os dotes do lar que eram esperados de uma mulher, assim como a lealdade para com o seu irmão.

Os Irmãos Grimm retratam o espaço da Alemanha onde se originou o movimento do Romantismo e Adolfo Coelho retrata o espaço de Portugal, numa altura em que esse movimento se difundia sob o olhar dos estudos antropológicos e do seu interesse pela cultura nacional. Ambos eram filólogos, pedagogos e investigadores de formação filológico-histórica<sup>60</sup>. Apesar de serem investigadores de gabinete, demonstraram um forte interesse pela recolha além de efectuarem a fixação e o estudo dos contos populares, percebendo a sua extrema importância.

---

<sup>60</sup>Os Irmãos Grimm tinham beneficiado dessa formação enquanto cursavam Direito e sobretudo através do acesso à biblioteca de Savigny.

Os contos que os Grimm recolheram tiveram versões que foram sendo actualizadas entre a primeira edição em 1812 e a última edição em 1857. Apesar de terem conservado os seus traços mais importantes e de não terem alterado o conteúdo da estória em relação à versão de 1812, foram adaptados para as crianças, notando-se algumas diferenças no vocabulário utilizado e na omissão e introdução de alguns excertos.

No caso dos contos recolhidos por Adolfo Coelho, este manteve as versões que recolheu praticamente como foram transmitidas, só tendo eliminado algumas repetições inúteis e introduzido um ou outro pronome que o registo escrito tornava necessário, de modo a torná-las mais compreensíveis e tendo o cuidado, como já foi dito, de organizar uma obra mais científica e outra mais dedicada à infância (OLIVEIRA, COELHO, 2005, pp.41-75)

Quanto às razões do interesse pelos contos populares dentro do campo da literatura popular portuguesa encontraram-se as respostas dentro do contexto das motivações do movimento etnológico europeu.

A descoberta do trabalho dos Irmãos Grimm em Portugal, como se pode constatar através da tese de Doutoramento de Maria Teresa B. Cortez-Mesquita sobre a recepção dos contos de Grimm em Portugal, foi importante, mas como ela própria afirma, deu-se de forma tardia e (de forma) lenta quando comparamos com os estudos feitos noutros países da Europa, de que se salienta de forma pioneira a Alemanha. O que interessa referir sobre os Grimm é que os “seus” *Kinder- und Hausmärchen* espelharam a adesão ao movimento etnográfico europeu tendo ganho uma grande projecção entre os anos 60 e 80.

Este facto sucedeu aquando da descoberta do sânscrito, ou indo-europeu segundo Franz Bopp e da investigação das diferentes famílias linguísticas europeias. O filólogo alemão era Professor de línguas orientais na Universidade de Berlim e começa a publicar em 1833 uma gramática comparada das línguas indo-europeias.

Esta área de estudos possuía um *corpus* na sua maioria composto por textos religiosos que vieram estimular a área da mitologia comparada. O orientalista alemão Max Müller (1823-1900), Professor de História Literária e de Gramática Comparada na Universidade de Oxford foi um dos defensores acérrimos da origem mitológica dos contos. Müller compartilhou da teoria dos Grimm no que respeita ao facto destes filólogos verem nos contos elementos residuais dos mitos e deu seguimento às teses dos Irmãos<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup>Max Müller fundamentou as suas teses na teoria que todas as famílias linguísticas indo-europeias teriam derivado de um tronco comum, original que remontava a uma época primitiva que tinha sido acompanhada pela unidade religiosa. Tratava-se de uma religião naturalista, em que os deuses seriam fenómenos da natureza personificados. Com o tempo a unidade da língua degradou-se, o que levou a que se perdesse ou se misturasse com o significado de conceitos de cariz religioso. A este fenómeno Müller denominou de *Sprachkrankheit* cujo conceito significa doença da linguagem. Os mitos e as narrativas populares seriam tentativas de dar sentido e forma a elementos vagamente recordados dessa primeira mitologia (Prof. OLIVEIRA, COELHO, 2005, pp. 13-39).

A escola mitológica ganhou um lugar de respeito apesar de quase na mesma altura, terem surgido outras teorias que também tiveram grande adesão. Na verdade não estamos perante uma só teoria, mas sim várias teorias que explicam as origens dos contos que tanto despertaram o interesse dos filólogos, tal como chama a atenção Ernesto Veiga de Oliveira no prefácio d'*Os Contos populares portugueses* de Adolfo Coelho. Os estudos mitográficos e comparativos, que tinham sido aplicados aos contos, tiveram uma grande repercussão, além de um renovado interesse científico pela recolha deste repositório de cultura.

Portugal conheceu o movimento etnográfico que resgatou o gosto pelo conto graças aos estudos dos seus fundadores no país, em especial, Teófilo Braga e Adolfo Coelho. São figuras importantes enquanto representantes de uma Geração de 70 que almejava acompanhar o resto da Europa através do reanimar da cultura, da literatura e das ciências portuguesas que tinham decaído. A ideia de decadência foi objecto da preocupação central desta geração, assim como a necessidade premente de uma solução que apelava à reforma, renovação e regeneração.

A urgência da necessidade de regeneração despertou alguns membros para o problema e fê-los ir ao encontro das fontes da cultura do povo português. Investidos de um espírito científico e de um almejar pela renovação nacionalista, vão buscar muitas das tendências vistas como sentimentalistas na primeira geração romântica mas agora revestidas por um olhar científico, racionalista e algo positivista, que as racionaliza e sistematiza vendo o passado medieval com a mesma estima de culto, e a própria Antiguidade mas dentro dos novos parâmetros da época.

A visão romântica da literatura popular deverá ter sido assimilada por Adolfo Coelho com facilidade enquanto instrumento de descoberta e afirmação da identidade nacional. É de salientar o primeiro estudo sobre o conto popular, "*Belfegor*". Coelho refere: "É sobretudo, o que parecerá à primeira vista singular, nos grandes monumentos das literaturas que se descobrem os elementos tradicionais, e os produtos literários são tanto mais insignificantes quanto se afastam mais da tradição." O filólogo fez outra observação semelhante na "Prefação" dos *Contos populares portugueses*: "(...) as literaturas só têm valor verdadeiro quando aproveitam as minas da tradição popular (...). Nada mais mesquinho que os produtos da imaginação individual", sendo para ele a imaginação colectiva, a que era realmente a expressão máxima do povo, como também refere na sua *Obra Etnográfica* (CORTEZ-MESQUITA, 1998, pp. 88-156/Pref. OLIVEIRA, COELHO, 2005, pp.13-39).

O apelo da descoberta do *Volksgeist*, o espírito do povo, despertou os investigadores da literatura e das tradições populares no Romantismo alemão para o facto de a colecção dos *Kinder- und Hausmärchen* dos Grimm ser um dos melhores exemplos a seguir. Os irmãos foram reconhecidos como pioneiros do estudo da literatura popular numa via de cientificidade. A sua



colecção de contos tornou-se uma referência para muitos trabalhos que se efectuaram um pouco por toda a Europa, e Portugal não foi excepção, pois todos os fundadores do movimento etnológico português também reconheceram o valor dos Grimm.

Maria Teresa Baeta Cortez-Mesquita refere Adolfo Coelho como sendo o homem de ciência face à obra dos Irmãos Grimm. O filólogo considera os *Kinder-und Hausmärchen* como a colecção de contos que está na origem de uma onda de interesse pelo estudo e recolha destes exemplos da literatura popular.

Adolfo Coelho refere que a primeira colecção de contos verdadeiramente populares, tal e qual como foram contados pelo povo, foi publicada de 1812 a 1814 pelos Grimm e que teve várias edições até à data. Segundo ele, a importância dessas tradições foi evidenciada pelos coleccionadores, já no prefácio e volume de notas que pertencia à colecção de 1822 tal como em diversos outros trabalhos mitológicos posteriores (Pref. OLIVEIRA, COELHO, 2005, pp. 13-39/CORTEZ-MESQUITA, 1998, pp. 88-156).

Desses trabalhos deve ter-se em mente, e recapitulando o que foi dito no começo da dissertação, que os contos populares remontam em grande parte não só à Idade Média mas também à Antiguidade; que uma grande parte desses contos tem relações muito próximas com lendas de origem mítica ou de mitos; que os próprios Grimm revelam mais um traço da importância dos contos ao demonstrarem com a sua recolha que os mitos continuam através dos contos apesar de enublados pela crença adormecida e esquecida mas que se reconhecem nesses registos; que os mesmos contos se acham espelhados por um grande número de povos, colocados às vezes a enormes distâncias geográficas; que o estofado destes contos se acha em numerosas obras literárias importantes de diversas épocas e nações. Todos estes pontos revelam a imprescindível importância histórica e psicológica dos contos populares (COELHO, 1993/CORTEZ-MESQUITA, 1998; CARPENTER e PRICHARD, 1984, 88-156).

## II – O Ideal da Mulher Recolhida, a “Religiosa” e da sua Transgressão, a “Bruxa”

A imagem que passou durante muito tempo, e que inclusive até estava prevista na lei, ditava que cada mulher era uma “feiticeira” em potencial, pronta para emergir caso não fosse controlada. Os valores, os costumes e as crenças da comunidade serviam de instrumentos de controlo e como “grilhões” que afagam ou apertam, encarregavam-se de cercar a figura feminina em todos os estratos da pirâmide social.

O Concílio de Trento e a Contra-Reforma surgiram como reacção ao medo que a Igreja tinha de perder o monopólio do poder sobre a vida dos crentes que, ao deixarem de o ser, deixariam também de ser facilmente controláveis. Queriam por isso resgatar aquilo que se começava a fragmentar, urgindo a necessidade de guardar as suas “ovelhas” antes que estas se perdessem do “rebanho”, juntando-se aos que promoviam a destabilização da paz social e moral.

A castidade, a clausura e o recato, eram recomendados ou impostos, mas a verdade é que também nesse “recito de fé” existiam muitas estórias cheias de visões, misticismos, estigmas e delírios tanto de crentes como de mulheres que abraçavam a vida religiosa, de monjas que almejavam o flagelo das santas.

O facto é que, num mundo em que a mulher, tendo por modelo Eva ou Maria, se via de destino traçado, tendo que abraçar o comportamento exigido ou enfrentar as penas de uma vida que a marginalizava e colocava à margem da sociedade. O fomentar desses argumentos levou as Igrejas do Oriente e do Ocidente a imporem a castidade aos monges e a tornar-se o ideal da mulher cristã (AAVV, BARRADAS (Trd), 2006, pp. 81-114).

Presente na Idade Média, este conceito ganhou força sobretudo a partir da Idade Moderna, que impõe a clausura às religiosas e o resgatar de uma apertada observância em relação à conduta da mulher, que deveria ser a mais recatada possível, de maneira a não despertar a atenção sobre si e sobre a sua sexualidade. Além da castidade esta purgar-se-ia das “falhas herdadas” seguindo os ensinamentos do Senhor.<sup>62</sup> À mulher estavam concedidos somente o direito e o dever de transmitir a fé aos filhos, o que a confinava no espaço privado que lhe estava reservado pela sociedade civil e religiosa. Mas o que aconteceu ao mundo privado das mulheres, no fim da Idade Média, que ecoaria na Idade Moderna e se fixaria na mentalidade do século XIX? E qual a importância do Cristianismo no moldar desse mundo que as mantinha apartadas do exterior, em nome da sua honra e protecção? O que faz do homem, senhor do domínio público e a mulher, senhora do domínio privado? Que dicotomia existe na condição da mulher que a torna tão adorada mas também

---

<sup>62</sup> (...) Salvar-se-á gerando filhos, se permanecer em fé, amor e santidade, com modéstia” (*Primeira Epístola a Timóteo*, 2: 12-15) (AAVV, BARRADAS (Trd), 2006, pp.81-114).

indesejada?

Para o mundo cristão, o caminho da mulher foi traçado desde o *Gênesis* e do apego a uma filosofia que o reforçava e justificava. O pensamento cristão apreendeu de Platão, a ideia de que o Homem é composto de duas substâncias, a alma e o corpo. Sendo a alma próxima do divino e portanto imortal. Para alcançar a tão almejada eternidade dos justos ficou assente que o homem deveria afastar-se dos prazeres mundanos que o desviavam das preocupações com a alma. Os teólogos cristãos concluíram então que o homem deve desconfiar da mulher (AAVV, BARRADAS (Trd), 2006, pp. 81-114).

Quanto ao corpo, este é somente o efêmero receptáculo da alma e deve evitar o pecado para a conservar casta. Esta atinge o seu destino através do corpo que serve para a salvação se o indivíduo for merecedor ou para a condenação se for um pecador irremediável. No entanto, não se limita a essa dualidade, pois também existe o espírito que anima, inspira e associa o elemento mental do Homem à Santíssima Trindade. (GOFF, 1989).

A mulher, estigmatizada como ser impuro e portadora de impureza é tomada como Eva, vinculada para sempre a uma tendência para o pecado. Eva incitou Adão a provar do fruto proibido e ambos conheceram as dores da mortalidade traçando assim o primeiro estereótipo feminino.

Esta concepção da mulher como Eva é uma imagem medieval. Para Estevão de Fougères<sup>63</sup>, é portadora de mal pela tentação que representa. As damas que não se mantêm acompanhadas e ocupadas com os seus afazeres domésticos podem facilmente cair na tentação. Não é aconselhado por isso que fiquem sozinhas sobretudo quando saem do espaço interior para o exterior pois podem pecar e levar a pecar pela sua sensualidade e sexualidade. Despertam o desejo nos homens das três Ordens que são obrigados pela condição e estatuto ao qual pertencem a tratá-las de modo diferente consoante a moral que lhes é pedida mas que depressa se rendem aos seus encantos ou encantamentos sejam elas damas, putas ou fadas do bosque.

O eclesiástico descobre na natureza feminina os vícios que condena: “As mulheres são em primeiro lugar dadas a desviar o curso das coisas, portanto, a opor-se às intenções divinas mediante práticas, na sua maior parte culinárias, cujo segredo transmitem entre elas. Todas mais ou menos feiticeiras, as damas cozinham entre si suspeitas misturas, a começar pelos cremes, os unguentos, as pastas depilatórias de que se servem, modificando a sua aparência corporal, para se apresentarem enganadoras, diante dos homens.” Acusa-as ainda de serem rebeldes, adúlteras, cheias de poderosos encantamentos, de apelos à luxúria, de serem manipuladoras de sortilégios e de fazerem magia negra ao fazerem bonecos em cera ou barro que envenenavam em seguida com

---

<sup>63</sup>Estevão de Fougères foi capelão de Henrique Plantageneta. Em 1168 tornou-se bispo de Rennes (Duby, 1996, pp.11).

ervas ruins tendo como alvo os maridos e de prepararem e distribuírem preparados para evitar a concepção ou para provocar o aborto (Duby, 1996, pp.12-14).

No entanto, a herança estigmática que transportava reflectiu-se e reforçou-se muito mais na Época Moderna, sobretudo durante o século XVII, aquando da massiva caça às bruxas. A perseguição de pessoas acusadas de bruxaria viu-se forjada em grande parte devido a uma guerra de religiões, em que aquele que não professava a religião instituída era herege, um representante do mal, o infiel.

A “bruxa”, e o fomentar da perseguição que esta sofria, criou-se no seio de uma fachada religiosa que a transformara numa figura herética. Viam-na como uma ameaça para a harmonia moral e social devido à influência que as suas ideias poderiam ter sobre a comunidade (ideias contrárias ou diferentes da interpretação feita pela Igreja que perdia poder sobre os crentes ao ser questionada). A Igreja tinha o apoio do rei e dos grandes senhores e por sua vez, esse apoio era mútuo no que respeita ao controlo do povo, feito em grande parte através da religião. Quem não abraçasse o Cristianismo era, assim, considerado pagão ou herege.

Nas alturas de grande crise em que havia um aumento demográfico pronunciado apesar do elevado grau de mortalidade, da consequente carestia e doenças pestilentas, a mulher pobre e sozinha era vista como um ser que contribuía com a sua prole para engrossar a pobreza já existente, sendo um problema que exigia uma solução urgente. Fazia parte dos problemas sociais e acabava por servir de manobra de diversão para os problemas económicos. Não havendo soluções para apresentar, que agradassem ao povo, pelo menos faziam aparecer os “culpados” por todas aquelas calamidades e desgraças que passavam. Os culpados, ou melhor, os bodes expiatórios eram normalmente os excluídos como a “bruxa” e a prostituta que incarnavam a mulher pecadora, mas também o judeu e até o leproso, que ora era visto como um ser mais próximo de Deus, ora era visto como um pecador punido com a doença.

A heresia, o pecado e o sobrenatural eram uma justificação que convencia facilmente a população, amenizando assim a fúria e a rebelião dos famintos. Ao dar-lhes “pão e circo” como faziam no coliseu romano, desviavam a atenção do verdadeiro problema que assolava a comunidade, isto é, a pobreza.

O grande argumento da Igreja é de que as mulheres eram consideradas como mais predispostas a entregarem-se ao Diabo, pois eram tidas como fracas, vaidosas e por se deixarem levar pelos prazeres da carne oferecidos por este (VILLARI, 1995, pp.209-227).

O conceito da mulher enquanto tendencialmente herege, fonte do mal e “bruxa” ganha mais consistência a partir da Bula papal de Inocêncio VIII, de 1484 e do Tratado de bruxaria, *Malleus*

*Malificarum*<sup>64</sup>, que se seguiu à Bula poucos anos depois, em 1486, como resultado do estudo empreendido por dois inquisidores alemães, Heinrich Kramer e Jacobus Sprenger. Ambos os religiosos investidos pelo papa de poderes especiais, conseguiram architectar um guia que conta de forma detalhada tudo, o que acreditavam ter a ver com heresia e bruxaria, que consideravam como sendo sobretudo de índole feminina. Para isso serviram-se de passagens da Bíblia como fonte, assim como de outros textos religiosos e sagrados mas também jurídicos, do século IV e V e até mais antigos, o que os reforçava com uma base legal de que dispuseram para o efeito<sup>65</sup> como o *Código Teodosiano*<sup>66</sup> e o *Código Justiano*<sup>67</sup> como é salientado por Julio Caro Baroja (BAROJA, 2001, 41-57).

Os textos de onde retiraram a informação necessária para fundamentar o estudo são um tanto polémicos pois foram seleccionados pelo seu extremo rigor, no que respeita à moral mas, por outro lado, também por serem manipuláveis apesar desse dito rigor, tendo sido conduzidos de modo a irem ao encontro do que pensavam, para que reforçasse as suas ideias, interpretações e justificasse as medidas que tomavam quando confirmavam as suspeitas de heresia.

Portanto, as mulheres eram pintadas como seres dominadores ou fracos e influenciáveis que não podiam estar expostos, devendo a sua condição estar resolvida. A sua vida deveria obedecer sempre às idades que lhes estavam destinadas: virgem, casada e viúva.

A idade era um elemento diferenciador dos sexos. Enquanto a mulher estava restrita pela decência a três idades, o homem tinha quatro que o acompanhavam em cada ritual de passagem. “As crónicas latinas do século XII falam dos homens como *pueri, juvenes, viri, senes*, realçando quatro idades biológico-sociais. Em contrapartida, a mulher só tem três idades, já que a sua classificação respeita ao casamento e à procriação. A menina e a adolescente unem-se num único tipo, *virgo*, embrião da esposa, *conjugata*; quando já não procria é matrona.” Segundo Jacques Dalarun acerca dos olhares que os clérigos lançavam sobre a sociedade feminina, a infância e a adolescência faziam parte da mesma etapa para o Homem Medieval pois eram ambas idades da

---

<sup>64</sup>O *Malleus Malificarum* está dividido em duas partes, sendo constituído por uma série de perguntas e respostas que perscrutam todas as faces da Heresia e da Superstição assim como dos agentes que levam a cometer heresia por intermédio de um mediador ou incorporando o mal em si. Regra geral, a bruxa ou a feiticeira costuma ser a mediadora entre a pessoa e a entidade demoníaca. Era estabelecido um acordo, em que o neófito oferecia a alma em troca do que queria para a sua vida terrena, repudiando a fé anterior. Além de descrever a mulher como ser demoníaco ou com tendência para conviver com o demónio também refere os que lhe estão imunes como é o caso dos homens da Igreja e os que ocupassem cargos públicos ou jurídicos. Este Tratado resultou do pedido que vem expresso na Bula e que se julgava necessário devido às suspeitas de bruxaria que havia em algumas partes da Alemanha e que depois se veio a verificar em outras partes do mundo. (A versão utilizada para o presente estudo é a tradução espanhola de Maza Floreal, ed. Orión e contém a *Bula Papal de Inocência VIII* assim como a *Carta Oficial de Aprovação do Tratado*) (KRAMER; SPRENGER, 1486, pp. 4-7).

<sup>65</sup>A obsessão que tinham em relação à mulher e a todos os mistérios que a envolviam está presente nos seus estudos. O Tratado está revestido de um tom misógino e crítico, deixando pouco espaço para o que realmente os fiéis podiam fazer, sem que fossem considerados pecadores ou hereges. No entanto, aqui não cabe julgarmos os seus actos e sim interpretarmos os factos que nos deixaram como legado. Afinal, são o testemunho escrito da mentalidade negativa da época, do fim do século XV e que já deixava adivinhar a perseguição que iria acontecer nos séculos seguintes em várias partes da Europa. O resultado das fogueiras que a Inquisição acendeu à conta da heresia e em nome da Fé, contabiliza-se sob a forma dos registos dos autos-de-fé que se acumularam até ao fim do século XVIII, cheios de relatos fantásticos de mulheres dementes e esquizofrénicas e de confissões induzidas pelo medo, pelo uso de drogas naturais ou de uma tortura que convencia culpados e inocentes.

<sup>66</sup>*The Interpretatio of Law 3*, title 16 in Book IX of the Theodosian Code (BAROJA, 2001, pp.41-57).

<sup>67</sup>*The laws of Book IX*, title 18, in Justian's Code (BAROJA, 2001, pp.41-57).

virgindade. O que ditava a sua maturidade era uma idade mais social do que propriamente biológica (DUBY, 1990, pp. 108). A quarta idade da mulher é algo recente como afirma Michelle Perrot, pois na Idade Média a taxa de mortalidade das mulheres era superior à dos homens. A sua longevidade estava ligada à sua condição ginecológica, alimentar e também de cuidados de obstetrícia que na maioria das vezes eram precários. Posteriormente, a realidade melhorou com o avanço da ciência mas não deteve o velho estigma da pobreza nem os novos estigmas da sociedade oitocentista, a tuberculose “romântica” e os vícios que se tornaram cada vez mais femininos. Rousseau falava até das mulheres que vivem como os homens e morrem quase como eles.

A mulher adquiria assim estatuto através do casamento ou da entrada para um convento ou recolhimento. Não querendo a Igreja nem o Estado, donzelas desgarradas, entregues à mendicidade e à perdição era importante levá-las para o bom caminho. O acompanhamento destas mulheres era, então, feito por instituições que as recolhiam e assistiam, provendo-lhes orientação e sustento, de modo a não as perder para o descontentamento que as levaria a abraçar outras crenças, a pecar e a desonrarem-se a elas próprias e à família.

No que diz respeito à assistência das pobres, órfãs e desgarradas, a Reforma da Igreja Católica trouxe consigo um reforço dos valores que eram impostos aos fiéis tanto para os conquistar como para os manter sobre vigilância. Evidenciou as preocupações com a condição e a moral feminina, em que as mulheres sozinhas representavam um grave problema como já foi referido, fazendo parte do grupo dos mais necessitados e vulneráveis da sociedade. Perigavam, desgarrar-se devido à sua condição pobre e não tendo família ou tutor para as orientar ou sustentar tornava-se difícil crer no seu recato e castidade, os seus únicos bens já que não possuíam um dote. Perdidas ou desonradas, pobres ou órfãs só iriam gerar mais enjeitados e miséria, assim tornava-se uma prioridade para as instituições de assistência que se ocupavam delas, prover-lhes o essencial para viverem de forma condigna, acompanhando-as nas várias etapas da vida e até assegurando-lhes um estatuto, quer fosse encaminhando-as para uma vida religiosa ou para um casamento. No entanto, essas medidas só funcionavam com as que se mantinham obedientes.

As mulheres eram encaminhadas para conventos ou recolhimentos, passando por uma selecção em nome da decência e do assegurar da pureza. Destacavam-se, então, os que se destinavam às mulheres honradas dos que recolhiam mulheres perdidas, prostitutas e que por norma eram muito difíceis de corrigir, sobretudo quando decidiam fugir. Criados por arcebispos ou por particulares, os recolhimentos serviam como refúgio da tentação, tendo por isso um papel importante na preservação da honra e da orientação para a vida (LIBERATO, 2005, pp. 275).

Os recolhimentos tinham assim como objectivo preservar a moral sexual feminina, por via

de uma vivência para-conventual. Prestavam assistência a vários tipos de pobreza, desde que essa fosse comprovada<sup>68</sup>. Entre estas não estava só a pobreza por degradação do estatuto social mas também a pobreza mais flagrante, de quem vivia na pura miséria.

As causas da pobreza da mulher podiam estar ligadas a várias situações. À orfandade de pai<sup>69</sup>, em que a ausência de uma figura masculina paterna ou familiar a deixava vulnerável, sem o elemento que fazia cumprir as imposições sobre a coabitação inter sexual. Outra situação que também a podia expor era a já também referida degradação das condições económicas. Essa degradação nem sempre atingia limiares de pobreza mas impossibilitava a manutenção do nível social em que a donzela nascera. Esta podia desviar-se do bom caminho perante um quadro de pobreza que temia (LIBERATO, 2005, pp. 275).

Outra situação era a das mulheres casadas e/ou mal casadas, tendo o seu marido ausente por motivos de trabalho, abandono ou mesmo devido a conduta imprópria que levava a mulher a refugiar-se num recolhimento para se poder sustentar e resguardar. Mais tarde seriam consideradas como “viúvas brancas” já que viviam como autênticas viúvas. Também acontecia auxiliarem e albergarem as verdadeiras viúvas, cujos maridos tinham morrido e que se encontravam sozinhas no mundo.

Era essencial salvar estas mulheres da pobreza pois esta estava associada à doença. A pobreza era vista como a grande inimiga da salvação. Esta ideia remontava ao séc. XIII. O Papa Inocêncio III referia na sua Bula *Cum infirmitas* que por vezes a doença física provinha de uma conduta pecaminosa. Sendo o pecador acometido de uma doença como castigo pelo seu comportamento. Essa associação que se fazia entre doença e pecado era reforçada pelo estereótipo que a sociedade fazia da mulher, tratando-a como descendente de Eva quando fugia às regras impostas a menos que se redimisse e seguisse o exemplo de Maria na castidade e na piedade.

Existia uma grande obsessão em relação ao escândalo. O pecado parecia ter-se tornado uma constante perante uma moralidade social tão apertada, pelo que as idades estabelecidas para a permanência das mulheres coincidiam com o período fértil pois era considerada a idade de maior perigo. Esta deveria findar quando a mulher atingia a menopausa «porque nessa idade parece que vae cessando o perigo de viverem no século». Embora a conduta das mulheres mais velhas fosse importante, as mais jovens e inexperientes eram a prioridade. Quanto às normas de entrada para a instituição esta deveria obedecer a regras que nem sempre eram cumpridas (LIBERATO, 2005,

---

<sup>68</sup> Assim como um dos papéis da assistência era distinguir o pobre do vagabundo ou delinquente, auxiliando-os a ganhar autonomia económica de maneira honesta, também era discernir quem era pobre e a que tipo de pobreza pertencia (LIBERATO, 2005, pp. 275).

<sup>69</sup> A morte paterna ou mesmo de ambos os pais resultava na estagnação do rendimento familiar e normalmente num acumular de dívidas que fazia escoar o património que restava. A perda de bens era uma causa de pobreza muito recorrente e provinha da condição de vida que a família levava e da consequente má administração, em que o rendimento era inferior à despesa. Outra situação era de havendo herança não puderem usufruir desta, tendo o filho varão ficado com o direito sobre os bens e a gerência destes (LIBERATO, 2005, pp. 275).

pp. 275).

Quando entravam para a instituição tinham de observar um conjunto de regras muito rígido. A vigilância era constante. O contacto com pessoas exteriores à comunidade, sobretudo do sexo masculino era de evitar, de maneira a não se contaminarem com o mundo exterior<sup>70</sup>.

Porém pequenas liberdades eram concedidas desde que não fossem consideradas escandalosas. Afinal, por mais rígido que fosse o sistema teria que permitir contacto suficiente para despertar o interesse num casamento. Era-lhes dado a escolher entre os dois mundos, mas com zelo, de modo a manter a honra dessas mulheres imaculada. Quando essa honra era corrompida, apesar da apertada vigilância, a expulsão da pecadora resguardaria o nome da instituição (LIBERATO, 2005, pp. 275).

A comunidade albergada nos recolhimentos era constituída por colegiais e porcionistas. O quotidiano era regido pela oração, leituras sagradas, observando a piedade, a devoção, a moral e a disciplina assim como a modéstia no vestir. O comedimento e o silêncio também eram virtudes recomendadas. A vida religiosa incluía igualmente a obrigação da confissão mensal. Quanto ao trabalho manual era realizado em dois momentos do dia, antes e depois do almoço. A mulher devia ser trabalhadora e esforçada. Assim, a ocupação do corpo resguardaria a mente de pensamentos obsoletos ou pecaminosos<sup>71</sup> (LIBERATO, 2005, pp. 275).

Os conventos por sua vez, eram instituições religiosas que normalmente seguiam uma linha de tradição nobre, aristocrática ou abastada pois era necessário ter meios para dispor de um dote na altura do internamento. Era o lugar onde as mulheres faziam a sua formação moral e intelectual e estava mais voltado para o abraçar de uma vida religiosa.

A Igreja, apesar da sua malha apertada e de ter como vigilante a Inquisição que levava o seu poder aos extremos, foi uma agente activa, ditando e estabelecendo o plano de acção das instituições e das formas de assistência e caridade face à pobreza e à falta de moral que representava na verdade um problema mais social do que religioso pelas razões já apontadas.

Na época, o que auxiliava na manutenção da honra feminina passava assim por um recato que lhe remetia para os espaços interiores e contemplativos. Quando a mulher não estava internada num convento, deveria recolher-se no doce lar do pai ou do marido e evitar o mundo exterior que era cheio de vícios que poderiam contaminá-la e desencaminhá-la, comprometendo a sua honra e imagem perante a sociedade. Assim, a conduta da mulher deveria obedecer aos

---

<sup>70</sup> Além do médico, do confessor e de outros serviços como a ida dos hortelãos ou de compradores, o recolhimento estava vedado às outras pessoas, inclusive aos filhos menores das casadas ou viúvas. Quando era permitido o contacto com outras pessoas que não fossem familiares, o que era raro, as recolhidas eram sempre acompanhadas. A vigilância em relação à correspondência também era apertada (LIBERATO, 2005, pp. 275).

<sup>71</sup> Também é de referir a assistência do poder municipal que trabalhava com essas instituições. As práticas eram muito semelhantes, além da orientação e da vigilância da honra das recolhidas era-lhes também concedido um sustento, subsistência e até dote, quando não o podiam prover. Os órgãos municipais também tinham a preocupação de prover abastecimentos, meios de higiene e de ordem pública de maneira a antecipar-se a possíveis carências e pestes (JESUS).



requisitos do que era esperado e idealizado pela sociedade.

Todos os factores deveriam resultar num sentimento ambivalente de honra e vergonha que a tornavam humilde, o que era muito valorizado não só na Idade Média, como o foi também nos períodos que lhe seguiram e o continuou a ser em pleno século XIX romântico. Este tipo de comportamento muitas vezes aparentemente submisso deveria trazer à mulher, estima e consideração.

Portanto, a mulher deveria ser apegada aos bons costumes e tradições, tendo sempre uma boa conduta que lhe concedesse uma honra intacta perante a família, o pretendente ou marido, assim como perante uma sociedade que seguia todos os seus passos, perscrutando-lhe o comportamento. Qualquer falha ou mácula resultaria num escândalo imperdoável que a excluiria do seu meio e relações.

Aqui, o controlo da Igreja e das Instituições de Assistência e Caridade foram firmes no assegurar da inocência e honra. Protegeram a mulher independentemente da sua vontade<sup>72</sup> e aninharam-na no seio do seu espaço de Fé e temor a Deus. As palavras do Senhor seriam o seu guia na vida e assegurar-lhe-iam conforto na morte. Afastando-a da pobreza, afastavam-na do pecado, da heresia, da rebeldia e mantinham a mulher sã e digna de ser considerada herdeira de Maria e livre de filhos, que não eram do Espírito Santo.

A posição em relação à mulher pouco se alterou ao longo dos séculos praticamente até chegar ao século XX, no que diz respeito à questão da virgindade e da castidade. Daí ter-se incorporado os dados da Idade Moderna a este estudo, sobretudo por causa das figuras femininas aqui estudadas serem tão caras a esta época. A clausura que deveria servir para assegurar a virtude não pertencia no entanto, aos costumes da Idade Média, que no começo da criação das ordens, que abraçavam a clausura feminina até as viam com maus olhos e com um certo desdém, pois ao ingressarem para uma vida conventual, sobretudo em regime de clausura, afastavam-nas do mercado de casamento e de alianças proveitosas para as famílias<sup>73</sup>.

Já na Idade Moderna, o problema da mulher sozinha e desamparada tinha chegado a tamanhas dimensões que era necessário reforçar as medidas de auxílio à pobreza e duas dessas medidas extremas foram a clausura e o reafirmar da moral e dos bons costumes que apelava ao recato. Quanto mais filhos nascessem de relações libertinas, mais aumentava o número de pobres

---

<sup>72</sup>As famílias controlavam os destinos dos filhos, sobretudo das filhas, pelo que acontecia donzelas serem colocadas em conventos ou recolhimentos sem que fosse essa a sua vontade ou mesmo antes de sabermos que rumo gostariam de dar às suas vidas por serem tão jovens quando eram internadas. Eram entregues a uma “profissão” para a qual muitas vezes não tinham vocação. Isto podia acontecer como uma maneira de resolverem um problema de herança, por não encontrarem um casamento apropriado ou até para prepará-la para o mesmo.

<sup>73</sup>Este factor salienta outro dado importante, estas ordens eram constituídas por mulheres pertencentes às camadas mais altas da sociedade. Enquanto estas se podiam despojar das riquezas (como o fez a freira mendicante, Clara de Assis, contribuindo para o enriquecimento das doações feitas para ajudar os mais necessitados), as mulheres pobres ou as que não tinham o suficiente para prover um dote não tinham nada para se despojar a não ser delas próprias.

que a cidade e mesmo o campo podiam suportar. Os casos de mendicidade, de prostituição, de crimes como o assalto, o assassinio e a violação, as doenças contagiosas, sobretudo as pestes e as doenças venéreas e a própria revolta do povo urgiam ser contidos o máximo possível, já que não os conseguiam erradicar por completo. Esse parece ter sido um dos motivos que reforçou a obsessão pelo pecado e a ameaça de excomunhão por parte da Igreja, como também ajudou a fomentar o gosto pela perseguição dos hereges e das fontes disseminadoras do pecado, a mulher enquanto “Bruxa”.

A concepção deste modelo de feminilidade dicotômico da “Religiosa” e da “Bruxa” cultivado pela sociedade que ditava o correcto e o incorrecto visava então tentar resolver sob o manto da fé um problema social e económico, o das crianças que proliferavam, apesar da fragilidade das suas vidas, largadas às condições precárias da fome e da doença que as levava cedo, ceifadas pelo infanticídio e pelo abandono antes e depois da existência das rodas dos expostos e, além de todos estes motivos, um grande apego ao ideal de mulher inatingível, a Santa.

O almejar desse ideal nasceu sobretudo com a introdução do culto mariano, pois até então a importância dada a Maria, mãe do criador não a tinha colocado ao mesmo nível do culto dos santos masculinos. Não tinha sido dada tanta importância às “santas”, às divindades femininas desde os tempos pré-cristãos em que se venerava a Grande Deusa em sociedades matriarcais (ABREU, Z., 2007, pp.181-185).

A Idade Média assistira à cristianização da sociedade e à sua patriarcalização, mas foi somente no fim, ou melhor na transição, da Idade Média para os períodos que lhe seguiram, que o mundo ocidental verificou a crescente obsessão no que se refere à moral, ao pecado e à “demonização do Inimigo” humano visto como sobrenatural ou herege, como diria Umberto Eco (ECO, 2007, pp.185). Além disso, a Reforma significava reacção e mudança, alterando a relação de monopólio que a Igreja tinha com a comunidade, tornando-se urgente para manter a sua autoridade austera, um estreitamento de laços de fé ainda mais fervoroso e impenetrável. No entanto, cristãos ou protestantes perseguiram a mesma figura talvez pelos mesmos motivos.

Acima da capacidade reprodutora da mulher estava a sua experiência e atitude perante a vida e o quotidiano. A que se dedicava a uma ocupação ou a um ofício, sobretudo quando estava ligado a um conhecimento empírico ou livresco, tornava-se exposta aos olhares atentos dos inquisidores. Afinal, conhecimento significava poder. A figura da curandeira, da parteira e da cozinheira eram realmente medievais mas as figuras da “Bruxa” assim como da “Santa” não eram medievais e sim barrocas, pelo valor arquetípico que lhes foi atribuído, tanto através da magia como do milagre, e depois reduzindo-as à perversidade e heresia no caso da “mulher anti-ideal” e à virtude e à vida exemplar da “mulher ideal”.

A “Bruxa” subsistiu enquanto prostituta, alcoviteira (Celestina) ou proxeneta e até religiosa não leiga ou leiga devota de movimentos religiosos dissidentes da Igreja e por isso considerados heréticos. Enquanto bruxa vista como “bruxa” pertencia a cultos populares; Permanecia para a comunidade uma figura enigmática, que vivia à margem, discriminada mas a quem recorriam sempre que precisavam: em caso de doença, de falta de dinheiro, sorte, por desejo de vingança, para conquistar um marido ou livrar-se do mesmo ou de uma gravidez indesejada. Esta misturava os conhecimentos da curandeira, da adivinha, da parteira e da cozinheira medieval com a magia<sup>74</sup> antiga, os feitiços, os encantamentos, as danças frenéticas à volta da fogueira, as orgias e os conjuramentos de espíritos de demónios mas também a capacidade de conspirar e liderar multidões com a sua língua viperina e promessas de luxúria e poder.

Por outro lado, a “Santa” representa o ideal de mulher inatingível, ideal que só era alcançado pelas que se tinham entregado a martírios ou que se tinham destacado pela sua vida pia, devota, generosa e milagrosa. No entanto, até algumas santas foram parar à fogueira dos autos-de-fé. As que eram reconhecidas como santas pela Igreja devido aos seus milagres, eram adoradas e usadas como exemplo. Porém, a dada altura nem o eram pelos seus milagres mas sim pela sua honra e decência de virgens ou mulheres castas exemplares. A mulher comum deveria viver o mais próximo possível desse ideal (ABREU, Z., 2007, 147-219).

O ideal de mulher que os filólogos românticos buscaram nas versões dos contos que recolheram, corresponde realmente à época medieval e solidifica-se no que é esperado das damas do século XIX. No entanto, é importante insistir na enorme influência da Idade Moderna por esta ser tão recorrente quando pensamos no que levou à criação e manutenção desse ideal e também do anti-ideal do modelo de feminilidade. Talvez se tivesse até perdido muito da sua herança medieval cristã se não fosse o seu reforçar e rebuscar barroco de conceitos de honra casta ou virginal e da noção de pecado, que serviam para defender a religião e o poder da Igreja, tal como o do rei, nem que fosse à conta de medidas implacáveis e de uma conversão que tentou “domesticar” as crenças e o comportamento da sociedade ao longo das gerações.

Os contos de fadas e os contos populares tinham também um certo cariz “domesticador” no que se refere à mensagem moral que passaram no século XIX, pois também ditavam o que era certo ou errado e que tipo de comportamento se deveria adoptar ou evitar tanto no espaço privado como no espaço público, em que as mulheres interferiam de forma indirecta enquanto mães e esposas. Ao serem adaptados para a infância sob a alçada e a aparência de um carácter lúdico, os

---

<sup>74</sup>Havia a distinção entre a magia branca e a magia negra mas ambas eram condenadas por serem magia e por isso proibidas, assim como as plantas que eram desconhecidas ou consideradas proibidas pelos seus efeitos analgésicos e alucinogénios. Existiam elementos da fauna e sobretudo da flora que serviam de amuleto como o alho, a cânfora que eram guardados em sacos ou presos a colares para proteger o portador de doenças e combater o mal que se abate sobre ele (WHITE, 2002, pp.140).

contos apelavam à virgindade, à prudência, à castidade e ao recato, a valores e virtudes como a paciência, a temperança, a generosidade, o trabalho árduo e a justiça. Serviam assim como complemento da educação moral, civil e religiosa das crianças e dos jovens. Porém, nem sempre tinham tido um intuito moralizador ou educativo. Outrora tinham entretido os adultos e possuíam uma versão bastante mais erótica e profana do que as versões recolhidas e adaptadas deixavam transparecer.

### **O Exemplo de uma Santa – O Ideal de Mulher Inatingível (VIDA PRIVADA)**

A “Santa” tal como a “Bruxa” faz parte de um imaginário que se materializa na Idade Moderna com o Barroco, mas que possui raízes indo-europeias fincadas na Idade Média, que assistiu ao desejo de cristianização do Velho mundo.

A Idade Média foi uma época basilar para a História da Igreja e berço de muitos santos e sábios como Francisco de Assis, Tomás de Aquino, mas também de figuras femininas como Clara Offreduccio, mais conhecida como Santa Clara de Assis. É difícil não se idealizar acerca de um santo ou de um sábio e os cronistas, ao escreverem sobre a vida dos servos de Deus, muitas vezes não conseguiam separar os fenómenos naturais dos sobrenaturais, tamanha era a crença numa pós vida em que o espírito repousaria no Reino dos Céus, e que o tempo presente, o espaço temporal se tornava demasiado efêmero perante a eternidade prometida (CAPELA, 1949, pp.8).

Segundo Hermínia Vilar, no século XIII, o ideal de pobreza equiparava a imagem do pobre à de um elemento de salvação. O ideal apelava ao despojamento dos bens terrenos de modo a estarem mais perto do Senhor, assim como ao auxílio dos pobres e doentes considerados privilegiados, pois eram vistos como intermediários entre a vida terrena e os Céus. Mas se existiam aqueles que almejavam a salvação e a remissão dos pecados na hora da morte<sup>75</sup>, também existiam aqueles que seguiam um caminho bem diferente, entregando-se a uma vida de usufruto do bem alheio, preferindo os bens materiais aos espirituais, em que muitas vezes estavam expostos à fome e à doença.

Segundo as palavras de Jacques de Vitry eram «homens revestidos de ferro que infestavam os caminhos e não poupavam nem peregrinos, nem religiosos. Não tinham temor a Deus e faziam-se corsários e piratas, roubando os comerciantes e os romeiros, e depois de lhes haver queimando os navios, lançavam as suas vítimas às ondas» (CAPELA, 1949, pp. 17-18). A fé em Deus deambulava por isso entre um estômago vazio, o medo das doenças e dos perigos e uma

---

<sup>75</sup> O medo do Juízo Final atacava até aqueles que durante uma vida inteira se tinham professado crentes mas que nada tinham feito pelo Próximo. No caso dos mais endinheirados, nem que fosse a custo de gordas contribuições para a Igreja ou da promessa de distribuição dos seus bens pelos pobres, após a sua partida.

consolação na prece e no acreditar nos desígnios d'Ele.

Àqueles que praticavam o bem, para além das faculdades de um mero ser humano e viviam uma vida de penitência, e abnegação extremas, quando lhes era reconhecido o dom do milagre, eram considerados santos, uns somente reconhecidos pelo povo e outros reconhecidos e canonizados pela Igreja. Santa Clara foi uma das figuras religiosas não leigas que mais se destacou no que se refere a uma existência de despojamento total e que teve uma das vidas de pobreza voluntária mais cilícias de que já se teve conhecimento. Entregava-se a penitências vistas como demasiado duras, até pelo próprio Francisco de Assis e pelo Papa, pois temiam pela sua saúde, que de tanto sofrer martírios tinha ficado fragilizada.

Regia-se pelo modo de vida mendicante na sua forma mais pura, na imitação do Cristo pobre. Enquanto freira de clausura, vivia uma vida muito recatada saindo só para o exterior quando era necessário. O mundo lá fora não lhe estava vedado, mas era como um mundo à parte, onde semeava o fruto para a subsistência do corpo e onde ia em busca de esmola para alimentar os pobres, marginais e doentes. No interior alimentava-se do bem que julgava mais precioso, a oração. Devia ser o alimento que lhe deu mais alento, já que as refeições (uma por dia, duas em dias feriados como o Natal) eram quase nulas, penitenciava-se com jejuns intermináveis.

Clara deveria sentir que tinha de dar um exemplo imaculado, pois era a que levava a vida mais mortificada, sempre rígida em relação ao ideal que abraçara. Em 1216, tendo escandalizado a sociedade da época por ter adoptado uma vida tão dura aos olhos comuns e farta das repetidas intromissões, escreve ao Papa Inocêncio III, de quem obtém o *privilegium paupertatis*, isto é, o privilégio, o direito de nada possuir. Nem rendas, nem quaisquer propriedades terrenas. Segundo o que é dito, até S. Damião, onde viveu a maior parte da sua vida com as clarissas, era alugado (MOORMAN, 1998/GOBRY, 2003, pp.149-159).

Clara defendeu o despojamento das riquezas, vivendo na mais extrema pobreza e ajuda ao próximo. A sua virtude influenciou imenso outras donzelas que também almejavam guardar a sua pureza. Tanto a “santa” como Francisco de Assis contribuíram para a reforma dos costumes e para a recristianização da sociedade. Movidas pelo seu exemplo, viúvas tentavam seguir uma vida mais perfeita, as casadas tentavam ser mais modestas e as nobres senhoras desprezavam os seus palácios, renunciando à riqueza, pondo a sua glória e felicidade de viver, nas mãos da oração. Pretendiam cativar o amor de Deus em casto jejum, à semelhança do que fazia Clara (GOBRY, 2003, pp. 149-159).

Ela era vista como um anjo na terra contra a tentação. A sua postura depressa se tornou familiar dentro e fora de Assis. A mensagem mendicante que transmitia atraiu muitas donzelas, na sua maioria pertencentes a boas famílias, ricas e importantes, que ansiavam seguir o mesmo

caminho, como suas discípulas. Também elas se libertavam das riquezas em detrimento do necessitado, na tentativa de se tornarem tão dignas como a sua mestre. Se um dia foi rebelde ao escolher o seu destino, fê-lo em nome da Fé que defendia e mesmo assim pagou-o com as suas penitências que deviam ser tantas quanto as pérolas de um rosário.

Bem dizia Léon Bloy, «O único pesar do cristão é de não ser santo». A sua renúncia e desprendimento exerceram grande efervescência na sociedade do seu tempo. Ela foi considerada a realização de um ideal para quem lhe prestava devoção. Clara de Assis morre a 11 de Agosto de 1253<sup>76</sup> (MOORMAN, 1998/GOBRY, 2003, pp.149-159).

---

<sup>76</sup> Nesse ano, Bartolomeu de Espoleto inicia o Processo de canonização de Clara. A 15 de Agosto de 1255 dá-se a sua Canonização, sendo reconhecida como santa e Celano começa a escrever a Legenda que conta a sua vida. Tomás de Celano foi um dos biógrafos de Santa Clara de Assis assim como Paulo Sabatier, Oktavian Schmucki, Joergensen, A. Fortini e Francesco Pennacchi. Em 1893 surge um elemento que reforçara muito do que fora dito pelos seus biógrafos, descobre-se o original da Regra de Santa Clara, que estava escondido nas suas roupas. (GOBRY, 2003, pp.149-159/CAPELA, 1949).

## 1 – A “Bruxa”, A Emancipadora – Antítese da Mulher Ideal (VIDA PÚBLICA)

“Uma comunidade é muito mais brutalizada pelo exemplo consuetudinário do castigo do que pela ocorrência ocasional do crime.”

Oscar Wilde

A divisão dos géneros, masculino e feminino, baseia-se não só no factor biológico, mas também no factor cultural de que é fruto, assim como das criações que o ajudaram a definir e a moldar comportamentos desde o princípio dos tempos. Uma dessas criações foi a religião, que ainda hoje é parte intrínseca da base cultural que nos rodeia. Aliás, encontram-se nas tradições religiosas, os primeiros sistemas de representação que a humanidade construiu do mundo e de si mesma (AAVV, BARRADAS (Trd), 2006, pp.81-114).

Mas que normas devem reger o comportamento dos sexos e qual o seu lugar no campo social? Quem foi a figura feminina, da qual se destacaram tanto a “Santa” como a “Bruxa” e qual a importância da religião e da mentalidade alimentadas pela cultura popular, para que a linha entre as duas fosse tão ténue? De que modo o cristianismo ajudou a definir a natureza destas mulheres e da mulher comum, cuja conduta deambulava entre uma e outra durante a sua efémera passagem terrena e a aproximava ou afastava de uma eternidade prometida?

A mulher, que aos olhos da Igreja e da comunidade seguia o modelo de Eva, estava exposta e sujeita a ir parar às mãos da Inquisição, caso caíssem suspeitas de heresia sobre si, numa altura em que se começava a observar uma perseguição aparentemente cega à bruxaria, instigada sobretudo contra o feminino. A capacidade que teriam de fazer o bem e o mal acabava por reunir nelas, uma espécie de Trindade feminina, se não lhe ignorassem a alma, que ora não existia para alguns doutos da Igreja, ora essa alma baptizada era possuída ou dada ao Diabo, transformando essa Trindade em algo maléfico para o cristão.

*O Malleus Malificarum*<sup>77</sup> (1486), manual já referido no capítulo anterior, tinha sido criado por inquisidores e feito para ser inquestionável, sob risco de excomunhão para quem se atrevesse a duvidar do seu conteúdo e interpretação. Era utilizado por inquisidores e teólogos assim como por homens de Leis e dedica um capítulo a explicar por que é que, segundo a Igreja, as mulheres são mais predispostas a entregarem-se ao Diabo, como se detectava essas mulheres e como se podia combatê-las.

A Igreja que dera toda a liberdade aos seus inquisidores travava uma verdadeira peleja em

---

<sup>77</sup>O Tratado afirmava que o ser humano que tenha pactuado com o Diabo, vendendo-lhe a alma (*pactum expressum* ou *implicitum*), se converte numa criatura diabólica, num feiticeiro ou numa bruxa, capaz de prejudicar os semelhantes e de lhes causar todo tipo de males (KRAMER; SPRENGER, 1486).

nome de uma moralidade social, que quase apelava a uma espécie de eugenia e cujo objectivo era erradicar os “hereges”, eliminar tudo o que fosse a antítese do que o Cristianismo professava e que poderia abalar a ordem instituída.

O “Estado” apoiava a Igreja em relação à unificação religiosa, pois várias fés resultavam muitas vezes em conflitos e instabilidade, pelo que era importante accionar mecanismos que promovessem a paz social e a ordem, um dos mais eficazes era a religião tornada única. Além disso, este precisava que existissem dados sobre a demografia da população, de modo a cobrar os seus impostos servindo-se dos registos paroquiais que assinalavam os rituais de passagem dos crentes para efectuar as cobranças. Se permitissem que as pessoas abraçassem outra religião, deixariam de ter acesso ao registo de todos os que pertenciam à comunidade e assim não saberiam a quem cobrar.

Enquanto a “religiosa” ou a leiga devota viviam uma vida privada e recatada, respeitando o que lhe era imposto pelo *Cânon* adoptado pela sociedade, a “bruxa” era uma mulher que vivia à margem da comunidade, julgada por uma conduta que não se encaixava nos moldes ditados. Era temida pelas pessoas que, apesar do seu carácter sobrenatural, aparentemente assustador se aproximavam dela devido aos seus conhecimentos enquanto curandeira e adivinha. Os seus conhecimentos e poder de cura salientavam-na em relação às outras pessoas, que permaneciam no anonimato de um quotidiano banal, mas quando algo corria mal depressa o associavam a ela.

Mas quem eram as pessoas acusadas de actos de bruxaria? Segundo Brian Levack, eram na sua grande maioria mulheres, de acordo com os dados disponíveis acerca da caça às bruxas na Europa e a crença que era difundida na mentalidade da época. Mais de 80% das pessoas acusadas de bruxaria nos séculos XVI e XVII eram do sexo feminino. Em algumas zonas chegava mesmo aos 90%. Muitos homens também foram acusados de actos de bruxaria, mas isso acontecia com menos frequência do que às mulheres e quando acontecia relacionavam-no quase sempre à mulher ou à mãe. Quando eram julgados tinham muito mais probabilidades de saírem ilibados do que a mulher que já estava condenada à partida (VILLARI, 1995, pp.209-227).

A convicção partilhada pela elite e o clero, assim como pela comunidade em geral é a de que a bruxa era uma figura feminina. No entanto, os motivos que levavam a elite e o clero a acusar a mulher diferem dos da comunidade. Para a comunidade rural, a bruxa era uma mulher porque tinha mais tendência e facilidade com a manipulação das artes mágicas, enquanto para as camadas mais altas e instruídas era o facto de ser considerada aliada e serva do “Diabo”.

A verdade é que a ideia de que tinha muita influência sobre outras pessoas tornava-a capaz de incitar rebeliões aos olhos dos detentores do poder e, portanto, representava uma ameaça mas também uma certa concorrência no domínio das crenças e da mente do povo.



A superstição era algo que devia ser observado, respeitado e temido tanto quanto a necessidade de perdão, pois se o homem medieval não acreditasse na salvação da alma e na excomunhão de que lhe serviria a religião perante as vicissitudes da vida? As crenças vistas como supersticiosas nas quais se apoiava perpetuaram-se durante gerações e mantiveram-se inquestionáveis pelo povo, enquanto este acreditou na magia aliada ao poder da natureza e aos quatro elementos que continuava a venerar, directa ou indirectamente, quando rezava aos céus por boas colheitas. A sua oração dividia-se assim entre este mundo e o do sagrado. A crença em Deus também se perpetuou, mas o seu poder tal como o da superstição também só se manteve inabalável enquanto se deu mais valor à alma do que à vida terrena. À medida que se foi relegando a fé antiga para segundo plano, o mesmo aconteceu com a fé no divino. O século XIX, apesar da resistência da Igreja, assiste à descrença do Homem, que se julga senhor do próprio destino.

Na Europa, as mulheres estavam associadas à magia branca. Muitas delas eram curandeiras, matronas que se tinham dedicado a conhecer os poderes benéficos da natureza e a utilizá-lo para tratar das pessoas<sup>78</sup>. Porém, tal conhecimento da fauna e da flora, das mudanças da Lua e das marés, do conhecimento acerca do corpo feminino, muitas vezes não eram bem vistos, pois quem sabia distinguir entre as plantas que tinham um poder terapêutico e as que eram venenosas podia ver-se tentado a fazer o mal em vez do bem<sup>79</sup>. Assim quando o mal se abatia sobre a comunidade, era recorrente serem acusadas de magia negra, de manipularem poderes maléficos, invocarem demónios e lançarem o mau-olhado, com o intuito de provocar catástrofes e doenças a quem queriam mal (VILLARI, 1995, pp. 209-227/GREENWOOD, 2002, pp. 55-71).

Estas acusações deviam-se ao facto de muitos doentes não se curarem dos seus males, de morrerem de mortes súbitas ou demoradas e penosas, o que as tornava vulneráveis à acusação de *maleficium* perante uma comunidade que não tinha explicação para além da sobrenatural. Além disso, o conhecimento, que era, na maioria das vezes, empírico também representava o poder e o domínio sobre algo que os médicos não dominavam com a mesma destreza por se tratar de assuntos, ditos de mulheres, como era o parto e a maternidade. Questões deixadas nas mãos das parteiras, que quer fossem curiosas quer, mais tarde fossem formadas no seio de uma comunidade médica, estavam irremediavelmente limitadas pela boa ou má gestação da parturiente face às

---

<sup>78</sup> As curandeiras possuíam um saber empírico, sendo a maioria iletrada, o seu conhecimento não provinha dos livros mas sim da experiência. Possuíam um grande conhecimento sobre ervas, unguentos, beberagens ou poções mágicas que se destinavam a curar doenças.

<sup>79</sup> Outro problema consistia nas quantidades de determinados elementos que tomados ou administrados em pequenas quantidades poderiam curar e em grandes quantidades poderiam matar. Daí ser essencial que a colheita das plantas e dos líquidos extraídos fosse feito por alguém experiente de modo a não se enganar nas quantidades e a não confundir as plantas e também de proibir a manipulação de produtos que não fossem simples ou de propriedades desconhecidas ou consideradas impróprias devido aos seus efeitos. Além disso mesmo sendo autorizado o uso das plantas, estas não poderiam ser acompanhadas de rezas ou rituais que não fossem os cristãos, nem utilizar objectos de origem considerada pagã ou estranha (KRAMER; SPRENGER, 1486).

condições que tinham na época. Além disso havia também a questão económica, pois devido a algumas pedirem grandes quantias pelos seus serviços, muitas vezes inconcebíveis para quem lhes recorria, levavam ao ressentimento e às denúncias de bruxaria. Por sua vez, as pessoas que denunciavam as “bruxas” faziam-no por vingança ou por medo, quer dos inquisidores, quer de um feitiço que as deformasse ou as tornasse estéreis.

As curandeiras que também eram muitas vezes parteiras e as próprias parteiras elevavam em flecha a probabilidade de suspeitas sobre si. Tendo fácil acesso às crianças, sobretudo aos recém-nascidos (não baptizados) eram depressa caracterizadas como comedoras de criancinhas ou causadoras de todo o tipo de males que lhes sucedia<sup>80</sup>, como quando nasciam nados mortos ou a criança não vingava. Havia até alturas que nem a mãe nem a criança sobreviviam.

Era também trabalho dessas matronas ajudarem a lavar, preparar os corpos dos defuntos para o enterro e a chorá-los. Segundo Dudon de Saint-Quentin, esta deveria ser a única função pública das mulheres. Descreve-as como autênticas carpideiras medievais rendidas ao desgosto por quem fez a passagem para o “outro mundo”, prosseguindo a sua existência no Além. Demonstrando uma crença na vida depois da morte, velando-o e honrando tão fervorosamente a sua memória na morte como o fez em vida; a viúva tinha como dever legar o seu património de valores à descendência que dava continuação ao seu nome. Ela e as que a acompanhavam representavam um grupo de mulheres que deveriam sentir, ou pelo menos aparentar, desespero. “Deviam ser vistas a chorar, a rasgar as roupas, a arrepelar o cabelo, a arrancá-lo às mãos cheias, a arranhar as faces, deviam gritar de dor como possesas. (...) Dar a ver e a ouvir, gesticulando, gritando desalmadamente, o luto colectivo” (DUBY, 1995, pp.21). Estas mulheres cercavam então todas as etapas da vida do indivíduo, isto é, a vida, a reprodução e a morte.

Outro argumento que pesava sobre a mulher era a sua capacidade de gerir o domínio privado do lar, do espaço doméstico e culinário assim como o espaço do sagrado. O poder que a remetia para dentro de casa acabava por lhe conceder outro poder, o de ser o sustentáculo da família. Mesmo que a mulher não ganhasse o sustento, era ela que geria a casa e as contas, que educava os filhos e cuidava do homem e muitas vezes até dos pais, que ajudava a tratar dos campos ou fazia-o ela própria caso fosse necessário. Tanta autonomia podia despertar invejas em vizinhas que não conseguissem alcançar essa estabilidade, por isso, quando não arranjavam outro argumento, para denunciá-la por actos de bruxaria aproveitavam-se da sua fama de cozinheira,

---

<sup>80</sup>Era a explicação que a comunidade encontrava para a elevadíssima mortalidade infantil e das parturientes, em vez de perceber que isso acontecia pela falta de condições em que se davam os partos e à carência alimentar da mulher grávida que não tinha uma gestação saudável ou simplesmente porque às vezes o parto corria mal, o cordão umbilical sufocava a criança ou a mulher se esvaía em sangue ou perecia perante uma infecção pós-parto. As cesarianas da altura também não tinham as mínimas condições e serviam acima de tudo para salvar a criança.

transformando-a em outro alvo na mira da Inquisição<sup>81</sup>. Afinal esta também participava da vida da comunidade, tinha contacto com crianças doentes a quem dava caldos nutritivos para se restabelecerem e que lhe propiciavam a oportunidade e os meios para executar a magia negra através da alimentação.

Porém, mesmo não sendo curandeira, parteira ou cozinheira, sempre podiam acusá-la de comportamento escandaloso e impróprio. As desgarradas, as rebeldes e as adúlteras eram tidas como “feiticeiras” sedentas de luxúria e um perigo para as famílias e portanto, deviam ser postas à margem da sociedade e não coabitar com as mulheres castas e decentes que sabiam resguardar a sua honra e nome.

No que diz respeito à diferença entre a bruxa e a feiticeira, Alexandre Parafita, na sua obra, *O Maravilhoso Popular – Lendas, Contos, Mitos*, refere que “a bruxa é uma mulher que tem pacto com o Diabo. Tal condição provém-lhe de nascimento: seja como fruto de um coito com o demónio, seja por se tratar da última das sete filhas seguidas da mesma mãe e que não haja tido por madrinha a irmã mais velha (...) por isso se diz que difere da feiticeira” e reforça a sua afirmação, citando Leite de Vasconcelos “A bruxa nasce, a feiticeira faz-se” (PARAFITA, 2000, pp. 21-22). Portanto podia ser bruxa de nascimento mas era enquanto feiticeira que desenvolvia a sua arte.

A apertada conduta moral e social moldava o comportamento das mulheres, condenando-as pela própria condição que as desprovia de força física, económica, política e as julgava portadoras de vícios carnisais. Este quadro inferiorizador, aliado à capacidade para pecar com que eram rotuladas, empurrava-as aos olhos da sociedade patriarcal para o regresso às práticas mágicas tão antigas quanto a humanidade e quanto a sua forte crença, que passava o seu legado a cada geração, como narra a mitologia e a cultura popular. Eram também condenadas pela própria estrutura biológica que as tornava impuras na altura da menstruação e quando davam à luz. Os fluidos que saíam do corpo, como o sangue, eram considerados impuros até quando as mulheres pariam.

Segundo Maria Zina Abreu, a Igreja considerava que a mulher ficava impura mais tempo depois de dar à luz se fosse uma menina do que se fosse um menino. Quando nascia uma criança do sexo masculino, a parturiente ficava impura durante uma semana e não podia entrar no santuário durante trinta e três dias. No entanto, se fosse uma criança do sexo feminino o seu tempo de resguardo deveria ser o dobro pois ficava duplamente impura (ABREU, Z., 2007, Cap. I, III, pp. 23-71, 147-219).

---

<sup>81</sup>Estas mulheres eram acusadas muitas vezes só após anos de suspeita e já tinham uma idade avançada quando eram denunciadas ou julgadas, o que deu origem a outra crença que era a da bruxa ser uma velha (VILLARI, 1995, pp. 209-227).

Entidades de saber oficial como teólogos, homens de leis e da medicina escreveram tratados que tinham como objectivo desmascará-la e erradicá-la. Contributos eram feitos para a ajuda das despesas legais a fim de vê-la encarcerada e castigada. As pessoas acusadas de bruxaria eram denunciadas, perseguidas e julgadas com mão-de-ferro, num julgamento injusto, já que os advogados se recusavam a defendê-las e portanto dificilmente era absolvida num tribunal envolto de teatralidade crua e sentença já ditada, antes mesmo de começar. Acusada de manipular os elementos da natureza, de destruir colheitas, evocar ventos e semear tempestades, de matar animais, roubar bens, tirar a virilidade dos homens ou simplesmente de dedicar-se a um alvo específico, que depressa se via acometido de uma doença que o deixava desfigurado, enfraquecido ou até às portas da morte (VILLARI, 1995, pp. 209-227).

Porém, a imagem diabólica que se construía à volta desta mulher era cheia de relatos arrancados na hora da tortura, nas cadeias da Inquisição, outras vezes fruto da imaginação de idosas dementes que acreditavam piamente que eram bruxas e outras, cujas denúncias eram induzidas pelo medo ou pela inveja. A pessoa passava por um rol de perguntas que visavam perscrutar cada pormenor da vida destas mulheres, de modo a encontrar um meio de as culpar pelos acontecimentos que não tinham outra explicação aparente.

Os conhecimentos a que tinham acesso na época não serviam de pouco por serem limitados mas sim porque quem os tinha e quando os tinha, como era o caso dos religiosos e dos médicos utilizavam essa informação mais para os seus estudos privados do que para salvar vidas ou “bruxas” que iam parar à fogueira ou à forca.

Um dos relatos mais escabrosos faz referência à gordura que a bruxa retirava dos cadáveres e da gordura que retirava dos vivos: «(...) a gordura obtida dos mortos serve para causar a morte aos seres humanos e ao gado, e a gordura obtida dos vivos, serve para voar, provocar tempestades, tornar-se invisível.» (GRIGULÉVITCH, 1990). Susan Greenwood no *Manual Enciclopédico de Magia e Feitiçaria* explica este tipo de rituais macabros como consta do relato citado por Grigulévitch. Segundo a autora considerava-se que as “feiticeiras” faziam um voo com o espírito, utilizando para isso uma aplicação de unguentos feitos a partir da gordura de crianças. Esta viagem do espírito ou da alma consistia num legado xamânico, de abandono do corpo durante o transe e na transformação ou incorporações em animais.

Os xamãs usavam o seu poder de comunicar com o mundo espiritual normalmente para benefício do seu grupo social, curando doentes, encontrando os objectos perdidos e predizendo o futuro (GREENWOOD, 2007, pp. 55-71). Quanto às práticas mágicas efectuadas por estas mulheres, resultavam supostamente também da recitação de fórmulas ou de encantamentos, mal olhado ou agouro que atraía a desgraça. Auxiliava-se de bonecos feitos à imagem das pessoas. O

feitico maléfico consistia em torturá-los, espetando, cozendo, despedaçando ou queimando os seus membros, infligindo esse mal à vítima. Também lançava pó negro ou massajava pessoas e animais com unguentos “mágicos”, atirava pedras ou gatos ao mar ou recorriam à atadura<sup>82</sup> que tinha como propósito provocar a impotência dos maridos.

Mas esses males de que era acusada, muitas vezes por vizinhos, gente do povo que a denunciavam, não teriam fundamento, nem grandes resultados se não fosse o apoio do clero e da elite que também a temiam por esta se revelar tão poderosa e influente junto da comunidade. A Igreja desde sempre atribuiu à magia e ao uso de magia branca ou negra uma associação aos poderes do mal, de possessões, fruto de evocações dos demónios, de pactos com o Diabo. A mulher não era julgada por exercer bruxaria, mas por ser provado que tinha cometido actos de heresia. Não podiam mexer nos dogmas mesmo que fossem pagãos, mas podiam fazer desaparecer os que os defendiam. A “bruxa” era acusada de se entregar ao culto de uma religião anterior ao Cristianismo e de por isso ser pagã, não querendo abraçar a crença instituída.

Isto devia-se ao facto de acreditarem que estas mulheres, eram descendentes de religiões pré-cristãs que adoravam a Grande Deusa e prestavam devoção a cultos de divindades femininas pertencentes a sociedades matriarcais e cujos valores tinham ido buscar para fundar em pleno Cristianismo, os movimentos religiosos considerados dissidentes da Igreja, como o dos Cátaros e dos Beguinos e portanto não serem religiosas e sim bruxas e hereges (ABREU, Z., 2007, pp. 147-219).

A bruxa também era aquela cidadã que se isolava do resto da aldeia e que se recusava a ir à missa. Quando frequentava a Igreja e era denunciada, acusavam-na de o fazer para não levantar suspeitas acerca da sua verdadeira fé e culto profano. Porém a bruxa ou a feiticeira eram consideradas meras servas ao contrário dos magos e necromantes que comandavam os demónios que evocavam.

Portanto, segundo esse estereótipo, a mulher deixava-se ludibriar pelo Diabo que aparecia sob a forma de um homem bonito e poderoso que lhe oferecia riqueza ou poder em troca dos seus serviços. A mulher aceitando o pacto fazia-se “feiticeira”, pois já era “bruxa” de nascimento ou por predisposição. Renunciava à fé, entregava as suas vestes à entidade demoníaca, beijava-lhe as nádegas, pisava a cruz, era rebaptizada por este e comemorava a nova comunhão dançando em torno dele, costas com costas com as suas companheiras<sup>83</sup>. Além disso era marcada no corpo como prova da sua submissão e segundo os demonólogos, não sangrava, nem lhe doía se fosse

---

<sup>82</sup> A atadura consistia nos nós dados num pedaço de fio, corda ou tira de pele.

<sup>83</sup> Esta é a descrição das gravuras que aparecem no *Malleus Malificarum*, à parte da grande diferença que está na representação do demónio que não aparece sob a sua aparência humana e sim sob a sua forma de “anjo caído”, isto é, de asas que se tomaram draconianas e de chifres que ganhou com a queda, a sua transformação demoníaca completava-se com o rabo, passando a ser o Diabo, a antítese de Deus.

picada.

Os seus perseguidores procuravam marcas, sinais, tatuagens que a desmascarassem. Alguns caçadores de bruxas até se especializavam na busca desses vestígios, como é de salientar o caso dos *prickers*, na Escócia, em pleno século XVII (VILLARI, 1995, pp. 209-227).

Era acusada de participar de ritos profanos, horrendos e animais, só comparados aos das *Bacantes* da Antiguidade Clássica, em transe frenético. Estes ritos, segundo o que era relatado, faziam parte do *Sabat*<sup>84</sup>, o que justificava a crença de que se reuniam em grande número.

A arte religiosa e profana ilustrava episódios como estes, ora abordando cenas que lembravam as estórias da Bíblia, ora transformando-as em mulheres reais mas misturadas com seres animais que transferiam o sobrenatural para o mesmo plano do natural, fazendo coabitar os seres da noite no reino nocturno. Exemplo disso são as obras de Goya, de que se salienta as suas gravuras provocadoras e as suas Pinturas Negras, como o *Conciliábulo das Bruxas*. O pintor retratava a mentalidade da época e criticava o clero (embora segundo Bozal esta pintura não seja considerada uma crítica mas simplesmente uma representação do mundo da noite), que tinha uma forte influência sobre a população e a manipulava sem quaisquer escrúpulos, fazendo com que a superstição que “trabalhava” em favor dele ganhasse à Razão e aos ideais do artista. Apesar de a bruxa ser uma figura local, conhecida pelos habitantes da sua comunidade, tornou-se uma ameaça conhecida em toda a Europa pois para a elite tratava-se de uma figura que era capaz de voar grandes distâncias na sua vassoura e capaz de incitar rebeliões<sup>85</sup>.

As figuras da bruxa e da feiticeira fizeram parte indubitável do imaginário de muitos pintores, que a retratavam ora bela e luxuriosa, ora velha e repugnante. Traços harmoniosos desenham-na como um elemento mágico, irresistível e apaixonante, em oposição aos traços rápidos e violentos com que eram “pintadas” pela sociedade, que viu erguer-se um movimento contra as mulheres acusadas de bruxaria<sup>86</sup>.

Os retratos feitos do seu quotidiano mais flagrante são reflexos da mentalidade que pululava na época, mas traduzidos pela visão do artista. Tal como aconteceu na literatura, a “bruxa” também fez uma viagem na Arte, transportando todo um sentimento de teatralidade do Barroco para alimentar o espírito de autores posteriores que foram lá beber uma sofisticação oculta, disfarçada no modelo que obedecia a uma tradição de pintura religiosa.

Vê-se a adesão dos elementos característicos e dos pormenores de um mundo fantástico,

---

<sup>84</sup>Sabat: para o mundo cristão tratava-se de uma assembleia nocturna de bruxas ou feiticeiras que, segundo uma superstição popular, se reuniam nos sábados à meia-noite, sob a direcção de Satanás.

<sup>85</sup>A prática de bruxaria não se limitava às curandeiras da aldeia. Na época todos acreditavam na magia e a tentação de recorrer a ela deveria tornar-se muito aliciante em alturas de crise.

<sup>86</sup>Um movimento fomentado pela Inquisição mas que não se observou igual em todo lado. A Europa (e fora dela) dividia-se entre zonas mais radicalistas como a Alemanha e outras menos radicalistas, onde não se sentiu tão fortemente a caça às bruxas.

mitológico ou bíblico, cheios de ornamentação e movimentação dos espaços e das suas figuras bizarras que faziam parte da corte profana, amalgamados com a realidade feita para os mais atentos que sabiam “ouvir” no silêncio de uma tela, a história que ela narrava, como se observava em pintores como Van Oostsanen (séc. XVI), ou pintores que representavam a bruxa, como senhora de uma sensualidade perversa em coabitação com a natureza como Baldung Grien (também do séc. XVI). Evolui assim, nas asas da sua dinâmica e fá-la conhecer outras telas e efectuar novas viagens, em que o tema era o mesmo mas a técnica e o olhar eram diferentes, adaptados à época, evidentes pelo despojar de traços generosos que descreviam a mulher e o seu meio envolvente, passando a representá-la como protagonista crua e explícita daquela estória, retirando-lhe o supérfluo, como se pode constatar nas bruxas horrendas e canibais de Goya (1746-1828).

A temática do religioso e do profano andaram assim lado a lado, complementando-se como num “abraço de luz e sombra” que habitavam as obras dos artistas. A pintura que aborda esta temática faz jus aos relatos que se faziam destas hereges imaginárias, que, despidas as vestes da sua alegada malvadez sobrenatural, deixavam a descoberto mulheres terrenas, que por crença de magia, conhecimento empírico da natureza ou pelo simples fado de serem mulheres de uma conduta contrária da que era exigida pela moralidade e bons costumes eram tidas por servas do Diabo.

Outro elemento a salientar são as gravuras, e depois as ilustrações, que foram surgindo no século XIX, narrando a imagem passada pelos contos populares, descritos pela memória da oralidade e depois dos contos de fadas ou infantis. Incarnam figuras adaptadas às várias gerações de crianças que foram conhecendo as diversas versões dos contos, assim como das imagens que acompanham as palavras, tornando a bruxa temida mas, também ridicularizada, aos olhos de uma criança. Não é descrita com a mesma crueza com que era relatada na vida real mas transmite o principal que incute uma moral e conduta que ajudava a educar as crianças, futuros senhores e senhoras da comunidade.

As bruxas que figuram nesses contos tal como na arte aparecem ora belas, maquiavélicas e invejosas, ora velhas e feias, sempre ardilosas e aparentemente bondosas, que depressa se revelavam em toda a sua malvadez faminta. O que nos remete para a sua presença como temática na literatura, na qual observamos o estereótipo criado pelas superstições e contos, que foram sendo recolhidos e transmitidos.

É certo que a bruxa das estórias ou dos contos populares alberga em si uma mulher malvada e fria, capaz de comer criancinhas ou de fazer tudo para as tirar do caminho, não sendo difícil para uma criança na vida real identificar uma personagem como “bruxa” ou “madrasta”. Aqui vê essa

figura como imaginária mas sabe que representa uma pessoa da vida real e relacionará sempre essa imagem a algo mau que ache semelhante (BETTELHEIM, 1988, pp.203-212, 246-272).

Os contos são fornecedores de um espírito embebido em magia e fantasia mas também de uma função moral muito enriquecedora que deixava adivinhar por detrás das suas palavras toda uma orientação e educação. É importante referir que os poetas também lhe encontravam um sentido precioso, de construção dos alicerces dos indivíduos<sup>87</sup>.

«Existe um sentido mais profundo nos contos de fadas que me foram contados em criança do que na verdade que a vida ensina» Schiller, the Piccolomini, III, 4. (BETTELHEIM, 1988, pp.12).

Muitos contos contemporâneos evitam os problemas existenciais, esquecendo que estes são importantes para aprender a lidar com os obstáculos que irão surgir ao longo da vida e do nosso crescimento. Os contos devem antes de mais servir como primeira abordagem à realidade dentro de um contexto que a criança perceba e possa controlar, sentir medo e vibrar de expectativa, tirando desse conto uma lição que possa usar. O conto de fadas popular confronta a criança sem rodeios com as exigências básicas do Homem. A psicologia do politicamente correcto que hoje conhecemos<sup>88</sup> acaba por isso por perder para uma antiga sabedoria e tradição oral, que o conto popular transcrito e também o de fadas possui.

É característico desses contos salientar dilemas que eram expostos de maneira directa e credível (embora muitas vezes exagerado, de quem conta um conto acrescenta um ponto...) sob a forma do imaginário popular, que acarinhava as mentes frescas dos pequenos que quer pertencessem a famílias mais humildes, quer pertencessem à burguesia ou à aristocracia podiam usufruir das estórias contadas antes de dormirem, independentemente do formato e registo do

---

<sup>87</sup> Os contos eram e continuam a ser portadores de mensagens importantes. Ler, ouvir ler ou contar são veículos essenciais para a educação. Mas, por que é que estes contos, sob a forma de contos de fadas, ou sob a forma de contos populares eram tão valiosos na educação e na formação dos jovens? Embora tivessem objectivos diferentes consoante as crianças fossem meninos ou meninas (sendo a castidade, uma virtude que deveria ser cultivada tanto pela mulher quanto pelo homem), a mensagem que transmitiam não era somente moralizadora, transmitia também o valor da luta contra as graves dificuldades da vida enquanto facto inevitável, difícil mas recompensador (BETTELHEIM, 1988, pp. 9-30). Essa sabedoria pode ser facilmente retirada dos contos, induzindo uma moralidade mas não uma rigidez que pode e deve ter passado no século XIX, que foi buscar e fixar estes contos. A mensagem a respeito do manter da honra, através de um "sono profundo" que devia servir de metáfora para a virgindade das jovens e também a respeito da figura da "bruxa", cujo papel era representar a "má da fita" como bruxa canibal, má mãe ou madrasta não fosse sempre vista como a responsável na vida real por um "recolhimento" sempre forçado mas antes aconselhado até que estivessem prontas para a vida através de uma posição e de um estatuto definido. É certo que existiam mulheres que iam pressionadas para os recolhimentos e para os conventos mas essa pressão nem sempre existira. Na Idade Média, a ideia de entregar uma filha num convento para abraçar uma ordem religiosa era sinónimo de perder um casamento lucrativo tanto em termos de união de terras como de alianças. A imagem da mãe má ou da madrasta que nos contos tentavam eliminá-las, por culpa da sua beleza jovial lhes lembrar que já não eram mais novas nem as mais belas também era algo que podia acontecer na vida real. No entanto, por norma isso acontecia por serem filhas indesejadas ou por serem filhas de primeiros casamentos que representavam concorrência na altura da herança, sobretudo se tivesse os seus próprios filhos ou então que os abandonavam nas alturas em que a fome deixava pouco pão na mesa para alimentar tantas bocas e as crianças que ainda fossem muito jovens para trabalhar fossem vistas como elementos dispensáveis e sacrificáveis, tanto quanto os idosos, sobretudo se fossem raparigas.

<sup>88</sup> Apesar de já investir no conhecimento da cultura popular, graças a planos de intervenção como o Plano Nacional de Leitura, ainda não existe difusão o suficiente da música, das danças e dos cantares e dos contos para se sentir nos hábitos e nas brincadeiras das crianças de hoje em dia, que são mais tentadas pela tecnologia do que pela tradição. Conhecem pouco da sua cultura e da sua história. A adaptação dos contos q.b. é necessária para subsistir, a sua "suavização" tornasse necessária dependendo da faixa etária, mas o conteúdo não deveria ter nada ocultado pois as crianças apesar de precisarem de fantasia moram no mundo real. A pedagogia deve aliar o fantástico que as permite sonhar à ética do que é certo e errado, real e irreal tomando as gerações de agora e do amanhã, confiantes, seguras e com consciência cultural.



conto. Eram de certa maneira um preparo para a vida real, que se fosse contado cruamente tal como é, mais complexa e confusa seria para o entendimento da criança.

Segundo Bettelheim, o conto de fadas na versão popular ensina, simplificando todas as situações. As suas personagens são definidas com clareza e os pormenores, a não ser que sejam muito importantes, são eliminados. As personagens são estereotipadas pois torna-se mais fácil associar algo típico do que invulgar. Estas não são ambivalentes como acontece na realidade. O facto de serem caracterizadas como boas ou más permite à criança compreender a diferença entre ambos, algo que não poderia fazer com tanta facilidade se as personagens fossem mais próximas do real. Ao amadurecer irá criar uma imagem do que é bom ou mau mas distinguindo o que real daquilo que é ilusão percebe também que as pessoas possuem um lado bom e um lado sombrio que as torna humanas.

Os contos podem também albergar motivos religiosos. A maioria desses contos teve origem em períodos, em que a religião era parte essencial no reger das suas vidas, daí a Idade Média ser tão importante para este estudo. É difícil isolarmos as datas na barra cronológica, pois a influência não vem somente de um período mas sim de vários, por isso, apesar deste estudo comparativo ser sincrónico em relação à Idade Média e ao século XIX, é abordada também a Idade Moderna devido às figuras tratadas e ao elemento que as liga, terem tido tanto destaque nessa altura assim como para a criação dos seus estereótipos.

## 2 – O que passou então da “Religiosa” e da “Bruxa” da Idade Média para o século XIX Romântico?

### O ideal e a Antítese da Mulher Romântica

Os Românticos debatem-se com a questão da mulher, sobre a sua inteligência e a sua introdução no espaço público. As opiniões dividem-se entre a liberdade e o acesso à instrução que ela deve ter mas todos concordam que não pode afastar-se dos domínios em que sempre viveu<sup>89</sup>. Tentam prende-la ao espaço privado mas o seu interesse já vai muito além do livro de orações ou de temas religiosos<sup>90</sup>. Temem a sua sede de saber e que esta a afaste do lar e da natureza que acham que só deve e pode ser melhorada no sentido de educar os filhos e gerir o lar. Isto numa linha Darwinista que encaixou com perfeição na mentalidade da época.

A Revolução de 1789 tinha iniciado um ciclo que não iria parar de dar frutos e de influenciar os espíritos das nações um pouco por toda a parte, atingindo-as em maior ou menor medida e cada uma a seu ritmo.

Países como a França e os Estados Unidos são referências, mas o caso que se salienta aqui é o da Alemanha cujo valor atribuído à Educação fazia há muito tempo parte da esteira do orgulho germânico. A escolaridade obrigatória conheceu avanços, retrocessos e novamente avanços que se estenderam a todas as classes, embora limitasse as mulheres em relação ao que podiam aprender na escola<sup>91</sup>. Só um número muito reduzido conheceu uma educação secundária ou superior. Era um privilégio que nem todas podiam pagar. Mas aprender o básico, a ler, a escrever e, em alguns casos, a fazer cálculos foi de facto uma grande revolução pois permitia às que tivessem um espírito autodidacta aprenderem mais (DUBY, 1990,pp.171-180).

No meio deste alvoroço cultural havia apelos urgentes à boa conduta, ao ideal de virtude e honra que as mulheres deveriam cultivar. O processo que não podia ser travado devia ao menos ser amenizado através de pressão social, mais do que religiosa, mas fazendo uso dos seus estandartes de comedimento. O fundamento da mulher não poderia deixar de ser a família. Refugiaram-se então no que podiam resgatar da memória da Idade Média. A busca de identidade também tinha trazido consigo um reforço da idealização da mulher face aos temores de um quebrar de laços. Esta obteria a realização através da maternidade e do lar e não através de

---

<sup>89</sup> De preferência educada e não instruída. Indicando que deveria saber o suficiente para fazer boa figura em público e para educar as crianças. A experiência que deveria adquirir viria com os anos e não com os livros que podia ler. No entanto nem todos tinham uma visão assim tão reducionista da mulher. Defendiam o seu ideal de Anjo mas apreciavam a inteligência e a pessoa que era.

<sup>90</sup> Mais do que um refúgio espiritual a Bíblia tinha-se tornado a “cartilha maternal” por onde a mulher aprendera a ler e a interpretar mas após sabe-la de cor havia uma necessidade de experimentar novas leituras.

<sup>91</sup> As raparigas, pelo menos as que pertenciam às famílias mais humildes entravam um ano depois dos rapazes porque tinham de ajudar a mãe. Mas pertencentes ao povo, quer fossem da cidade ou do espaço rural podiam usufruir dos três anos que lhes eram concedidos, isto no contexto da Alemanha (DUBY, 1990,pp.171-180).

devaneios pessoais<sup>92</sup>.

Este ideal que tinham retirado dos valores da época medieval, e que se tinha reforçado depois na malha apertada da Idade Moderna<sup>93</sup>, volta assim novamente no século XIX romântico como reacção à evolução da condição da mulher. Deliravam com um ideal que cada vez pertencia mais aos contos de fadas e aos contos populares.

Mas a realidade é que só uma minoria das mulheres se tinha conseguido emancipar. Pois esse era um feito que dependia principalmente de factores económicos, da posição que ocupavam na sociedade e também de uma grande coragem para chocar os velhos preceitos da velha mentalidade que parecia não ter passado pelo Iluminismo.

A mulher comum fosse ela pertencente à rica aristocracia, à confortável burguesia ou à humilde condição de mulher do povo continuava, apesar do espaço que tinha conquistado, a ocupar o seu lugar de sempre, o reduto do lar. Acabava por ficar retida no meio de um senso de responsabilidade e dever que lhe tinha sido incumbido. Porém, de todas as mulheres, a que vivia mais próxima do passado era a camponesa<sup>94</sup> cuja vida pouco se alterou ao longo dos séculos. Muito pelo contrário é uma mulher que sempre soube o que era o trabalho porque sempre trabalhou na casa, no campo e até na cidade quando migrava para esse espaço ou também lá trabalhava e que participava nas decisões que diziam respeito à sobrevivência do lar<sup>95</sup> (PERROT, 2007, pp.42-50).

A condição da camponesa é a mesma que a fazia pertencer à classe dos *laboratores* da Idade Média, sobretudo antes das crises do século XIV em que muitas mulheres exerciam uma actividade fora de casa. A grande maioria tinha necessidade de trabalhar devido à precária condição económica, à sua situação matrimonial ou à perda de protecção familiar. As filhas das famílias pobres iam servir como criadas, para conseguirem prover o dote ou o enxoval assim como ajudarem a família, isso sucedia tanto no meio rural como na cidade. Começavam a servir desde muito novas<sup>96</sup>, por vezes ainda crianças embora fossem mais frequentemente adolescentes.

---

<sup>92</sup>A mulher ideal é querida e integrada numa célula que se chama casal. A sua identidade fora desse limite é criticado e censurado. Poucas o transgrediram indo além ou recusando o que lhes era imposto. Mais do que produto da sociedade era produtora, de que são exemplo as escritoras alemãs. O trabalho para a mulher que precisava de se sustentar era visto como normal desde que fosse considerado decente. Quanto às mulheres da classe média e da aristocracia, essas trabalhavam ou dedicavam-se a uma actividade para se realizarem pessoalmente ou por ganharem uma independência económica e nem sempre eram bem vistas pela sociedade pela sua audácia enquanto artistas, escritoras, professoras, jornalistas, entre outras profissões que a sociedade se tinha habituado a ver como sendo do domínio masculino. As próprias mulheres muitas vezes adoptavam nomes de homens para assinarem os seus trabalhos como o fez Aurora Dupin, mais conhecida como Georges Sand.

<sup>93</sup>Cuja revelou-se ainda mais castradora, pois esmiuçou as regras que a Igreja impunha à mulher. Perdem-se no ler dos contos que a imortalizam como ser virginal ou mulher perversa.

<sup>94</sup>No caso da camponesa alemã distinguia-se da portuguesa por ser alfabetizada, no entanto de resto a sua condição era a mesma.

<sup>95</sup>A cidadina que pertencia ao povo também é uma figura importante mas não estava mais próxima do passado medieval, pelo simples facto da medieval já se aproximar naquela altura mais da operária do século XIX do que da mulher do seu tempo.

<sup>96</sup>A idade em que eram consideradas adultas variava e isso quando o eram, pois costumavam ter um tutor, um pai, um marido ou mesmo um responsável que se encarregava da sua educação e de zelar pela sua honra mesmo em caso de receberem uma herança e tendo atingido a maturidade, a menos que se emancipassem através do trabalho. Para a mulher comum que necessitava trabalhar para viver começava a trabalhar entre os sete (idade do juízo) e os doze anos. Para os padrões de hoje seriam considerados casos de exploração infantil mas na época e até recentemente, ainda em pleno século XX, tratava-se de uma prática corrente os filhos trabalharem para ajudar às despesas da casa. A infância era subvalorizada, reduzindo a criança

No entanto, eram as viúvas que constituíam o núcleo principal de trabalhadoras. As mulheres sem família ou sem apoio eram as mais vulneráveis e susceptíveis de verem a sua honra maculada por não terem quem olhasse por elas, numa sociedade que não concebia a mulher sem família ou fora do enquadramento matrimonial que a mantinha no espaço da casa e sempre ocupada com tudo o que lhe dizia respeito (GOFF, 1989).

O homem medieval acreditava que a mulher deveria manter-se ocupada com coisas úteis como o fiar, o bordar ou a lida da casa para que o seu espírito influenciável não se desviasse dos bons pensamentos e da boa conduta. Esse pensamento passou para o homem romântico que, apesar de assistir ao trabalho da mulher, não lhe reconhecia uma profissão, salvo raras excepções, sendo encarada sempre como doméstica.

Acima da instrução que pudesse ou não receber, a sua sabedoria empírica, e o conhecimento profundo que tinha das tradições populares, concediam-lhe uma riqueza que faltava às outras mulheres, que tendo oportunidade de explorar os seus conhecimentos só conheciam ainda a superfície da sua identidade histórica, o que tinham acrescentado com “tratados” de literatura e de história que desprezava o interesse pelas origens que residiam na cultura popular. O individualismo separava-as desse conhecimento. Embora existisse um pequeno número de mulheres “cultas” que se interessavam por essa riqueza popular, como é de salientar Georges Sand.

Os conhecimentos da camponesa iam inconscientemente mais fundo no cavar da identidade histórica, pois conviviam com as raízes no seu quotidiano colectivo. Os contos que poderiam vir a ler ou ouvir já que os sabiam de cor através da oralidade que lhes narrava o viver<sup>97</sup>. O que nos remete para outro factor muito importante, o papel das mulheres, sobretudo as da classe camponesa, enquanto difusoras da cultura popular, pois foram responsáveis pela transmissão de muitos dos contos<sup>98</sup> que hoje conhecemos.

---

ao estado de “pequeno adulto”.

<sup>97</sup> É claro que esta realidade em que a transmissão do saber era feita a partir da oralidade e não do saber livresco fazia mais parte da realidade portuguesa do que da alemã que era mais instruída. Em Portugal o ensino das mulheres era bastante mais precário tal como consta nos dados atrás apresentados sobre a instrução em 1900, dos 10% da população que tinha acesso ao ensino, somente uma ínfima parte dessa percentagem era feminina e pertencente às classes mais altas. (Dados sobre a Instrução, INE, 1900)

<sup>98</sup> Contos, esses que passaram de geração em geração no fio corrente da oralidade. Na Idade Média, muitos desses registos ganharam versões escritas, feitos principalmente pelos senhores dos mosteiros. O registo desses contos garantia a sua preservação, para que desse modo não se cingisse somente à memória do povo. Porém, as versões mais antigas e registadas são na sua maioria desconhecidas, os seus verdadeiros autores incógnitos e vistos como um colectivo que já há muito convivia com as crenças que estes contos embalavam. Os irmãos Grimm pesquisaram igualmente relatos em documentos antigos além dos contos que recolheram junto da população.

### 3 – A “Bruxa” na Cultura Popular – Reflexo dos contos populares ou reflexo da realidade histórica?

A Cultura Popular é parte intrínseca do que somos enquanto sociedade, é nela que vemos reflectidas as nossas crenças e é a partir dela que formamos os nossos estereótipos, do que identificamos desde a mais tenra idade como bom ou mau. Esta cultura, sempre fiel repositária da nossa memória e daquilo que nos torna mais próprios, é produto e produtora da nossa identidade. Aliada à religião serviu de reforço a um dos estereótipos que mais contribuiu para a definição da feminilidade moderna, o da “bruxa”. Através dos contos populares, dos contos de fadas populares (conceito que adoptamos de Bettelheim), dos provérbios e das cantigas que foram, através dos tempos passando de geração em geração, por via da tradição oral, recolhidos posteriormente, alimentou os mitos acerca da sua imagem como sendo a personificação do mal e acrescentou mais umas achas na fogueira da desconfiança pela mulher vista como descendente e herdeira do pecado de Eva na religião cristã.

Estas estórias tinham na maioria das vezes como objectivo, inculcar condutas que ajudavam a formar comportamentos e a definir papéis. Já na Idade Média encontramos uma grande riqueza em termos de colectâneas de provérbios, superstições e lendas, nos quais habitam bruxas, feiticeiras e fadas, assim como de outros seres, mas é no século XVII que se assiste à “descoberta” em especial, dos contos de fadas.

É neste quadro que se insere Charles Perrault que nos dá a conhecer através do conto *A Gata Borralheira*, a oposição entre o bem e o mal. Assim, a vaidade e a malvadez incarnadas pela madrasta má pode materializar-se na “bruxa” e a intervenção do Bem é feita através de uma fada boa que vem em auxílio de uma jovem Cinderela, como recompensa pela sua bondade e humildade. É uma heroína e continua a sê-lo perpetuada no tempo e nas suas semelhantes, uma dada Guardadora de gansos, uma Branca de Neve, uma Gretel que de todas as heroínas aqui tratadas acaba por se revelar a mais activa e corajosa, apesar da tenra idade. Aqui faz-se apelo a valores que deveriam ser cultivados. As jovens cresciam a ouvir estórias como estas, contadas por velhas criadas, assimilando assim o saber moral e incentivadas a serem como as personagens das estórias que lhes eram contadas e estarem alerta para não se deixarem enganar por pessoas desconhecidas.

No entanto, é importante ter em mente que este tipo de obras podia constituir tanto manifestações isoladas ou fazerem parte de uma filosofia humanista que deixavam transparecer o que era do mundo espiritual ou mera criação da comunidade, como ser a imagem romantizada que as classes letradas tinham acerca do povo mas que não correspondiam a uma orientação consciente dos seus próprios valores (Pref. OLIVEIRA, COELHO 2005, pp.13-39).

Seja como for, o fomentar destes contos continuou a encontrar eco em colecionadores posteriores como os irmãos Grimm no séc. XIX, que são utilizados no presente estudo e deram origem a uma nova era nos estudos das tradições antigas europeias que fizeram parte dos alicerces de uma cultura, que veio depois a ser objecto de investigações por parte dos *Annales*.

Os Grimm, tal como Perrault tinha feito, pegam na imagem da mulher fria e calculista para representar toda a malvadez, inveja e vaidade que personificam a madrasta. Inspirados na versão da *Gata Borralheira* de Perrault (que era a mais conhecida), “fizeram” a sua própria versão a partir do conto que recolheram, e utilizaram nos contos (adaptando-os para um público mais novo) o mesmo estereótipo que ora se transformava em velhinha para enganar a Branca de Neve na tentativa de matá-la e assim se tornar a mais bela, ora na fada má do conto da *Bela Adormecida*, que possui igualmente os mesmos atributos da personificação do mal.

A caracterização deste tipo de mulher associada à bruxa podia perfeitamente colar-se às viúvas que encontravam um marido endinheirado mas com filhas indesejáveis que ficavam ao seu cargo. Também acontecia o caso de mulheres que viam na maternidade a culpa do seu envelhecimento precoce como acontece na versão da *Branca de Neve* de 1812 dos Grimm, em que a rainha não é a madrasta mas sim a mãe má. Além das práticas de contracepção e dos abortos, o infanticídio era também uma realidade, quer acontecesse na gestação, no momento após o parto ou sob a forma de abandono (DUBY, 1990, pp.383-390).

O que nos remete para outro tipo de “bruxa” que se adapta a relatos mais radicais, a bruxa velha e canibal como aparece em *Hansel e Gretel* recolhido pelos Grimm ou na versão do conto popular recolhido por Adolfo Coelho, *Os Meninos Perdidos*. Este conto alemão remonta à Idade Média, tendo sido criado em princípio, numa altura de fome extrema, entre as muitas crises que assolaram a Alemanha, como as do século XIV, em que existem relatos de casos de canibalismo. Fazer um cruzamento com a realidade portuguesa é encontrar um decalque no conto recolhido por Adolfo Coelho, apesar de não se ter conhecimento de casos extremos como estes, por parte dos cronistas, pelo menos a respeito dessa altura.

Aqui a bruxa da casinha de broa é adaptada a uma velha que estava a fritar filhós na floresta, mas o essencial da estória mantém-se: duas crianças pobres e esfomeadas são abandonadas na floresta e enquanto tentam encontrar o caminho de regresso a casa deparam-se com um local que, além de representar abrigo e comida, ainda tem a vantagem de ser doce. Estas encontram uma velha bruxa aparentemente boa mas que na verdade só as quer engordar para comer. No final a esperteza é recompensada pela morte da bruxa e um regresso, que culmina com o tesouro que levam para casa, resolvendo os problemas de dinheiro da família.

A vida real, a realidade histórica e as estórias formam assim um ciclo que se completa de

forma mútua e que serve de fermento à memória dos povos até hoje, mas que tinham mais eco quando as pessoas acreditavam em magia, isto incluía as classes letradas que pertenciam às camadas mais altas da sociedade e que representavam uma pequena minoria quando comparados com a maioria, que era vista como uma massa analfabeta.

Para o Romantismo passou a fazer parte da educação quer fosse através da leitura (que muitos autores censuravam por ser de cariz popular), quer fosse como parte do rito de passagem que os levava à descoberta da vida tendo exorcizado os medos através dos contos.

É de salientar, como já foi referido que o mito da bruxa cresceu numa altura em que a comunidade não encontrava outra explicação para os seus males e as mulheres acusadas de bruxaria acabavam por ser, facilmente, o bode expiatório. Existem paralelos entre a realidade histórica e a ficção dos contos mas até que ponto a fantasia e o real estavam relacionados e eram o reflexo um do outro?

Historicamente é difícil, senão impossível, datar com precisão de que épocas são originários os “contos de fadas populares”, sobretudo porque são tomados como atemporais do ponto de vista literário. No entanto, apesar de não nos dar um tempo totalmente definido na barra cronológica, através das pistas e das semelhanças que encontramos, conseguimos atribuir uma dada época às versões em discussão, o século XIII e o século XIV, pois os seus elementos apontam para o contexto destas duas épocas. Sabemos além disso que possuem raízes indo-europeias, de fundo mítico, religioso e profano. Conhece-se os traços mais antigos das épocas dessas versões que chegaram até nós<sup>99</sup>, apesar de estarem à mercê da oralidade, dos elementos e das modas que o tempo lhes acrescentou até se ter efectuado a sua fixação no século XIX. Por outro lado, embora os contos sejam uma fonte muito fluida, têm extrema importância para a educação e instrução das crianças por serem um testemunho da vivência do povo, do seu quotidiano e no que este acreditava.

Enquanto nos contos, a bruxa é sempre má, na vida real, a pessoa acusada de bruxaria nem sempre era uma pessoa vil. Uma é castigada no fim da estória e a outra é castigada por um tribunal que escreve e dita o destino da ré<sup>100</sup>.

Na vida real, a maioria das mulheres acusadas eram pobres ou falidas. Muitas delas eram

---

<sup>99</sup> As versões originais dos contos eram dedicadas aos adultos e ao que parece, estavam repletas de erotismo e de estórias de sangue e crueldade que incluíam crimes hediondos como assassínios, infanticídios, incestos e abandonos. Neste presente trabalho apesar de se tratar das fontes que são os contos, de acordo com a perspectiva histórica, não se recorre nem incide sobre as versões originais que aliás são muito mais escassas e difíceis de encontrar quer porque algumas se perderam com o tempo ou foram corrompidas por consequência de estarem expostas à oralidade e ao pó, outras porque estão numa língua que não se domina ou não se encontra tradução. Isso juntando-se ao facto das poucas fontes estarem no arquivo de locais inacessíveis para muitos investigadores, devido a factores como a verba, o tempo e a distância geográfica justifica a razão pela qual optou-se aqui por não as utilizar e em vez de isso preferir as versões dos contos recolhidos pelos Irmãos Grimm de 1812 e 1857 traduzidas para inglês e os contos populares recolhidos por Adolfo Coelho.

<sup>100</sup> Não se sabe ao certo como começou a perseguição e a caça às bruxas mas segundo autores como Iossif Grigulévitch, a perseguição era fomentada pela Inquisição que se servia de todos os artifícios para deter a figura herética e de que segundo obras como o *Sagrado Feminino* de Maria Zina Abreu, a Bula do papa Inocêncio VIII de 1484 e o Tratado de bruxaria, o *Malleus Malificarum* de 1486 foram fundamentais para fundamentar a crença e a perseguição, sobretudo de religiosas pertencentes a movimentos religiosos considerados dissidentes da Igreja e portanto heréticos.

mulheres sozinhas, que tinham perdido os maridos ou os pais para a guerra ou para a peste, e não tendo dote nem abraçando o caminho da fé e do recolhimento, eram vistas como mulheres libertinas e alcoviteiras que usavam de todas as suas armas de sedução para conseguir uma situação estável, como um casamento por conveniência. Nos contos essa mulher casa-se com viúvos que têm sempre filhos pequenos, o que não foge da realidade. Os atributos que conhecemos através dos contos populares e das estórias infantis retratam-nas como mulheres amargas, aproveitadoras e vingativas que não hesitavam em recorrer à magia para atingirem os seus fins.

No que diz respeito às bruxas dos contos populares da tradição do povo português é de salientar o que os contos orais e as suas leituras nos fazem descobrir, isto é, o medo e a atracção pelo profano através das superstições campesinas. Adolfo Coelho analisou várias obras e contos que recolheu e que lhe deram a conhecer os costumes e crenças populares, entre as quais não só as portuguesas mas as superstições do povo alemão. De salientar os irmãos Grimm, entre outros filólogos que aborda e que se escolheu para um paralelo entre o princípio do século e as suas últimas décadas.

No caso da figura das bruxas e das feiticeiras que os contos abordam e que as pessoas crêem, embora sejam normalmente do sexo feminino, também há bruxos a quem se recorre, por se julgar que têm poderes superiores, derivados principalmente de pacto demoníaco. Segundo a Igreja, recorriam a estas pessoas para obterem curas que o *Malleus Malificarum* considerara vãs pela forma profana como eram executadas, mas também para proveito da sua gula e cobiça, como a realização de desejos, conhecimento de alguns factos ignorados, saber o futuro, descobrir tesouros, atrair amantes, por vezes até do mesmo sexo, vingar as infidelidades, arranjar noivos e noivas, fazer mal a pessoas que se odeia, destruir inimigos, entre outros factores que conduziam o indivíduo a cometer os sete pecados mortais e a perder a sua alma por falta de virtude.

As pessoas que julgam possuir esses dotes considerados maléficos, são também perseguidas até à morte, por gente do povo que apoia os tribunais, quer pelo medo, quer por ignorância incitados pela Igreja que também os condena quer por acreditarem, quer por não acreditarem.

O que culminaria na definição da nova mulher nasceu da definição da feminilidade moderna que a partir de então não seria mais a mesma, com o começo da quebra dos grilhões da sociedade, que eram a Igreja e o “Estado” do Antigo Regime. Estas entidades viam na mulher, com acesso ao saber e ao conhecimento mais empírico do que escolástico, uma ameaça que devia ser controlada e de preferência erradicada.

O saber por isso mostrava-se muitas vezes uma transgressão ao modelo que se exigia da figura feminina. Urgia então conter-se a sua liberdade e ideias através da manipulação, controlo



social e moral que impunham uma clausura que ficava mais votada sobretudo aos espaços interiores religiosos já atrás mencionados. As restrições da liberdade feminina eram menos patentes na Idade Média do que se verificaria mais tarde, durante a Idade Moderna mas deixavam marcas suficientes na mentalidade da sociedade, a respeito do que deveria ou não permitir.

Havia uma prescrição destinada à mulher: sobriedade na alimentação, a modéstia no gesto, o uso parco da palavra, o abandono da cosmética e dos adornos, a restrição nos movimentos, o limitado acesso ao mundo da cultura e do trabalho remetendo-a para o espaço interno e evitando-a no externo. Era aconselhado à mulher medieval uma certa dose de submissão, obediência e atenção. Era segundo as palavras de Carla Casagrande, uma condição de mulher sob custódia e de uma mediação entre o acesso ao mundo interior e exterior nivelado pela coerência do lugar e estatuto que ocupava (DUBY, 1990, pp.125-126).

Enquanto à religiosa era imposto um afastamento maior da vida pública saindo só quando se fazia realmente necessário, como as visitas e as saídas para cuidar de doentes. À mulher que se mantinha em casa por matrimónio ou por ser ainda solteira era permitido que usufruísse dessa mediação de espaços, mas sempre com recato e evitando a solidão. Quando lhes era necessário sair por necessidade de trabalhar fora de casa reforçava-se o que era pedido a todas, um recato que as remetesse para outro interior, o da preocupação com a alma e a mente que não se deveria desviar com questões do corpo. O desvelo que tinha com o seu aspecto exterior, que tanto queria embelezar e adornar, afastava-a do cuidado com a sua virtude e capturavam-na pela sua vaidade nos espelhos que a faziam perder tempo e nos olhares do sexo masculino.

### III – Tratamento das Fontes e Metodologia

#### As imagens dicotómicas da mulher nos contos recolhidos pelos irmãos Grimm e por Adolfo Coelho

Encontramos semelhanças entre os contos recolhidos por Adolfo Coelho e os recolhidos pelos irmãos Grimm, assim como também encontramos semelhanças entre os contos recolhidos pelos Grimm e os de Perrault. Reforçando mais uma vez a teoria de que os contos possuem um fundo comum de fontes folclóricas, estes transmitem modelos de conduta e vêm acompanhados de uma mensagem moral.

A princípio tinham sido criados para o entretenimento de adultos, eram reminiscências de relatos imaginados, embelezados, e por vezes enegrecidos, pela crença no poder da natureza e do sobrenatural. Depois foram recolhidos, reutilizados e adaptados para serem contados a crianças a partir dos irmãos Grimm.

As mulheres que aparecem nos contos recolhidos pelos irmãos, e depois nos contos recolhidos por Adolfo Coelho, possuem uma caracterização estereotipada na sua eterna dicotomia de mulheres honestas ou perversas. No entanto, esse é um espelho que deveria ser observado pelas crianças e jovens que ouviam as estórias que retratavam o bem e o mal. O bem era premiado no final e o mal era castigado ou censurado. No entanto, nem as heroínas estavam isentas da tentação de pecar. Tanto a figura da Branca de Neve quanto a de Gretel (embora Hansel também tenha sido castigado) são punidas pela Gula, a primeira por confiar “nas desconhecidas” ao deslumbrar-se completamente com os objectos bonitos que lhe mostravam, aceitando-os para alimentar a sua vaidade infantil e feminina e a segunda por se render à fome e comer algo que não lhe pertencia e que por ser tão doce não parou de devorar, até deparar com a velha bruxa que representava o perigo exterior ao passo que a sua má mãe ou madrasta a remetia para a angústia interior. Ambas acabaram por cair nas armadilhas montadas pelas “bruxas”, o que não teria acontecido se tivessem escutado os conselhos dados pelos sábios “tutores”<sup>101</sup> que a tinham acolhido e à própria razão que

---

<sup>101</sup>É de salientar também a importância da numerologia contida no conto através dos números ímpares, um, três, cinco e sete. Este último número é recorrente na idade da menina (sete anos) e no número de anões que moram na casa onde a Branca se refugia, apercebendo-se quando lá chega através dos utensílios e objectos encontrados, do número de pessoas que habitavam aquele espaço. O facto de a princesa ser uma criança de sete anos significava que já tinha uma certa autonomia mas ainda precisava de cuidados de um pai ou de um ente protector que zelasse por ela. Além disso, apesar dos anões serem adultos são pequenos, o que faz com que pareçam menos ameaçadores do que se fossem homens de estatura normal. Os anões primeiro inspiraram medo e depois confiança, solidariedade, protecção e gratidão. Na versão de Adolfo Coelho em que a casa pertence a ladrões essa justifica-se pela existência de um código de honra entre ladrões, pelo facto de não termos uma grande tradição que aborde os anões e também pela dama já ser maior. É referida como rapariga e não menina apesar de não se saber a sua idade e de pertencer a uma condição social que a expunha mais à realidade apesar da clausura em que via o mundo pela janela, do que a princesa Branca de Neve, revelando um desembaraço e sentido um pouco mais prático do que o da menina embora se deixe enganar ou levar tal como a mais nova. Em ambos os casos fossem anões ou ladrões ambos são trabalhadores à sua maneira e na sua profissão. Acolhem, protegem e aconselham sabiamente a jovem como se fosse uma filha ou irmã. No caso dos anões, estes eram esforçados e gostavam de manter o seu espaço em harmonia e pura simplicidade. O seu alimento era composto do essencial: legumes, pão e vinho, mas exigem os mesmos valores e honra da jovem, que deveria ser trabalhadora e esforçada. “«Se quiseres fazer o trabalho da casa, cozinhar, fazer as camas, lavar a roupa, coser e tricotar, podes ficar conosco e nada te faltará.»” Esta situação poderia colocar-se perfeitamente na vida real porque a “Branca” chega até eles ainda numa tenra idade apesar de na Idade Média não diferenciarem a infância da adolescência pela sua condição virginal. No entanto se a jovem menina fosse já uma donzela que aparentasse maturidade e permissividade nem sempre acontecia de escapar imaculada ao atrever-se a fazer uma travessia pela floresta completamente sozinha. Era um percurso arriscado além de pertencer ao já arriscado

lhes ditava o certo e o errado.

As raparigas deveriam observar o comportamento premiado, afastarem-se do que era desconhecido, impróprio ou proibido e retê-lo na sua educação enquanto moças casadoiras que mais tarde iriam gerir o lar. Fazia parte do seu enxoval como se fossem “rendas invisíveis”. A mulher mais do que instruída, era ensinada, educada como reforça a imagem da mulher em Adolfo Coelho e que já vinha patente nos contos recolhidos pelos Grimm.

Estes contos transmitiam um clima de tragédia mas ao mesmo tempo de esperança e confiança na vida. As personagens passam por várias peripécias, mas os obstáculos no fim são todos ultrapassados, triunfando o bem sobre o mal, e a heroína vence sempre a personagem maléfica conseguindo atingir a felicidade. Revelam uma preocupação com a sobrevivência e as necessidades básicas do ser humano. Por outro lado revelam igualmente uma insaciabilidade que faz emergir o mal que é intrínseco aos que provaram do fruto do descontentamento.

A mãe má/madrasta<sup>102</sup> de *Hansel e Gretel* conhece-o ao sentir a provação da fome. A mãe má/madrasta da *Branca de Neve/Sapatinhos de Cetim/Encantados* conhece-o através do espelho<sup>103</sup> mágico/mancebo/almocreve que lhe revela a triste verdade, de que ela já não é a mais bela. O ciúme e a inveja são compartilhados por estas duas mulheres.

A figura da bruxa é materializada ora sob a forma de uma velha, ora sob a forma de uma mulher que se disfarça ao mesmo tempo que revela a sua verdadeira identidade. A figura feminina é encarada como aquela que pode causar o bem e o mal. A visão destas mulheres que representavam a antítese era passada assim através dos contos.

A visão das jovens inocentes mas perseverantes era sempre resguardada de um mal menor. Não desvaneciam, simplesmente eram mantidas em suspenso até estarem preparadas para o “grande final”, como que guardadas até à altura que alguém as desposaria. Gretel é salva pela sua utilidade e inteligência e Branca de Neve apesar de todas as tentativas da “bruxa” que era a sua mãe/madrasta é salva pelos elementos do bem e pelo príncipe/rei, despertando-a para a vida e retirando-a do sono de morte aparente da sua clausura através da dedicação e adoração que lhe presta.

---

mundo exterior que não conhecia. Corria perigo ao correr pelos espaços encobertos pela vegetação que albergava perigos como os animais selvagens e os salteadores assim como de homens comuns que transitavam pelos caminhos. Estes não se faziam rogados quando se deparavam com mulheres só que de acordo com a mentalidade da época não tinham motivo para estarem a vaguear pelos bosques a menos que fossem fadas ou mulheres de origem duvidosa.

<sup>102</sup>Tanto em *Hansel e Gretel* como na *Branca de Neve* a figura da mulher má aparece como mãe na primeira edição de 1812 dos irmãos Grimm e na segunda versão de 1819 já aparece como madrasta. Wilhelm fez modificações até à sétima e última versão que é de 1857. No entanto a maior modificação é precisamente a da passagem da imagem da mãe má para a madrasta. Nos *Sapatinhos de Cetim/Encantados* de Adolfo Coelho, a figura que permanece é a da mãe invejosa. Em relação aos *Meninos Perdidos* a figura da mãe ou da madrasta não existe, ao contrário do que acontece na versão dos Grimm. O pai aparece como um viúvo que manda os filhos apanhar lenha, sendo o responsável por mandá-los para a morte. A figura que defrontam é o da bruxa ciclope e é introduzido um elemento do bem, uma velhinha que os irá ajudar avisando-os e aconselhando-os de modo a se livrarem da bruxa.

<sup>103</sup>O espelho é o reflexo da alma; não mente, sendo absolutamente verdadeiro. Representa segundo Cooper, o “conhecimento que o homem tem de si mesmo, a superfície transparente e brilhante da divina verdade, é o portal para o reino da inversão” O espelho no conto da *Branca de Neve* é um elemento mágico, prova de crença na magia que as pessoas tinham.

Os contos recolhidos pelos Grimm pertencem ao recanto do Maravilhoso, do Imaginário e da Fantasia mas, por outro lado visualizam-se perfeitamente em situações reais se os compararmos com a realidade e com a maneira como as pessoas encaravam tudo o que consideravam sobrenatural. Segundo Adolfo Coelho, o camponês alemão, apesar de não ser analfabeto como o português, acreditava nos poderes da natureza e do mundo natural, regendo-se de acordo com isso. Não concebia uma separação entre o natural e o sobrenatural, pois para si tudo fazia parte do mesmo plano. O que não conseguiam explicar remetiam-no para o sobrenatural e buscavam-no de superstições (COELHO, 1993).

O tratamento das fontes é feito à luz do contexto do Romantismo alemão do princípio do século XIX, com os Irmãos Grimm numa Alemanha não unificada sob influência e domínio francês, e por outro lado um Romantismo português do final do século XIX, com Adolfo Coelho. Separados no fio do tempo por quase um século dentro do mesmo século sofrem influências que enriquecem a sua busca de raízes e de resgate de identidades.

Os Irmãos Grimm vão beber à influência francesa e inspiram-se nos contos recolhidos por Perrault como já foi referido. Mas adaptam-nos para que possam ser contados a um público diferente, as crianças. Os contos inicialmente não eram dedicados a crianças e sim ao entretenimento de adultos. Não possuíam um fundo moral a transmitir. As suas histórias abordavam a temática do adultério, do incesto, da morte, do canibalismo e do assassinato, contendo por vezes também um certo erotismo. Com os irmãos Grimm passaram a ser adaptados e simplificados para a infância. A essa passagem também há que acrescentar as suas funções que parecem deixar de ser meramente lúdicas e passam a ser investidas de um cariz pedagógico mas também de um ensinamento, de uma moral, de normas de conduta a observar através do seu mundo mágico e maravilhoso. Uniram o popular ao infantil. Os Grimm modificaram grande parte do sentido destes contos, reinterpretando-os à luz do idealismo romântico. No entanto a sua obra é considerada pelos filólogos românticos, assim como por investigadores como Maria Teresa B. Cortez-Mesquita, como sendo uma das que possuem maior rigor científico dentro do tradicionalismo alemão.

Adolfo Coelho nos anos 70 e 80, inspirado no estudo da língua e cultura alemã dedica-se também à recolha de contos e ao seu estudo a nível nacional. Recusa a tradução mas ao lermos esses contos torna-se óbvio a influência dos contos recolhidos pelos irmãos. Apesar das diferenças culturais reconhecemos elementos e costumes comuns, assim como o tecer das mesmas ações apesar de se passarem num espaço diferente e com personagens diferentes. Assim, ao lermos os contos recolhidos por Coelho reconhecemos os contos dos Grimm, através do conteúdo que estes transmitem (PROPP, 1992).

Os filólogos usavam os contos como fontes precisamente porque reuniam o melhor do universal e do particular. Para eles, conhecer a essência dos contos populares nacionais era conhecer os costumes do seu povo, sendo um terreno onde podiam seguir o rasto da sua história nacional e europeia. Adaptados à cultura portuguesa ou sendo puramente nacionais, vestem a nação com uma roupagem própria que conta os seus costumes mas transporta igualmente marcas de uma memória comum que também forjou a essência dos contos alemães. Coelho reconhece semelhanças no cruzamento dos contos, na comparação entre estes e as culturas que lhes são intrínsecas tornando ambos os países mais próximos no tecido europeu a que pertenciam.

Cada mundo virado para si próprio procura alicerces que lhe justifiquem a aceção de nação, ou pelo menos de espírito nacionalista, num passado em que esse conceito não existia mas que guardou na sua memória popular as respostas para compreender o seu presente. Isto remete-nos para uma universalidade dentro da esfera nacionalista em que são caracterizados. Ambos buscam no passado uma resposta para saber quem são e do que são feitos, entregando-se ao estudo dos contos, lendas e mitos ao aperceberem-se de que quanto mais investigavam as raízes contidas nesses registos mais se aproximavam da vida dos seus antepassados<sup>104</sup>.

Além disso, apesar dos contos terem sido trazidos à luz pelos filólogos, é preciso reforçar mais uma vez o facto de que a mulher é parte integrante dessas fontes quer como a grande agente, personagem, quer como narradora e difusora. A sua representação aparece sempre, ou quase sempre, acompanhada da dicotomia que lhe foi legada, de um imaginário que a liga ao bem e ao mal pela sua conduta, já descrita neste estudo como herdeira de Eva que se interessa pelo mundo exterior, sedenta de conhecimento insaciável ou de Maria, que faz apelo a uma vida interior e contemplativa, sem necessitar de conhecer o que está para lá do que conhece na oração e na piedade. A face arrependida da mulher que segue um caminho e depois o outro é a de Maria Madalena que parece mais próxima da mulher terrena por ser menos idealizada. Apesar de redimida não deixa de ser curiosa em relação ao que pode aprender da vida através da leitura, já que não teria muito mais a aprender com o corpo de que se serviu para subsistir. Os seus pecados não parecem ter sido motivos de excomunhão para Jesus com quem teve uma relação muito próxima.

As suas faces no entanto não possuem um meio-termo aos olhos da sociedade que só as vê como honestas ou perversas. Desde o desenvolvimento dos estudos do folclore, no século XIX, o

---

<sup>104</sup> A cultura manipula e reveste o conto com a versão dos seus próprios traços mas não altera a essência, o que leva a que as diferenças se tomem antes em coesão através do despertar da Consciência histórica, da Memória cultural colectiva e do seu valor educativo, da Identidade nacional, da Busca de Identidade comum às nações da Europa. É intrínseca na Identidade histórica que serve de ponte entre a historiografia comparativa e a sociedade. O seu estudo resulta de um desejo de identificação e pertença. Dá-se com isso a exaltação da identidade e da memória em oposição a outras mas torna-a uma na universalidade de certos traços, da Tradição e da representação do passado, fazendo com que se transforme numa só "Europa" no que se respeita à mentalidade cultural (SEIXAS, 2004, pp.255)

conto remete para uma certa imagem da sociedade tradicional e é explorado em função dessa associação, assim como do estudo das suas diversas figuras, entre as quais se identifica a mulher como sendo a mais próxima dos fenómenos considerados sobrenaturais devido ao facto desta se ligar a todos os ritos de passagem da sociedade, que lhe conferem ao longo da sua existência uma condição e estatuto diferente perante a sociedade sem esquecer do pré-conceito que fazem dela e que reforça nos estereótipos já demasiado impregnados (DUBY, 1995, pp.9-22).

Os contos escolhidos foram Hansel e Gretel/Meninos Perdidos que têm as figuras da mãe má, da madrasta e da bruxa como fontes e essências do mal e a figura da jovem inocente mas corajosa heroína que era fonte de virtude e exemplo; a Branca de Neve/Sapatinhos Encantados/de Cetim também possui as figuras antitéticas da mãe má e da madrasta, em oposição à jovem inocente que, devido a não estar habituada aos rigores da vida e por pertencer a uma condição social menos desfavorecida, era a imagem de quem precisava da protecção da figura masculina. Tanto num conto como no outro, aparecem elementos que as ameaçam, como a mãe má/madrasta/bruxa e os que as defendem como “anjos”, a figura dos anões, da velha que seria talvez uma fada ou a figura de uma pomba branca.

Mas aqui, as caracterizações que mais interessam são a da má mãe/madrasta e bruxa e a da princesa/menina. Quanto à personagem da “bruxa” opõe-se à da princesa, tratando-se de uma mulher amarga, de um elemento perturbador, antítese do ser maternal, é uma mãe má depois transformada em madrasta na tentativa de suavizar aquela realidade. É muito bela mas má, arrogante, invejosa, narcisista, orgulhosa, de instintos assassinos e antropófagos. Os seus pecados são muitos, a vaidade desmesurada, a gula pelo poder, a inveja, a ira e o orgulho. Quando se descobre o seu crime é castigada à morte. É a imagem do anti-ideal de um modelo a evitar.

Quanto à caracterização da personagem da Branca de Neve, a jovem é uma heroína passiva, formosa, inocente, bondosa, prendada e esforçada. Aos sete anos erra pela pequena vaidade e “gula”. Quando é acordada do caixão é a imagem da mulher ideal pois cresceu e está preparada para o casamento, ao contrário de quando foi recolhida de maneira forçada para um “mundo interior” por demonstrar que não estava ainda preparada para enfrentar o contacto com os perigos do mundo exterior. A sua recompensa é o amor e o casamento.

Enquanto ritos de iniciação<sup>105</sup> estes contos não só nos transmitem memórias do colectivo como também nos iniciam no descobrir do saber popular antigo que transformou e moldou a imagem destas mulheres quer pelo cantar de trovadores medievais que as transformava ora em megeras ora em modelos de adoração virginal, quer pelas estórias que eram contadas de boca em

---

<sup>105</sup> Termo emprestado de Mircea Eliade sobre a questão dos contos e dos mitos enquanto ritos de iniciação.

boca, narradas ao ritmo de um vento oral que lhes concedia uma versão diferente em cada ouvido. Esses traços não se mantiveram iguais nem aquando do seu registo escrito pois também aí se encontram várias versões.

O redescobrir desse mundo despertado no século XVII reveste os contos recolhidos no século XIX com um humanismo esperançoso, com uma mensagem oculta de que no final vai correr tudo bem.

No que diz respeito ao contexto histórico em que os contos foram contados e transmitidos, não se pode ignorar o peso que terá tido o imaginário das figuras da “religiosa” e da “bruxa” no reger da vida do povo e do mundo cristão, que se deixava criar no meio da superstição e do apego religioso, numa altura em que a relação com Deus e com a Igreja conhecia tantas metamorfoses. Além disso, também não se pode ignorar o uso que a própria religião cristã fez desses contos e como os reutilizava no controlo da população feminina.

Segundo Adolfo Coelho, o povo do século XIX era detentor de uma sabedoria popular e de uma forma de vida que o aproximava mais do passado do que a facção privilegiada da sociedade que tinha acesso à educação e à instrução. A esses faltava-lhes as raízes e faziam parte do problema de consciência histórica e de decadência nacional que o pedagogo tanto aborda nas suas obras. Os contos deveriam ser então introduzidos na educação pois ajudavam à compreensão através da sua simplicidade e, ao mesmo tempo, concediam traços de uma memória que não tinham.

Coelho acreditava que a solução para o problema da nação estava na reforma educativa, na instrução e na transmissão de uma riqueza cultural popular que devia ser resgatada da memória da história. Considerou por isso, os contos como sendo o melhor veículo para chegar a essa memória.

É nessa dita herança que os filólogos escolhidos para este estudo procuraram uma justificação para a visão que tinham das mulheres, era nas raízes medievais que são transportadas através do tempo e das crenças no sobrenatural que se mantinham vivas e intensas o suficiente para serem difundidas e arreigadas na memória do povo.

A *virtude* e a *honra* eram algo que deveria ser observado acima de tudo, exprimindo a boa educação que tinha sido transmitida pela família à jovem. A imagem casta é por isso considerada como o ideal da mulher cristã, tão presente no conceito de brancura imaculada da Idade Média como no presente do século XIX.

As questões levantadas tornaram necessário um cruzamento de histórias e a sua observação através de uma metodologia comparativa. Neste caso, a comparação da visão dos estereótipos e do modelo de feminilidade que se tinha na Idade Média e a constatação do que passou dessa visão para a visão da sociedade do Século XIX em relação à mulher e às normas de conduta numa altura

em que uma minoria conseguia emancipar-se mas onde a mulher comum continuava à sombra da sua herança estigmática de Eva e Maria, apesar das metamorfoses que a sociedade sofria no que diz respeito à relação do Homem com Deus. A que se atrevia a ser “Madalena” teria que optar entre um modelo ou outro para seguir o rumo da sua vida como condenada ou adorada.

No que se refere à análise do conto *Hansel e Gretel* a partir da perspectiva da História, centramo-nos em duas versões que possuem indícios que nos levam a crer que pertençam à Idade Média, mais especificamente a uma altura de grande fome e miséria, em princípio passado no século XIV, na altura da Grande Fome de 1315-1317 como se depreendera apenas pela leitura atenta do conto e do conhecimento geral da História que nos leva a identificar a fome ficcional com a fome que se assistiu na realidade.

Existiram relatos reais de casos de canibalismo apesar de todo o imaginário um tanto exagerado, muitas vezes misturado com os mitos greco-romanos, pois assim é corroborado por fontes de cronistas e de historiadores que discutem a origem destes relatos mas não os negam. Estes juntam-se ao rol de mortes, abandonos e infanticídios e o próprio conto remete para uma época de grande fome, reforçando a teoria. O conto dos *Meninos Perdidos* refere igualmente que é passado numa altura de muita fome. Embora a fome tenha sido uma constante nas preocupações do homem medieval, é necessário atermo-nos ao conjunto de factores que correspondem a dada época, neste caso às crises do século XIV e à realidade da Alemanha repleta de grandes florestas, assim como de Portugal que não era menos abundante em vegetação.

Segundo John Walsh, descobre-se que o canibalismo é, historicamente falando, muito mais um fenómeno ocidental do que uma abominação da selva. Houve relatos de pessoas que o praticaram por toda a Europa durante os ciclos de grande fome do século XIV<sup>106</sup> (WALSH, 2006).

Assim sendo, o canibalismo possui várias causas desde a fome, necessidade básica do Homem, ao domínio, à posse do poder sobre outrem, à incorporação de poder cujo era uma crença tribal até aos mitos urbanos que não fazem parte da discussão deste estudo. O historiador William Chester Jordan é também um dos que indica na sua obra *The Great Famine*, que houve canibalismo nas alturas de grande fome, o que evoca a sobrevivência mas também a incorporação de poder quando o cruzamos com o conto *Hansel e Gretel*, onde a bruxa<sup>107</sup> é vista como criadora de tentações, fonte do mal e canibal, porque é ela a acusada e não a mulher comum, que só é vista

---

<sup>106</sup>O século XIV possui relatos de canibalismo na Europa mas não foi um caso isolado. Em 1600, encontra-se homens na Virgínia, nos Estados Unidos que comeram as suas mulheres. Os sobreviventes do naufrágio do Medusa conseguiram sobreviver comendo-se uns aos outros. Focos de antropofagia no século XIX foram relatados de Nantucket Sound a Colorado (WALSH, 2006).

<sup>107</sup>brux- /el comp./antepositivo, de étimo desconhecido, segundo Corominas, mas seguramente pré-romano, talvez por um lat. “*bruxa*” ou “*brouxa*”; Said Ali, entretanto, havia antes, nas *Investigações Filológicas*, admitido, com forte verosimilhança, que se trata do hápax lat. *Plusscia, pluscia*, que ocorre na boca de Trimalcião, acreditando que o português *bruxa* seja anterior ao espanhol *bruja* e fonte deste, caso em que a datação de *bruxa*, como do s. XVI, de ser pesquisada mais fundamentada, em face do esp. *Bruja*, tido por Corominas como “cerca de 1400”, de que resultou *bruxaria* e *bruxismo*. Bruxa s. XVI, 1559; feiticeiro (a): s. XIV, étimo. feitiço+eiro; o esp. *Hechicero* e o port. *Feiticeiro* é documentado nos séculos XIII-XIV, enquanto o esp. *Hechicera* e o port. *Feitiçaria* é no s. XV. (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, tomo IV, Bet-Cap; tomo VIII, Efe-Est, pp.).



como boa ou má mãe mas que no conto parece estar dividida nas várias facetas do humano feminino e muito menos é acusado o homem, que é somente acusado de passividade perante uma mulher dominadora e que o instiga a decidir o destino dos filhos em prol de terem pão para comer mais algum tempo se se livrassem das crianças.

No entanto, é canibalismo por incorporação de poder quando abordamos o conto da *Branca de Neve*, em que a figura da Rainha é retratada como uma madrasta que primeiramente foi figurada como uma má mãe com instintos raivosos e canibais mas que para não chocar a mentalidade da sociedade do século XIX mudou apenas a acepção mas não o seu sentido, revelando-se mais um tabu moral e social do que linguístico. Esta mudança foi feita na reedição de 1819 para preservar, segundo Patrícia Costa, a santidade da maternidade e evitar as críticas da sociedade<sup>108</sup>.

Quanto à versão deste conto não parece pertencer a uma época anterior ao século XIII igualmente pelas características que transparece e pelos elementos e utensílios que possui pois alguns deles simplesmente não existiam antes dessa altura como o *espelho* de vidro (semelhante ao que conhecemos que reflectiam não só a forma mas também o reflexo dos traços em si) e também devido ao aparecimento de utensílios de mesa como os *garfos*, nessa altura apenas com dois dentes, tendo como objectivo servir a comida e não tanto para levar os alimentos à boca como se torna um hábito a partir do século XVI. No entanto aparece na mesa dos anões como uma marca de civilidade e de habilidade que tinham no trabalho dos metais.

Os anões trabalhavam numa mina de ouro, o que corresponde à realidade alemã da época pois existiam partes da Alemanha que se dedicavam à mineração. No século XIII, durante uma época de grande expansão da indústria metalúrgica, o trabalho dos metais era sobretudo da alçada das urbes mercantis da Alemanha do Sul. Eram exploradas as minas de cobre da Boémia, da Saxónia e da Turíngia, as minas de estanho da região de Amberg, a sudeste de Nuremberga e de Erzgebirge, e as minas de ferro na Estíria e Caríntia. Manifestava-se assim o triunfo das grandes dinastias destas cidades alemãs que «regurgitavam de ouro», graças ao trabalho das minas e ao tráfico dos metais. Era a realidade que se passava em Ausburgo e na Nuremberga (HEERS, 1965, pp.106-107).

Os contos contribuem para o enriquecimento da disciplina da História e ensina-nos de

---

<sup>108</sup> A investigadora refere Wilhelm Grimm como um fervoroso católico e moralista extremado, o que também contribuiu de forma aguerrida para as mudanças efectuadas. A autora também cita Werner ao referir que é na edição de 1819 é introduzida uma madrasta no lugar da mãe, ao contrário do que os Irmãos Grimm tinham admitido anteriormente no manuscrito, nas recolhas, que efectuaram e trabalharam até serem editadas sob a forma de compilação em 1812 onde retratam a mãe da Branca de Neve como mãe má (COSTA, P., 2003). A rainha nunca foi vista como anti maternal pois isso seria admitir um anti-ideal, a antítese da mulher representada como inatingível pela santa mas como próxima da perfeição através da figura da religiosa e mais frequente, da figura da mãe.

forma pedagógica<sup>109</sup> algo sobre nós mesmos que devemos reter enquanto seres conscientes da sua herança cultural. Cumpre uma função importante como instrumento de intervenção e de mediação tal como a mulher entre um mundo e outro e as várias disciplinas que abordam este tema como a antropologia, a literatura, a psicologia que se podem reforçar através da disciplina da História que faz uso dos contos e da cultura popular como fontes preciosas.

As crianças, Hansel e Gretel amadurecem com a situação que passaram e Gretel aprende a não depender do irmão para sobreviver pois percebeu que perante a adversidade há que agir para salvar-se a si e à pessoa que precisa de defesa. Trata-se de uma verdadeira pequena heroína. Esta mensagem ao ser passada demonstra que, apesar de os românticos idealizarem uma mulher mais educada do que instruída, não significa que a quisessem dependente e estupidificada.

A mulher era a grande “cabeça” do lar pois era ela que o geria assim, como decidia sobre tudo o que dissesse respeito a esse espaço e era a grande controladora do caos masculino, era dentro do espaço privado que influenciava de forma indirecta o espaço público. A mulher é por isso para o homem romântico controladora de destinos e de condutas, preferindo este mantê-la no espaço privado. Adolfo Coelho refere que é aceite que a mulher se instrua o suficiente para se saber portar em sociedade, o que parece remeter mais para a mulher cigana (lembrando aqui mais uma das obras de Adolfo Coelho, *Os Ciganos de Portugal*).

A mulher, assim como a criança, representavam para Adolfo Coelho duas grandes preocupações no que respeita ao sistema da educação português que considerava como sendo precário e da importância desses contos para o colmatar dessa deficiência que só teria a ganhar com a Reforma.

Coelho reconhece o mérito da iniciativa que os irmãos Grimm tiveram no começo do século XIX. Outros autores como Tatar também perceberam a importância do trabalho de recolha dos filólogos. Patrícia Costa cita Tatar: “Quando Jacob e Wilhelm Grimm desenvolveram seu primeiro plano de compilar contos populares alemães, tinham em mente um projecto erudito. Queriam capturar a voz pura do povo alemão e preservar na página impressa a poesia oracular da gente comum. Tesouros folclóricos inestimáveis ainda podiam ser encontrados circulando em pequenas cidades e aldeias, mas os fios gêmeos da industrialização e da urbanização ameaçavam sua sobrevivência e exigiam ação imediata.” (COSTA, P., 2003)

Segundo a autora os contos que recolheram foram publicados nos dois volumes dos *Kinder- und Hausmärchen* sem terem inicialmente uma intenção pedagógica que visasse o público

---

<sup>109</sup>Os contos pertencem à literatura vista por Adolfo Coelho como um fenómeno de criatividade que representa o mundo e a vida, que ensina a criança a criar ao libertar-se pelo espírito, levando-a a usar o raciocínio e a cultivar a liberdade. Além de um meio de conhecer a herança cultural também é um meio que favorece e é favorecido pela pedagogia, “já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento de formação de valores e relações de poder, sob a justificativa de fornecer à criança uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.” (COSTA, P., 2003)

infantil, não o criaram para ser um livro para crianças como acabou por sê-lo, pois não focavam esse público como o fez Hans Christian Andersen que escreveu cento e cinquenta e seis contos infantis. Continua a citar Tatar ao explicar que os Grimm mudaram de ideias em relação ao público-alvo, transformando gradualmente os documentos que seriam dirigidos a estudiosos em leituras para as crianças na hora de dormir.

Essa mudança poderia ter-se dado ao aperceberem-se, enquanto filólogos e pedagogos, da importância desses contos para a infância tanto a nível lúdico, como moral, pedagógico e cultural. Além disso, também devem ter-se apercebido do sucesso que estes contos fariam apesar das críticas a que foram submetidos, das acusações que sofreram e de terem sido apelidados de supersticiosos antes que pudessem ser considerados cultores, apologistas de uma busca de raízes culturais que os guiava até ao estudo da origem da sua língua e cultura através da riqueza mitológica que recolhiam e que simplificavam através da adaptação que fizeram para que pudesse ser contado às crianças, público intelectualmente “inferior” aos “grandes” doutos académicos.

O Romantismo abordou os contos de fadas populares de uma perspectiva que buscava justiça mas ao mesmo tempo sendo mais humanitária do que aquela que se tinha habituado à violência. Passando a evidenciar a solidariedade, o amor ao próximo equilibrando os aspectos negativos da crueldade, da inveja, do ciúme, do desejo destruidor com a esperança e a confiança para enfrentar a vida que estes contos transmitiam através de um final feliz com a recompensa do herói e a punição do ser malvado representado pela bruxa que seria outra faceta da mãe má/madrasta (BETTELHEIM, 1988/COSTA, P. 2003).

No conto Hansel e Gretel, tanto Hansel como Gretel não discutem com a madrasta que manda e desmanda neles. Hansel elabora um plano que lhes permitirá chegar a casa e isso revelando inteligência e sentido prático ao apanhar as pedras que indicariam o caminho de volta. Demonstra também astúcia quando o interrogam por que razão estava a ficar para trás no caminho dizendo: “ « – Oh pai! (...) Estou a olhar para o meu gatinho branco, empoleirado no telhado e quer dizer-me adeus» ”. Inventa essa desculpa da primeira vez e da segunda vez, mudando só o animal de estimação, que era uma pomba branca.

No conto tudo é permitido mas a verdade é que num contexto real de *Grande Fome*, nem o gato nem a pomba existiram naquela altura com a fome que tinham pois teriam sido assados há muito tempo. No entanto o rapaz já não teve o mesmo raciocínio lógico que tivera na primeira vez quando se viu encurralado por uma porta fechada. Quando chegou a altura da bruxa querer comer os meninos, foi Gretel que teve a perspicácia de empurrar a bruxa para dentro do forno deixando-a a queimar e a assar. O castigo da bruxa foi morrer queimada e assada e a recompensa dos meninos foi encontrarem o tesouro da bruxa.

Outro elemento na versão dos irmãos Grimm é a passagem do tempo e o regresso de uma viagem muito longa, que ainda tinha mais um obstáculo que os colocaria à prova uma última vez: um rio que tinham de atravessar. A menina, mais uma vez, demonstrou sabedoria e fez com que o seu irmão passasse primeiro nas costas do pato pois se fossem os dois ao mesmo tempo o animal não aguentaria o peso e iriam todos ao fundo. O rio representa o ultrapassar de uma etapa e o começo de uma nova. Trata-se de um ritual de passagem que lhes “levou” uma idade e os acolheu na outra margem com uma nova. Regressam a casa pois apesar de terem amadurecido ainda são crianças e precisam de um pai que cuide deles. A madrasta das crianças que lhes comandara o destino até àquele momento morrera de fome ou de doença. O tesouro resolveu o problema de dinheiro que tinham e puderam ficar todos juntos em harmonia.

As crianças viram-se obrigadas a crescer através da motivação para sobreviver, que funcionou como um reforço negativo. Foram empurradas para o mundo exterior de onde voltaram mais maduras e autónomas. Segundo Bruno Bettelheim, os contos dão assim um sentido à vida. Os contos começam de forma realista e as próprias personagens boas não são completamente perfeitas, o que as torna mais próximas pois tal como as crianças também erram e pagam com as consequências. O que interessa é o esforço e o que aprendem com as lições que lhes são dadas. Do castelo para a floresta ou da casa simples para a floresta, a pobre criança procurou refúgio, onde se sentisse segura e encontrou a casa dos sete anões, que na versão de Adolfo Coelho são ladrões numa versão, e na outra, é uma velha que cumpre uma função de fada madrinha tal como os anões tinham feito o papel de figuras protectoras, que a tentam proteger em vão com os seus conselhos sábios e tentando salvá-la da sua imaturidade face aos perigos do seu mundo. No início de ambas as narrativas, as crianças são abandonadas nesse espaço que ao mesmo tempo que as assusta pelos seus perigos e pela escuridão da noite de pedras e espinhos, também as protege como uma mãe terra não deixando que nada de mal lhes aconteça e no seu retorno a casa ou iniciar de uma nova vida assiste à passagem do tempo e à transformação que passaram deixando-as partir do seu seio.

Assim o é em *Hansel e Gretel* e assim o é na *Branca de Neve*. Nas versões de Adolfo Coelho o castigo é retratado pela morte da bruxa nos *Meninos Perdidos* mas não é evidente nos *Sapatinhos de Cetim/Encantados* recolhidos também pelo filólogo que dá mais destaque à recompensa da heroína do que ao elemento perturbador da estória.

No conto da *Branca de Neve* existem as figuras da mãe bondosa falecida, a referência ao luto de um ano do rei, a que se segue ao factor que aparece tanto na vida real como nos contos, “a vida continua”, pela lógica continua através da mulher que vem ocupar o lugar da rainha morta, sendo esta má, orgulhosa e narcisista como o estereótipo assim o exige e reforçado pelo facto de essa mulher ser conhecedora de artes maléficas de bruxaria e magia negra. O seu poder é tão

imenso que anula até o do próprio suserano que se torna um pai passivo e ausente durante o resto do conto<sup>110</sup>.

Na versão dos irmãos Grimm, a mãe má/madrasta da Branca de Neve é uma rainha que se encontra fora do espaço público. Em Adolfo Coelho nas duas versões encontradas e escolhidas para o presente estudo, a mãe má/madrasta pertence a um meio e a uma condição social e económica que lhe permitem ter criados mas não pertence à nobreza nem à realeza. É uma mulher que se relacionava mais com o exterior do que a rainha, que vivia uma vida mais recatada e resguardada no seu lar, envolta nas suas tarefas que a tornavam uma mulher de vida recolhida, pelo menos na aparência e não uma mulher pública à excepção dos deveres reais.

A rainha disfarça-se de velha vendedora, mulher do povo para parecer inofensiva, aliciando e tentando a menina na sua maior fraqueza, a sua fé na bondade das pessoas que aparentam sê-lo e na sua vaidade infantil. A menina era facilmente influenciável. Ao ceder aos apelos das “mulheres desconhecidas” que lhe vinham bater à porta satisfazia a sua pequena gula e vaidade, não estando isenta de pecar só porque se trata de uma princesa casta. O ideal, só o atinge quando se torna inatingível para o mundo exterior porque está guardada desse mundo num caixão. A menina volta a ceder à tentação e morde a maçã envenenada que a faz desfalecer como se a vida se tivesse esvaído do seu corpo.

A consequência e o castigo por ter ignorado os conselhos dos anões foi o não ser salva por eles pois desta vez o que lhe tinha feito cair num sono profundo, de morte aparente não foi detectado, o pedaço de maçã<sup>111</sup> engolido. No caixão conserva-se num estado suspenso. Parece morta mas no entanto mantém as suas cores como se estivesse viva e cresce no caixão mas sem ressuscitar. Este conto pode também referir o coma que na altura não conheciam como tal, sobretudo quando o bater do coração, a pulsação e a respiração são imperceptíveis.

Na versão dos Grimm, é uma maçã que lhe faz cair num sono de morte e em ambas as versões de Adolfo Coelho são os sapatos, uns dados a mando da mãe e outros dados pela velha

---

<sup>110</sup> Era comum o rei ausentar-se durante longos tempos sobretudo por motivos de defesa do território quando ia para a guerra. No conto a sua ausência sente-se de forma física e psicológica tanto neste caso como no dos outros contos em que a sua figura e autoridade se apagam perante uma mulher vil e dominadora, Quanto ao poder da rainha, se cruzarmos a rainha da *Branca de Neve* com a mitologia e a perspectiva da psicologia freudiana reconhecemos o mito de Narciso que se perdeu do mundo de tanto que olhou para o seu reflexo no “espelho” da água mas também para uma espécie de síndrome de Édipo mal resolvido e invertido. Era a mãe má/madrasta a que nutria ciúmes e não a filha. O satisfazer da vaidade levou-a à morte da mesma maneira que *Os Sete contra Tebas*, o ciclo mítico de Édipo que acabou cego, conheceu a morte. Tântalo também sacrificou o filho em nome da sua vaidade. A rainha e as outras más mães/madrastas conheceram o seu castigo e também pereceram ou foram anuladas e afastadas (BETTELHEIM, 1988, pp.246-253).

<sup>111</sup> A maçã é o fruto da árvore da vida, da ciência, do bem e do mal, do conhecimento, da necessidade e do poder de decisão. Por outro lado, a visão da maçã cortada em duas também deixa adivinhar que aquela metade tinha um propósito sombrio e nada amigável, pois cortada ao meio revela um pentagrama através dos alvéolos que contêm as sementes formando a estrela de cinco pontas que lhe dá o nome (O seu conhecimento provoca a queda, aludindo para o episódio da Expulsão do Paraíso) e que pode passar despercebido era usado como protecção natural das bruxas, neste caso protegia a bruxa e servia como arma contra os seus inimigos (CRISTIAN).

por motivos diferentes, que fazem a jovem cair no mesmo sono. Além disso, o velar os mortos sobretudo fazia parte da vida dos vivos. Quanto ao caixão de vidro no qual a princesa/jovem foi colocada representa o factor tempo e a inscrição a ouro indicando a origem da princesa era um costume nobre que visava manter viva a memória do defunto que acreditasse na Idade Média que poderia voltar à vida mas aqui mais parece ter acontecido o caso de uma morte aparente que não se tratava de sono nem propriamente de um coma mas sim de um estado em que o veneno ou elixir baixavam de tal maneira o batimento cardíaco que a pessoa passava por morta sem o estar.

N'Os Sapatinhos de Cetim, recolhido por Adolfo Coelho os sapatos são de cetim bordados a ouro e são mágicos e valiosos, valem como um dote. A mãe da rapariga que transparece ser um pouco mais velha do que a Branca de Neve, é má e viúva. Tem a sua filha trancada pois esta é tão formosa que deve estar resguardada do mundo. No entanto, a formosura dita-lhe a mesma sentença da Branca de Neve, a morte para eliminar a concorrência. Passa-se muito, muito tempo, o suficiente para a princesa estar pronta para o mundo e ser desposada, atingir maioridade ou maturidade. Os anões, ladrões e o príncipe/rei prestam-lhe um culto fúnebre cheio de devoção pois não a vêem desfalecer e julgam-na santa. O caixão de vidro em que é encerrada não tem letras de ouro já que existe os sapatos de ouro. É um rei que a resgata. Quando a mãe vê o desvelo do filho pela rapariga morta faz uma comparação da jovem com uma santa por permanecer tão fresca apesar de morta, e depois com uma feiticeira quando esta desperta de uma morte aparente porque lhe foi retirado os sapatos.

É uma velha, fada madrinha, que lhe deu esses sapatos e a protegeu de certo modo como o fizeram os anões mas sem ficar com ela a seu cargo e sem deixá-la cometer as faltas que os anões deixaram passar por falta de vigilância. Assim, só seria despertada quando chegasse a altura certa. A velha cumpriu a sua função de fada madrinha e desapareceu. A rapariga encontrou alguém que ia zelar por ela. A menina que pertencia a uma família suficientemente abastada mas não era da realeza casa com um rei e fica a viver no seu palácio. Quanto à mãe, não se sabe o que aconteceu mas não teve grande interesse para esta estória até porque o seu castigo foi o de ser banida do resto do conto. A filha viveu e era ela a mais bela.

O ideal de beleza da rainha era feito à sua imagem ou ao que julgava ser digno de si: uma pele branca que indicava nobreza, rosada que indicava ser saudável, cabelos negros que deviam ser sedosos, brilhantes e fortes pois acreditava-se na altura que as virtudes e os dons das pessoas estavam concentradas no cabelo<sup>112</sup> e nas unhas (PROTAS, 2001). Ter pele clara era acima de tudo o expoente da beleza feminina medieval.

---

<sup>112</sup>A inveja faz com que a mãe lhe corte as traças numa das versões de Adolfo Coelho. O cabelo era um dos maiores atributos de beleza da mulher.

Normalmente, as mulheres de pele branca resguardavam-se do sol para protegerem a sua tez. Distinguiam-se assim das mulheres de classes mais baixas e com menos condições, as mulheres do povo, que trabalhavam a terra e tinham a pele queimada do sol. Segundo Georges Vigarello que exprime o conceito de Beleza do século XVI, esta era considerada como sendo revisitadora da beleza da Idade Média: “Existe uma beleza medieval (...) semblante simétrico e branco, seios acentuados, cintura apertada. (...) as mulheres de Ronsard, em 1560, têm «seios brancos como alabastro», as de Louis de Jars, em 1575, «uma larga frente de marfim polido». Substâncias preciosas, matérias depuradas dominam as abordagens: a «pérola do oriente, a neve imaculada», o «lírio encerrado no cristal» ” Todos, estes elementos exaltam um conceito de beleza branca, cândida e virginal que se manteve através dos séculos, era o ideal de beleza feminina que se queria resguardado do exterior.

O mesmo aconteceu em relação à beleza desejada no século XIX, pois a beleza romântica era pálida. Os olhos aqui deixam transparecer uma discussão sobre o mundo interior, fala-se da alma como abordou J.J. Lopes Praça, que fala da alma, da inteligência e sobre a mulher, da sua vida espiritual, da razão e da verdade que aproxima o Homem de Deus. Na sua obra, de 1872, *A Mulher e a Vida*, “ (...) Conhecer é ver. A nossa alma, a nossa atividade seria cega senão tivesse a inteligência. As formas por que se manifesta são os olhos da alma; (...) ”, “A sensibilidade romântica ilustra uma maturação secular das experiências e das sociabilidades: ela prospecta o «mundo interior». (...) Meditativo, arrebatado ao sonho, o rosto sê-lo-á também por um trabalho especial. A correcção da tez, a brancura procurada seriam mais bem aceites no início do século XIX””, que depois quando se rende a uma “beleza trabalhada” quando descobre a maquilhagem. (VIGARELLO, 2005,pp.19;151-160 /PRAÇA, 1872, Fac-similada, /pp.21-38).

A Branca de Neve era a encarnação desse modelo de brancura que se manteve no tempo. Era bela, jovem e cândida quando chegou aos sete anos, considerada uma altura em que se dá um ritual de passagem, (pois era considerada a idade do juízo embora a infância e a adolescência contassem como uma só idade), a da jovem “em cabelo”, isto é, a da virgem. A partir de então, do momento em que foi notada a sua beleza, tornou-se uma ameaça: “ (...) quando tinha sete anos, era tão bela como a luz do dia e mais bela que a própria rainha.”

Na primeira versão, a de 1812, a função de ser mãe cumpriu-se: deu à luz uma criança. Um menino asseguraria a continuação do nome do rei, da linhagem real, um herdeiro para o trono mas uma rapariga também tinha as suas vantagens, apesar de ao casar-se passar a pertencer a outra família servia para formar alianças e unir territórios.

Nessa versão a intenção da rainha-mãe seria a de passar mais tarde o seu legado de artes mágicas à filha se não a tivesse visto como uma ameaça ao seu reino de beleza. Quanto à versão

de 1815, alterada em 1819, a madrasta via a menina como um empecilho mas tolerou-a até ao dia em que passou a vê-la como concorrência: “ «Oh, se eu pudesse ter uma filha tão branca como a neve, tão vermelha como o sangue e tão negra como a madeira deste caixilho!» ” Isto era o ideal da mãe e não da madrasta, que ao destruir a Branca de Neve estava também a destruir a imagem da Rainha falecida, enquanto na primeira versão de 1812, recolhida pelos Grimm, essa imagem ideal que seria uma bênção transformara-se numa maldição pois a “cópia” revelou-se mais perfeita do que a “original”. “A maldição é a antítese da bênção. Nos escritos primitivos, ambas são concebidas como forças mágicas” (BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Gn 3, 15-19; 4, 11-14; Lv 26, 14-39; Dt 11, 28; 27, 15-26; 28; pp. 1641).

A rainha bruxa arquitectou então um plano para reparar o erro que a natureza tinha cometido ao permitir que alguém tão bondoso e tão belo pudesse ofuscar a sua beleza e usou os seus conhecimentos para o mal para interferir de forma proibida na ordem das coisas que eram do domínio do destino e da morte que estão acima do bem e do mal e não conforme o capricho pessoal de uma bruxa. Mandou matar a filha/enteada exigindo como prova da sua morte os pulmões e o fígado/língua da menina que seriam um troféu comestível que apaziguaria a sua gula canibal, depois tentou matá-la mais três vezes. Fazia uso de um quarto esquecido, secreto para se poder dedicar às práticas das suas artes proibidas. Revela-se uma exímia conhecedora de venenos que se deveriam encontrar facilmente na natureza, bastava que para isso tivesse acesso ao conhecimento e à possibilidade de sair para o exterior. Ter um quarto secreto usado para as artes mágicas era algo possível na vida real já que parece ser comum nestas épocas a existência de quartos e passagens secretas para o caso de ser necessário fugir ou ter um lugar de refúgio em alturas de perigo.

A vida da Branca de Neve que tinha começado com três gotas de sangue e um desejo perigava terminar com uma sentença de morte e três tentativas que poderiam ter resultado numa “morte” definitiva se a bela menina não tivesse “anjos” que olhassem por ela mesmo não estando sempre presentes. Esta era a imagem maléfica que a Igreja queria transmitir acerca da mulher com acesso ao conhecimento. Ao ser mulher e pertencer à realeza tinha aos olhos da entidade religiosa um duplo poder, o conhecimento empírico e o conhecimento escolástico pois teria mais acesso à educação e à instrução do que a mulher comum do povo. A instrução maléfica tê-la-ia feito às escondidas no recato de um convento que a formara, dando-lhe a capacidade de pensar, podendo usar os seus conhecimentos tanto para o bem como para o mal. A vingança é fomentada pela inveja e pelo seu narcisismo que fazia crescer dentro de si a maldade<sup>113</sup>.

---

<sup>113</sup> Quanto às “mães más” de Adolfo Coelho estas pareciam ter uma boa condição mas ao contrário das “mães más” dos Grimm não pertenciam à



A tradução de Graça Vilhena, baseada na última versão, edição de 1857, acrescenta mais um dado ao estudo da fonte, que não se verifica na tradução de Ashliman (que só refere o facto de se tratar de uma criança), fazendo referência ao facto da rainha desejar uma filha. Essa filha é criada por uma rainha bruxa. Seja como for, ambas as traduções demonstram uma fidelidade semelhante e que na falta de se poder aceder às fontes na íntegra, em alemão são duas boas opções para serem tratadas porque acima de tudo não se deixam levar pela adaptação da *Disney*. Ambas as traduções visam o estudioso do século XIX e não a criança ávida de ilustrações e de um final romântico de uma realidade que só foi criada a partir do século XX, em que no final o príncipe desperta a princesa com um beijo já permitido pela sua época.

Foi por esta e por todas as outras características identificadoras das épocas que se tornou importante explorar e analisar os contos recolhidos por estes coleccionadores de memórias, irmãos Grimm e Adolfo Coelho, que nos fazem conhecer a visão que têm da mulher no Romantismo alemão e português mas, em especial, o que era esperado e idealizado pela sociedade oitocentista. Conhecemos no entanto apenas o desvendar do véu do que passou da visão da Idade Média para a visão dos Românticos, tendo a possibilidade de conhecer mais através da continuação do estudo desses mesmos contos e de outros que nos contam algo sobre nós e sobre a maneira como pensamos devido ao que herdamos do passado, tão enraizado pela língua e pela religião mesmo quando a negamos<sup>114</sup>.

---

realeza e muito menos teriam acesso a uma instrução, sendo o seu conhecimento empírico mas não menos letal.

<sup>114</sup> O fantástico e o maravilhoso dos contos populares fazem parte das narrações de todos os povos, é algo universal e que foi um dos grandes “gatilhos” para desencadear, activar os estudos do movimento romântico. Propp dá-nos a conhecer a morfologia dos contos como sendo a descrição dos mesmos que são constituídos pelas suas partes e as relações que possuem entre si e com o conjunto envolvente construindo um sentido através do conteúdo e dos seus intervenientes (COSTA, P., 2003).

## Conclusão em aberto e Perspectivas

Este presente trabalho incidiu sobre as figuras, da “religiosa”, de que se destacou o seu ideal inatingível, a “Santa” e do seu anti-ideal, a “Bruxa”. A figura antitética envolta de superstições e que era alimentada pelo medo incutido pela Inquisição, assim como pela cultura popular, servia um mundo onde a religião fazia parte indubitável das suas vidas, independentemente do seu credo mas onde só a Fé instituída era a aceite.

A mulher emergiu assim de um palco que a envolve de toda uma teatralidade de regras que ditam a sua conduta num mundo, que se veste de uma moralidade social resgatada da Idade Média mas sob uma aparência moderna muito mais inflexível, pelas mãos do Concílio de Trento e da Contra-Reforma. A Igreja apoiava-se nos textos e nos tratados religiosos, como as Bulas papais de Inocêncio III e depois de Inocêncio VIII, e o *Malleus Malificarum* tal como os inquisidores que escreveram, foram às fontes da Bíblia e dos textos sagrados<sup>115</sup>, encontrar passagens que correspondessem à imagem negativa que tinham das mulheres. Foi flagelada quer pela religiosidade e recolhimento que a faziam admitir cilícios que só as santas conseguiam suportar em nome de uma fé que queria ministrar, quer pela vida das mulheres públicas desavergonhadas como as “bruxas” que eram flageladas pela tortura e perseguição dos poderes vigentes, que temiam os seus conhecimentos e influência junto da comunidade.

Tanto a “Bruxa” como a “Santa” representavam uma transgressão à normalidade. Quantas santas não foram parar à fogueira como bruxas, não sendo reconhecidas pela Igreja como santas e sim como hereges, quantas mulheres piamente devotas morreram pelo que acreditavam, como por exemplo, Joana d’Arc?

Durante muito tempo, o mundo Ocidental conservou na memória do seu imaginário, a crença de que a prática de bruxaria ou feitiçaria maléfica estavam ligadas à natureza feminina e por isso toda a mulher poderia ocultar uma potencial serva do mal. Quanto à criação do seu estereótipo, apesar de não se ter uma data exacta, estima-se que tenha surgido por volta de 1400 embora a figura seja muito mais antiga como testemunha a mitologia popular e as práticas sobrenaturais, de magia às quais a mulher era associada, enquanto curandeira, parteira, cozinheira, prostituta, advinha e mesmo sacerdotisa que imitava sem ter conhecimento da mesma, a da Antiguidade, tal como Baroja descreve, são no fundo vários tipos de “bruxas”, à volta das quais se construiu arquétipos.

O estatuto que a mulher conheceu enquanto ser fragilizado e facilmente histérico no século

---

<sup>115</sup>No *Malleus Malificarum* fazem referência às seguintes passagens: São Tomás, II, 7, cap. 18 do *Deuteronomio*; *Levítico*, cap. 19 e 20, IV, Reis, 22; São Tomás, *Summa contra Gentiles*; *Exôdo*, VII; Santo Agostinho, Livro 18, cap. 17, *Cidade de Deus*; *Summis arrea* ou *Summa Archiepiscopi*; *Primeira Epístola a Timóteo*, I, 13.

XIX, não tem muito a ver com o estatuto que alcançara muitos séculos antes, nas sociedades pré-cristãs, em que se adorava a Grande Deusa e as várias divindades femininas. Nessa época existia sociedades cujo regime era matriarcal, permitindo à mulher que fosse sacerdotisa e que se dedicasse à sua fé politeísta, pelo menos até à instituição do Cristianismo tornando a Europa monoteísta, subjungando-a e destronando-a aos poucos da vida pública, remetendo-a para a vida privada de uma sociedade patriarcal.

As reminiscências do que fora uma sociedade matriarcal tomam uma forma mais isolada, de movimentos considerados heréticos como é o caso dos Cátaros e dos Beguinos, assim como dos cultos populares que foram tolerados enquanto movimentos e manifestações religiosas até que se mostraram contrários à interpretação e visão da Santa Sé. O facto de ganharem autonomia e não obedecerem a nenhuma Ordem institucionalizada assim como o seu número e influência considerável, fê-los ser perseguidos e muitas vezes queimados como hereges. O próprio conceito de bruxa que então revestiu o anti-ideal da mulher viu-se forjado nos autos-de-fé por uma Bula papal de Inocêncio VIII, *Summis Desiderantes Affectibus* e por obras como a de dois inquisidores misóginos, *Malleus Malificarum*, que levantaram um cerco de “purificação” contra o que tomavam como sendo uma crescente ameaça.

A mulher que se tornou num ser estigmatizado por um pecado herdado é a imagem serpenteante do Barroco, do que foi a Época Moderna e que culminaria na fixação de uma visão da mulher, com o Código de Napoleão no começo do século XIX. A mulher viu a sua regressão em termos jurídicos, políticos e conjugais a partir do século XVI, ao contrário do que conseguira até ao século XIII e XIV<sup>116</sup>. No entanto, não se podem ignorar os seus avanços e retrocessos como foi o caso da reforma gregoriana na Idade Média. (ABREU, Z., 2007, pp. 23-71, 147-219/PERNOUD, 1984).

As advertências e a lei contra a “bruxa” mantiveram-se no direito criminal<sup>117</sup> até ao final do século XVII. Em Portugal, as *Ordenações Afonsinas* no século XVI deixaram um legado onde vinha bem delineado quais eram os direitos da mulher e o que entendia ser uma “feiticeira” mas antes disso já tinha demonstrado a sua posição acerca do estatuto jurídico da mulher e do poder *paterfamilias*, com o *Corpus Iuris Civilis*. Viajou no tempo e no século XIX fazia parte do

---

<sup>116</sup>Exemplos disso era o direito a terras e a gerir os seus negócios em caso de herança do pai, morte ou ausência do marido, as profissões de fé e de oração que concediam liberdade espiritual e conhecimento desde mais simples interna no convento à abadessa mas normalmente pertencentes a famílias com grande poderio económico e as profissões agrícolas, artesanais ou na área da saúde como as parteiras e as barbeiras que na maioria das vezes, salvo raras excepções detinham um conhecimento empírico, ou acesso a profissões como boticária, cuja terminologia da profissão deixa de existir no género feminino no século XIX (PERNOUD, 1984).

<sup>117</sup>A mulher que fazia uso de uma sabedoria empírica enquanto curandeira e parteira sempre esteve envolvida num clima misterioso que o povo não compreendia mas que acreditava assim como em tudo o que considerasse sobrenatural. As crenças eram tão intensas que até medidas eram previstas pela lei, que as manteve no direito criminal até ao final do século XVII. No caso de Portugal temos o exemplo das *Ordenações Afonsinas*. No entanto o carácter herético com que eram revestidas não afectava somente as pessoas acusadas de bruxaria mas também as pessoas comuns que estavam limitadas pela lei que se apoiava na religião única e continuou a sê-lo até bem mais tarde como consta do Código Penal. Adolfo Coelho até faz referência a multas.

repositório de temáticas abordadas nos contos, sendo cada vez mais reduzida e limitada a habitar no espaço desses conteúdos. Doravante, crer na figura da bruxa para além do plano dos contos tornou-se visto como supersticioso e ingénuo, costume de gente ignorante. Sem o apoio da Inquisição, que alimentava esta crença e com a passagem que teve pela Idade da Razão do Iluminismo, o homem romântico transformou-se num descrente. (BAROJA, 2001, 216-226)

A figura da “bruxa” passou a conhecer-se através de uma grande e crescente antologia de contos<sup>118</sup>, lendas, romances históricos e também através da arte, com a pintura profana, passando-se a vê-la não só como “bruxa” com poderes sobrenaturais que se aliavam ao enorme conhecimento empírico da natureza e como herege, inimiga da Fé Cristã mas também como mulher, passando a ser ora a mulher bela e fatal, ora a mãe má ou madrasta. Todas estas se concentravam no conceito da mulher-demónio, da perversa que despertou o interesse da cultura popular e dos estudos folclóricos juntamente com os contos que contava e retinha na memória.

“Os folcloristas abordam os contos de fadas sob o ponto de vista da sua disciplina; os linguistas e os críticos literários examinam o seu sentido por outras razões.” (BETTELHEIM, 2006). Utilizar uma interdisciplinaridade no tratamento dos contos, unindo esforços das diversas disciplinas, é conseguir um estudo mais coeso e importante.

A interdisciplinaridade entre a antropologia, a filologia, a literatura comparada, a tradução, a psicologia, a sociologia, a filosofia, a teologia, entre outras aliando-se à História, reforçam as suas capacidades e ajudam na leitura do que está por detrás dos factos que apresentam. O cruzamento desses contos com a realidade histórica permite compreender para além da análise literária e da análise feita pela psicologia. Ultrapassa o cruzamento dado pela economia e pela sociologia que também se servem da História numa relação de interesses mútuos. Os contos são uma boa fonte pois exprimem traços da cultura popular e auxiliam na formação e na educação do Homem, por tudo isto o seu estudo é imperial pois é de certa maneira o estudo de uma parte de nós mesmos no passado.

A mulher é importante por ser um “veículo” e um “condutor” dos contos pois acrescenta o seu protagonismo à *História das Mulheres* de que não se diz propriamente protagonista. Cruzar a ficção com a realidade histórica é compreender a construção dos estereótipos que foram criados pelos agentes da História, homens e mulheres comuns, e não só pelas entidades influenciadoras, a Igreja, o “Estado” e alguns Pensadores que deixaram a sua marca no mundo ilustrado. O “véu” que envolve a figura dicotómica da mulher tem pouco de sobrenatural quando visto de perto mas a crença que se transformou aos olhos dos letrados e do povo numa superstição, mantém a chama da

---

<sup>118</sup>Votados a um patamar inferiorizador, os contos que no século XVII pareciam ter pouca importância, vêem toda a energia do Barroco renascer e ganhar destaque no século XIX com o Romantismo que percebe o seu valor para a transmissão dos costumes e para o enriquecimento da educação.

“magia” acesa, mantendo-se naquilo que ainda não se conhece ou para a qual não se encontra explicação nos planos que o homem actual, ao contrário do homem medieval e mesmo do Homem Romântico, aprendeu a dividir o sobrenatural do natural, isto é, aquilo que é imperceptível e o que é perceptível.

Ao ver o conto dos meninos da perspectiva da História, o facto de abordar uma época de grande fome e miséria faz alusão a essa época na realidade, que se “identificou” como sendo possivelmente o século XIV. Existe o cenário da fome e do abandono, que conduziria consequentemente à morte das crianças, sendo um infanticídio de forma indirecta. O canibalismo que também aborda retrata uma das consequências da escassez de recursos e da falta de ética quando a sobrevivência nos faz retornar aos instintos mais básicos do Homem que esquece a sua humanidade perante o morrer ou viver. Estes contos não visam negligenciar a ética, a moral ou a pedagogia, falam através da fantasia, dos piores medos do Homem, isto é, o de ser abandonado e o de morrer de fome, o que lhes confere um carácter identitário.

O século XIX romântico, que pega nestes contos expõe um pedaço da realidade através da fantasia mas deixa ao mesmo tempo passar às gerações também as suas crenças e superstições. A teoria de que as “bruxas” comiam criancinhas provém dos relatos da fome misturados com os mitos gregos e romanos que chegavam ao povo medieval, que herdara as suas crenças da Antiguidade e serviam depois no século XIX para incutir através do medo e de um certo respeito por essas figuras uma conduta a seguir.

No entanto, nem todos julgaram a figura da bruxa como um ser vil, desumano e monstruoso. A bruxa frequentemente caracterizada pela tradição histórica como feia, velha ou má e depois bela mas madrasta, encontra uma nova descrição em Michelet. A mulher que ora era acusada de bruxa, ora de feiticeira, é para este autor uma figura que é simplesmente uma das encarnações da mulher. Despe-a dos estereótipos que lhe pesaram no corpo e a acusaram de não ter alma (já que a teria dado ao Diabo em troca de poder, dinheiro e conhecimento) e classifica-a como podendo ser mãe, terna e ama fiel. Faz apologia à mulher que é injustiçada pela maioria que a condena. Em *La Sorcière*, não é a criminosa mas sim a vítima<sup>119</sup> (VILLARI, 1995, pp.209-227).

A bruxa do século XIX romântico era portanto mais uma “bruxa” humana do que uma “bruxa” sobrenatural embora continuasse a fazer parte do repertório popular das crenças do povo, que se benzia e se protegia com algumas precauções nem que fosse para prevenir ou por simples tradição, como ainda acontece em algumas partes hoje em dia. A “religiosa” e a “bruxa” do século

---

<sup>119</sup>No entanto, no seu esforço para revalorizar a imagem desta mulher acaba por utilizar a mesma lógica que denuncia e cuja responsabilidade atribui à Igreja: o laço privilegiado entre a mulher e os poderes ocultos. Através da crença na magia e num culto que se dedicava à feitiçaria, todo um sistema de representação se abre sobre o mundo, o das relações entre o humano e o sobrenatural, a dos papéis que cabiam ao homem e à mulher nas sociedades do Antigo Regime e que vê a evolução do seu mito se entranhar no fio do tempo.

XIX são a mulher anjo e a mulher-demónio que encontramos como igualmente inspiradoras da literatura e enquanto arquétipos que mais tarde serviram aliando a herança mitológica à psicologia de Freud e de Jung para ajudar a traçar perfis no campo da psicologia criminal graças ao poder da sua simbologia.

Antes de se ter tratado dos contos foi muito importante fazer uma revisão do que foi tratado na literatura de cada época, embora se tenha recorrido apenas àquela que se julgou essencial para tratar do tema, concedendo um contexto e dando a descobrir elementos importantes para a sua compreensão. Auxiliou igualmente na compreensão do porquê da criação de novas disciplinas que surgiram no século XIX e que se cruzavam numa enorme interdisciplinaridade face ao objecto de estudo que era a cultura.

O interesse pela cultura popular foi o que ligou os dois mundos, o medieval e o romântico que o resgata na esperança de colmatar o vazio identitário que sentia e incorrendo no risco de tornar as versões recolhidas em “imitações” adaptadas da época mas não o deixando de fazer. Se peca pela via da literatura que a entusiasma, compensa com os estudos filológicos e antropológicos e com a História que surgiram nesse século. Esta cultura serviu como pano de fundo para a Idade Média e de alvo de curiosidade para o século XIX romântico que a recolheu e catalogou, ficando a conhecer o seu passado e acumulando mais teorias sobre a Mulher, cuja mente tentavam perceber através dos estudos sobre a alma e das fontes biográficas e autobiográficas encontradas. Os contos eram uma maneira simples de as ficar a conhecer, sem deixar de as idealizar. Dedicou-se aos contos enquanto fontes, primeiro de uma forma subjectiva e intuitiva tão cara à primeira fase do Romantismo, mas depois analisou-a e comparou-a de forma objectiva, própria da segunda metade desse século.

A importância que o homem romântico conferiu às fontes escritas valeu-lhe uma consciência do que era a História. Segundo dois historiadores franceses, Langlois e Seignbos, sem documentos não há História e realmente o facto é que as fontes utilizadas neste estudo não poderiam ser mais fluídas e intemporais pois os contos populares e os contos de fadas nascem da oralidade, foram nivelados pela sua dinâmica e pela exigência das épocas que os transformou, no entanto só foram estudados quando foram recuperados, recolhidos e registados. (LOUÇÃO, 2006, pp.67-73). No entanto, com as fontes apresenta-se desde logo uma primeira dificuldade, o facto de os contos muitas vezes serem anteriores à Época Medieval, remontarem à Antiguidade apesar de transportarem características que os remetem para essa época e igualmente a adaptação desses contos antigos à realidade da época. Os contos aqui tratados revelam traços que demonstram a influência de épocas posteriores à Idade Média mas anteriores ao século XIX, como a introdução de utensílios e peças de vestuário que só apareceram no século XVI enquanto hábito adquirido

como os garfos de mesa (no entanto os garfos já existiam desde o século XIII) e o uso do corpete, o que nos guia até à época são os traços, os elementos mais antigos que nos fazem saber que dada versão não poderia ser anterior àquela época porque dado objecto não existia. Além disso, salienta-se também a questão de como recolheram esses contos para serem contados ao público do século XIX e de como se tomava em consideração a pequena facção do público infantil dentro da já pequena elite.

A História, esta disciplina começa no século XIX porque é quando o historiador olha realmente para o passado e tenta ver através dele para perceber o seu presente ao fazer uma arqueologia do seu ser e das raízes da Europa. Tem uma necessidade intrínseca de tocar nos factos chegando à parte imaterial através do que é material, por que precisa de provas para coexistir naquilo que afirma e para essa tarefa instrumenta-se das várias disciplinas que nasciam na mesma altura.

Este estudo contém, portanto, dois tipos de leitura. A leitura de um texto criado com elementos coligidos e absorvidos e outra leitura de elementos que serviram de reflexão.

Através da análise mais completa do *corpus* documental dos contos recolhidos pelos irmãos Grimm e por Adolfo Coelho (contos em anexo), explora-se o ideal e a antítese da mulher e a comparação da visão dos estereótipos e dos modelos de feminilidade que os filólogos evocaram para as suas respectivas épocas e que devem ser vistos à luz dos seus contextos. Os resultados revelaram semelhanças tanto a nível dos filólogos, da exploração das fontes, da visão da mulher como a nível da comparação das épocas cronológicas, o que é próprio do século XIX que tende para a busca das semelhanças e não tanto das particularidades na sua recolha de elementos do passado.

Em relação às fontes alemãs, optou-se pelos contos *Hansel e Gretel* e *Branca de Neve* onde se utilizou a tradução para o inglês do professor Ashliman, que investigou de forma aprofundada os irmãos Grimm, dando-nos a conhecer as versões de 1812 e 1857 assim como as alterações que os Irmãos fizeram ao longo desses anos. Optou-se inicialmente pela tradução inglesa pois as encontradas em língua portuguesa, pelo menos das obras que foram consultadas e que se encontram na bibliografia eram claras adaptações embora mantivessem os traços fundamentais e não uma tradução integral dos contos recolhidos pelos Grimm. Aliás, o pré-final das estórias assemelha-se mais à versão da *Disney* que influenciou as traduções e adaptações posteriores, do que às versões concedidas pela recolha dos Irmãos. Mas depois acrescentou-se também as traduções para o português de Graça Vilhena pela extrema qualidade e fidelidade em relação às versões dos contos recolhidos pelos Irmãos Grimm, *A Branca de Neve* e *Hansel e Gretel*, tendo sido traduzido a partir da versão de 1857.

Nessa versão adaptada pelos Grimm, a rainha, mãe da Branca de Neve morre e o rei casa-se passado um ano de luto. A nova rainha, a madrasta da menina é muito bela mas altiva, orgulhosa e narcisista. Toda a caracterização da personagem da rainha da primeira versão de 1812 é transferida para a personagem da madrasta, que no fundo só muda de aceção que visava não ferir susceptibilidades, pois uma má mãe tem um impacto muito mais violento do que uma madrasta devido à fixação do estereótipo. O estereótipo da mãe normalmente é maternal e dedicado, pois a criança veio de si enquanto a madrasta está conotada com um afastamento em relação a uma criança que não é sua. Na vida real sabemos que isso não é verdade. Existe boas mães tanto quanto boas madrastas e más mães tal como existe más madrastas.

No entanto, as de Adolfo Coelho já se encontravam mais próximas das versões que hoje conhecemos. Aqui falo da personagem que desperta a princesa e cuja função só recentemente no século XX, foi permitida pela censura e pela moral. A função de despertá-la, que o príncipe deveria cumprir aos olhos de hoje em dia era nas versões editadas entre 1812-1857 não a de despertá-la mas a de honrá-la. A imagem que o século XIX passa é a do beijo depois do casamento e não antes. Os criados que carregaram a Branca de Neve serviram como mediadores e de “ampulheta” entre a hora da expectativa depois da descoberta, o sono que ainda deveria ser velado e a hora do despertar. O ideal seria utilizar a versão alemã mas o facto de não haver aqui o domínio da língua tornasse um impedimento só remediável pela aprendizagem da mesma.

Quanto às fontes portuguesas optou-se pelos contos populares *Meninos Perdidos* e *Sapatinhos de Cetim/Sapatinhos Encantados* recolhidos por Adolfo Coelho. Utiliza-se a versão que o próprio filólogo colheu directamente do registo oral e, ao contrário dos irmãos Grimm, ao retirá-los da oralidade praticamente não os adaptou tendo compilado esses contos de forma transcrita, isto é, tal e qual como foram contados, inclusive mantendo os seus traços toscos mas simples que revelam a vivência através das palavras de um povo que apesar de analfabeto ou pouco instruído mantinha no seu repertório oral uma memória rica e viva que era essencial partilhar e fazer parte da educação. Os *Sapatinhos Encantados* são outra versão do mesmo conto que Adolfo Coelho recolheu. Aqui a imagem da mãe invejosa da beleza da filha mantém-se, no entanto possui diferenças na linguagem menos cuidada, no vocabulário e na forma como é contado.

A “Bruxa” resgatada neste estudo foi assim tratada em duas fases, primeiro de acordo com o contexto histórico e depois com o papel que cumpre nos contos. Posteriormente juntou-se as duas fases e estabeleceu-se um paralelo entre a realidade e a ficção.

Em relação à realidade histórica foi-se buscar à Idade Média, a curandeira, a parteira, a cozinheira e a prostituta mas também a mulher comum, pobre e anónima emancipada, que



trabalhava em diversos ofícios e ocupações no campo e na cidade nem sempre vistos com bons olhos pela sua exposição.

Para a parte do ideal da mulher enquanto “Religiosa”, focou-se as não leigas e as leigas devotas (normalmente pertencentes a estratos mais elevados da sociedade como a alta burguesia e a nobreza mas também à família de camponeses ricos) que pertenciam a ordens religiosas institucionalizadas assim como as que pertenciam a movimentos religiosos dissidentes e por isso remetidas para o modelo antitético. A figura da “Religiosa” não leiga e a leiga devota assim como a “Santa” correspondiam à mulher que estando ou não ingressada num convento ou num recolhimento se comportava conforme o que era esperado dela, sendo casta, recatada e honrada. Esta, ao contrário da “Bruxa” vivia uma vida privada e não pública<sup>120</sup> e as suas vivências tal como o foram na Idade Média se mantiveram praticamente iguais no século XIX, à excepção do estatuto jurídico e social que possuíam e de alguns direitos que tinham no passado medieval e que perderam só voltando a recuperar na transição do século XIX para o século XX.

A “religiosa” que se pretendia abordar não era nem a freira nem a monja, no entanto tornou-se inevitável referi-la pelos espaços que habitava. A leiga comum e devota saía de casa para casar ou estava internada nos conventos ou nos recolhimentos de acordo com a fortuna que possuísse. Era assim na Idade Média embora de uma forma muito menos castradora e assim o foi sobretudo na Idade Moderna, sendo mais tarde cultivada pelos costumes vitorianos que faziam “subir” as exigências do pudor e do estar em sociedade tanto quanto o faziam com os decotes e os colarinhos das damas no século XIX. Além disso, porque nem sempre a mulher não leiga era vista como “religiosa” apesar de sê-lo, fugindo ao ideal por pertencer a movimentos que não obedeciam a nenhuma ordem institucionalizada e por se regerem por regras próprias não formais, além da “Santa” que era um ideal inatingível para a leiga devota comum.

Em suma, a mulher comum que se aproximava do ideal era a que observa a conduta ditada pela sociedade em comparação com a “bruxa” que vivia à margem desta. É importante também não deixar de salientar e reforçar o facto de que o conceito de bruxa não nasceu na Idade Média, sendo um conceito da Idade Moderna. A “bruxa” medieval é a parteira e a curandeira, senhora de conhecimentos empíricos da natureza enquanto a “bruxa” do século XIX, do Romantismo não é senão a mulher perversa, apresentada como bruxa, madrasta, mãe ou mulher vil dos contos populares que foram alimento de uma superstição e da criação de estereótipos, de arquétipos, neste caso de modelos de feminilidade. Por outro lado os contos testemunham as marcas do passado de um povo e fazem parte da memória e do imaginário da sua História e da sua cultura.

---

<sup>120</sup> Embora fosse casta e obediente às regras da sua Ordem, não significa que fosse totalmente submissa ao que lhe era instituído, sobretudo quando tinham um dom peculiar para a escrita. Por mais que observasse o exemplo das santas não deixava de ser mulher e mesmo as santas tiveram as suas obstinações privadas como Clara de Assis.



Entre as teses, as obras gerais e específicas e os trabalhos consultados, salienta-se a tese de doutoramento *Os Contos de Grimm em Portugal: estudo da recepção dos Kinder- und Hausmärchen entre 1837-1910* de Maria Teresa Baeta Cortez Mesquita, A *Obra Etnográfica* e os *Contos Populares Portugueses* de Adolfo Coelho, os dicionários biográficos, a colecção do Homem na História desde o *Homem Medieval*, passando pelo *Barroco* até chegar ao *Romântico*, a obra *O Sagrado Feminino* de M<sup>a</sup> Zina Abreu e uma obra que serve como fonte, a tradução do *Malleus Malificarum* para espanhol, entre outras obras que constam da bibliografia citada e da bibliografia reflectida.

Todas as fontes bibliográficas utilizadas ajudaram à contextualização, fundamentação e criação do texto para a investigação. O tema tratado – o Ideal e a Antítese da Mulher expressos através da “Religiosa” e da “Bruxa” enquanto Reflexo da Representação do Feminino abordado nos Contos, no período cronológico comparativista da Idade Média e do século XIX Romântico não foi um assunto fácil. Não é fácil se tivermos em consideração que o espaço a que a mulher era confinada em ambas as épocas pertence mais ao querer de uma sociedade pensada no masculino do que propriamente ao sê-lo.

Já Duby referia algo parecido na obra *As Damas do Século XII*, quando se remetia para o facto da literatura existente sobre a mulher ser escassa e escrita por homens. A *História das Mulheres* é uma obra que tenta colmatar essas falhas, sendo escrita por homens e mulheres e dirigindo-se especificamente ao assunto da mulher na História mas levando pouco em consideração o protagonismo e o papel activo da mulher anónima devido à extensão da obra e por terem dados insuficientes para prosseguir com essa parte do estudo, que depois foi mais aprofundado em *Uma História das Mulheres*. Embora tenha ganho mais destaque a mulher não deixava de ser remetida para o mundo privado e estereotipado. No entanto era e seria a mulher que continuaria a abrir e a fechar as portas da sociedade.

## Bibliografia

Abreu, Laurinda, in “*A Misericórdia de Évora no contexto da reforma quinhentista da assistência pública portuguesa*”, A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora, II Série, nº 6, 2002-2006, pp. 235-245

Araújo, Lobo, Marta, Maria, in “*Os recolhimentos femininos de Braga na Época Moderna*”, Universidade do Minho, 2007

Ameal, João, *História da Europa, 1800-1914*, Vol. V, Ed. Verbo, Porto, 1961

Alberty, Ricardo (versão pt), *Os Melhores Contos de Grimm*, Grandes Tesouros da Literatura Infantil, editora Verbo, Lisboa, 1976

Abreu, Zina, Maria, *O Sagrado Feminino, da Pré-história à Idade Média*, Edições Colibri, Lisboa, 2007, Cap. I, III, pp. 23-71; 147-219

AAVV, Barradas, Ana (trd.), Rede de Estudos das Mulheres, *As Mulheres na União Europeia, Política, Igualdade e Cristianismo*, edição Ela por Ela, Lisboa, 2006, pp.81-115.

Bettelheim, Bruno, *Psicanálise dos Contos de Fadas*, editora Bertrand, 3ª edição, Lisboa, 1988, Cap. I, pp. 9-30, 34-39, 48-56, 60-80, 81-97, 149-158, 178-179, 183-191; II, 203-212 e 246-272.

Baroja, Caro, Julio, *De los Arquetipos y Leyendas*, Colección Fundamentos 113, Ediciones Istmo, Madrid, 1991, pp.24-29, 90-100

Baroja, Caro, Julio, *The World of Witches*, Phoenix Press, London, 2001, pp. 41-57, 69-98, 108-111, 216-226

Bernos, Marcel; Lécrivain, Philippe; Roncière, Charles de la; Guynon, Jean, *O Fruto Proibido*, Lugar da História, edições 70, Lisboa, 1985, pp. 93-100; 107-109; 137; 234; 319;

Braga, Teófilo, *História do Romantismo em Portugal*, editora Ulmeiro/Universidade, nº6, 1ª edição, Lisboa, 1984

Coelho, Adolfo, *Festas, Costumes e Outros Materiais para uma Etnologia de Portugal* (Obra Etnográfica, Vol. I) [organização e prefácio de João Leal], Portugal de Perto, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1993, pp. 13-31, 103-104, 363-371 (Bruxas e Feiticeiras), 373-376

Coelho, Adolfo, *Obra Etnográfica, Cultura Popular e Educação*, Portugal de Perto, vol. II, Publicações Dom Quixote, 1ª edição, Lisboa, 1993 (pp. 13-21, 56-58, 131-137, 142-160, 179-197, 196-197, 213-225)

Coelho, Adolfo, *Contos Populares Portugueses*, Publicações Dom Quixote, 8ª edição, Lisboa, 2005, pp. 13-39, 41-75)

Cristóvão, Fernando (dir. e Coord), *Dicionário Temático da Lusofonia*, Associação de Cultura Lusófona, Texto Editores, 1ª edição, Lisboa, 2005, págs. 499, 502-504, 636-639

Carpenter, Humphrey e Prichard, Mari, *The Oxford Companion to Children's Literature*, Oxford New York, Oxford University Press, New York, 1984, págs. 202-205; 228-231

Capela, Joaquim, *Santa Clara de Assis*, Edição das Missões Franciscanas, Braga, 1949 (Inclui extractos do livro de Tomás de Celano, *Legensa Sanctae Clarae Virginis* – Edição crítica de Francesco Pennacchi. Assis, 1910), pp. 8; 17-18

Cordeiro, Manuela, Maria (Trd. Adp.), Contos de Andersen, Grimm e Perrault, *Contos Maravilhosos para antes de dormir*, edições Girassol, 2005

Cortez-Mesquita, Baeta, Marques, Teresa, Maria, *Os Contos de Grimm em Portugal, Estudo da Recepção dos Kinder- und Hausmärchen entre 1837-1910*, Aveiro, 1998 (Tese de Doutoramento, Estudos Germânicos, pela Universidade de Aveiro), Cap. I e II, págs.88-156;

Crouzet, Michel, “Aspects Nouveaux de l'analyse du romantisme”, *Annales, Histoire, Sciences Sociales*, Année 1965, volume 20, Número 3, pp. 476-489

Doyle, Brian, *The Who's Who of Children's Literature*, Hugh Evelyn, London, 1968

Douglas, Mary, "Witchcraft and Leprosy: Two Strategies of Exclusion", JSTOR, Man, New Series, Vol. 26, nº4, (Dec., 1991), pp. 723-736

Duby, Georges, *O Tempo das Catedrais, a arte e a sociedade – 980-1420*, editorial Estampa, 2ª edição, Lisboa, 1988, p. 277, 307;

Duby, Georges, *História das Mulheres, A Idade Média*, Vol. 2, publicações Afrontamento, Porto, 1990, pp. 125-139

Duby, Georges, Perrot Michelle, *História das Mulheres, O Século XIX*, Vol. 4, publicações Afrontamento, Porto, 1990, pp. 171-195

Duby, Georges, *As Damas do Século XII*, Vol. II, ed. Teorema, Lisboa, 1995, pp. 5-51; 64-69

Duby, Georges; Perrot, Michelle, *As Mulheres e a História*, publicações Dom Quixote, 1ª edição, Lisboa, 1995

Duby, Georges, *As Damas do Século XII*, Vol. III, ed. Teorema, Lisboa, 1996, pp. 11-15

Duby, Georges, *Sociedades Medievais*, editora Terramar, 1ª edição, Lisboa, 1999

Eliade, Mircea, *O Sagrado e o Profano, A Essência das Religiões*, Coleção Vida e Cultura, edição "Livros do Brasil" Lisboa, Lisboa, 2006

Furet, François (dir.), *O Homem Romântico*, editorial Presença, 1ª edição, Lisboa, 1995, págs. 7-16 e da 87-116.

Gobry, Ivan, *São Francisco de Assis*, Grandes Biografias, Publicações Europa-América, 2003, cap.V, pp. 149-159

Grigulévitch, Iossif, *História da Inquisição*, editorial Caminho, Lisboa, 1990

Goff, Jacques, *La Civilisation de l'Occident Médiéval*, Arthaud, Paris, 1964, p.65, 87;

Goff, Jacques (dir.), *O Homem Medieval*, editorial Presença, 1ª edição, Lisboa, 1989

Greenwood, Susan, *Manual Enciclopédico de Magia e Feitiçaria*, Editorial Estampa, Lisboa, 2002, pp. 55-71

Heers, Jacques, *O Trabalho na Idade Média*, Publicações Europa-América, 2ª edição, 1965, pp.16-32; 68-83; 106;

Holm, Jean e Bowker, John, *A Mulher na Religião*, Estudos Religiosos, Publicações Europa-América, 1999, pp. 18-20; 59-67; 72-84;

Iánez, Eduardo, *História da Literatura, A Idade Média*, vol. 2, Planeta Editora, Lisboa, 1989, pp. 41-42; 102-109; 183;

Iánez, Eduardo, *História da Literatura, O Século XIX Literatura Romântica*, vol. 6, Planeta Editora, Lisboa, 1989, pp. 69-70;

Jesus, Soares, Elisabete in “*Assistência e Honra*”, Actuação Municipal face às “Desamparadas” Do Porto no Antigo Regime, Universidade do Porto,?

Kramer, Heinrich; Sprenger, Jacobus, *Malleus Maleficarum*, (*El martillo de los brujos*), Ediciones Orión, (trd. do original de 1484 por Floreal, Maza), Parte I, pp. 3-4, 7-14, 27-37, 47, 54-74; Parte II, pp. 10-26, 42-78;

Kohlhauer, Michael, “*La part de l'Histoire: Romantisme, relativisme*”, *Romantisme*, Année 2001, vol.31, número 114, pp.5-29

Killy, Walther e Vierhaus, Rudolf (dir.), *Dictionary of German Biography*, vol. 4, München : K. G. Saur, 2001-2003, pp. 177-178

Loução, Alexandre, Paulo, Portugal, *Terra de Mistérios*, editora Ésquilo, 7ª edição, Lisboa, 2006, pp. 67-73.

- Liberato, Marco, in “Trento, a Mulher e Controlo Social: O Recolhimento de S. Manços”, in Abreu, Laurinda (Ed.), *Igreja, Caridade e Assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*, Edições Colibri, CIDEHUS, UE, Évora, 2005, pp.275
- Mattoso, José, *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Temas Portugueses, Imprensa Nacional – Casa da Moeda
- Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, A Monarquia Feudal (1096-1480)*, Vol. 2, editorial Estampa, pp. 165-202; 255-267.
- Moorman, John, *A History of the Franciscan Order*, Oxford at the Clarendon Press, New York, 1998
- Machado, Manuel, Álvaro, *As Origens do Romantismo em Portugal*, Biblioteca Breve, vol.36, Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 2ª edição, Lisboa, 1985
- Machado, Manuel, Álvaro, “*Influências estrangeiras na literatura: da geração de 70 à modernidade*”, Janus 99-00
- Machado, Manuel, Álvaro, “*Influências estrangeiras na literatura: o romantismo*”, Janus 2005
- Meireles, Teresa, Maria, *Elementos e Entes Sobrenaturais nos Contos e Lendas*, Editora Vega, 1ª edição, 1999, pp. 69-84; 129-130; 140-142; 147-148; 157-162;
- Parafita, Alexandre, *O Maravilhoso Popular, Lendas, Contos, Mitos*, Plátano Editora, Lisboa, 2000, pp. 21-26, 75-84.
- Pedroso, Consiglieri, *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa e Outros Escritos Etnográficos*, Portugal de Perto, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1988
- Praça, Lopes, J.J., *A Mulher e a Vida ou A Mulher considerada debaixo dos seus principaes Aspétos*, 2ª edição fac-similada, Edições Colibri, Coimbra, 1872, pp. 7-38, 39-79; 324-338
- Perrot, Michelle, *Uma História das Mulheres*, Edições Asa, Porto, 2007, cap. II, III, IV, pp. 42-50,

87-109, 117-130;

Pernoud, Régine, *A Mulher no Tempo das Catedrais*, Editora Gradiva, Lisboa, 1984, pp. 73-117; 157-197; 263-271;

Propp, Vladimir, *Morfologia do Conto*, Vega, 3ª edição, Lisboa, 1992, pp. 10-32; 33; 38; 48; 65; 137-153;

Rodrigues, Tavares, Urbano, “*Portugal no seu encontro com outras culturas europeias*”, Janus 2005

Rosener, Werner, *Les Paysans dans l’Histoire de l’Europe*, Éditions du SEUIL, Paris, 1994

Saraiva, A.J.; Lopes, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, Porto Editora, 17ª edição, Porto, 2005, cap. 6, pp. 653-669, 675-699 (A.G.), 705-722 (A.H.), 727-746, 751-773, 797-906

Santos, Curado, Clara, Mª (Org. e Introd.), *A Mulher na História*, Actas dos Colóquios sobre a temática da Mulher – 1999-2000, Câmara Municipal da Moita, 2001

Steiner, George, *A Ideia de Europa*, Editora Gradiva, Lisboa, 2005

Schulze, Hagen, *Estado e Nação na História da Europa, Construir a Europa*, 1ª edição, Lisboa, 1997, págs. 164-168;

Seixas, Peter, “*Theorizing historical consciousness*”, Ed. Toronto: University of Toronto Press, 2004, pág. 255

White, Martha, *O Livro dos Remédios Caseiros*, Círculo de Leitores, Rio de Mouro, 2002, pp. 140.

Umberto, Eco (dir.), *História do Feio*, Editora Difel, Algés, 2007, pp. 185; 203-215; 216-227;

Vigarello, Georges, *História da Beleza*, Teorema, Lisboa, 2005, pp. 19; 151-160

Vilhena, Graça (trd. e prefácio), *Contos de Grimm*, 2ª edição, editora Relógio d’Água, pp.7-10; 10-



Voisenet, Jacques, “*Bêtes et hommes dans le monde médiéval. Le bestiaire des clercs du Ve au XII siècle*”, Turnhout, Brepols, 2000 (Chambel, Pedro, *Medievalista* – ano 3, número 3, 2007)

Villari, Rosario (dir.), *O Homem Barroco*, editorial Presença, 1ª edição, Lisboa, 1995, pp.7-12, Cap. VIII e IX, pp.175-206, 209-227

### **Bíblias, Dicionários e Enciclopédias:**

AAVV, *BÍBLIA SAGRADA*, Difusora Bíblica, *Gn* 3, 15-19; 4, 11-14; *Lv* 26, 14-39; *Dt* 11, 28; 27, 15-26; 28; pp. 1641)

AAVV, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Tomo IV, Bet-Cap, pp. 1493; tomo VI, Com-Dem, pág. 2401-2402; 2421; 2439; tomo VII, Dem-Efe, pp. 2688, 2941-2942, tomo VIII, Efe-Est, 3525; tomo IX, Est-Gas, pág. 3735; 4102; 3796, 3797;

AAVV, *A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira de Cultura*, Editorial Enciclopédia, Lisboa, 1960

AAVV, *A Enciclopédia Verbo Luso Brasileira de Cultura*, Editora Verbo, Lisboa, 1997

AAVV, *Grande Enciclopédia Universal*, Correio da Manhã, Tomo 5, Lisboa, 2004

Barradas, Ana, *Dicionário das Mulheres Rebeldes*, edição Ela por Ela, 2006

Cirlot, Eduardo, Juan, *Dicionário de Símbolos*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000, pp. 66, 256

Walker, G., Barbara, *Dicionário de Símbolos e Objectos Sagrados da Mulher*, Planeta Editora, 2002, pp. 282; 290-296; 304-306; 359; 343; 480;

Protas, Allison; Brown, Geoff; Smith, Jamie; Jaffe, Eric, *Dictionary of Symbolism*, 2001 (online)

## Webgrafia

<http://www.pitt.edu/~dash/grimm.html> (Prof. Ashliman, 2006)

<http://www.pitt.edu/~dash/ashliman.html> (Prof. Ashliman, 2006)

[http://www.eventos.uevora.pt/xxvaphes/AphesXXV\\_Comunicacoes/P17.pdf](http://www.eventos.uevora.pt/xxvaphes/AphesXXV_Comunicacoes/P17.pdf). ( Abreu, Laurinda, Jesus, Elisabete)

[http://www.eb23-tadim.rcts.pt/alta\\_idade\\_media.htm](http://www.eb23-tadim.rcts.pt/alta_idade_media.htm) (Antiguidade Tardia e Alta Idade Média na Europa)

<http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=6193> (AAVV, Enciclopédia Universal da Literatura Portuguesa, Texto Editora, Lisboa, ??)

<http://www.unincor.br/pos/cursos/MestreLetras/arquivos/dissertacoes/PATR%C3%8DCIA%20DE%20F%C3%81TIMA%20ABREU%20COSTA.pdf>. (Costa, Patrícia, Os Contos de Fadas: De Narrativas Populares a Instrumento de Intervenção, Dissertação de Mestrado, Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, 2003)

<http://www.ricardocosta.com/univ/astrologia.htm> (Costa, Ricardo, “Olhando para as estrelas, a fronteira imaginária final – Astronomia e Astrologia na Idade Média e a visão medieval do Cosmo”, in Dimensões – Revista de História da UFES14.Dossiê Territórios, espaços e fronteiras, Vitória: Ufes, Centro de Ciências Humanas e Naturais, EDUFES, 2002, pp. 481-501)

[http://1portuguesa.malha.net/index2.php?option=com\\_content&do\\_pdf=1&id=28](http://1portuguesa.malha.net/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=28).

(Eco, Umberto: “A Europa moderna tem raízes na Idade Média”)

[http://www.janusonline.pt/2005/2005\\_3\\_1.html](http://www.janusonline.pt/2005/2005_3_1.html) (Ferrão, João, “A invenção da Europa como continente”, 2005)

<http://www.spotlightongames.com/genealogy/spin.html> (Heli, Richard, (Trd. e Adp. nossa) Alemanha - Quartos de Fiar, 1998)

<http://www.instituto-camões.pt/cvc/figuras/acoelho.html> (Leal, João como aparece na Obra

Etnográfica de Coelho, Adolfo, com pref. de Leal, João)

<http://esprs11b.com.sapo.pt/applesfromthedesert/versoaportuguesa/Macas.Andre.Sergio.Cristian.pdf>

<http://www.gracamoura.org/docs/20057663834.doc>. (Moura, Graça, Vasco, “*Identidade Nacional, fim do Império e destino europeu*”

[www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista](http://www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista)

<http://links.jstor.org/sici?sici=0013-8266%28191010%2925%3A100%3C765%3ALSCV%3E2.0.CO%3B2-K&size=LARGE>

Persée (<http://www.persee.fr>)

[http://www.janusonline.pt/sociedade\\_cultura/sociedade\\_1999\\_2000\\_1\\_28\\_d.html](http://www.janusonline.pt/sociedade_cultura/sociedade_1999_2000_1_28_d.html)

<http://www.the-orb.net/encyclo.html>

<http://www.the-orb.net/sitelinks.html>

<http://www.umich.edu/~umfandsf/symbolism.html/index.html>

<http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/afonsinas/pagini.htm> (Ordenações Afonsinas, fac-similada)

<http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/afonsinas/l3ind.htm> (Ordenações Afonsinas)

<http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/afonsinas/l4ind.htm> (Ordenações Afonsinas)

<http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/afonsinas/l5ind.htm> (Ordenações Afonsinas)

<http://www.independent.co.uk/opinion/columnists/john-walsh/john-walsh-tales-of-the-city-416656.html> (Walsh, John, Tales of the City, “Historically, cannibalism is far more a Western phenomenon than an abomination of jungle savages”, 19<sup>th</sup> September, 2006)

[http://www.tatsachenuieberdeutschland.de/fileadmin/festplatte/sprachen/download/portugiesisch/TA\\_T\\_POR\\_03Geschi.pdf](http://www.tatsachenuieberdeutschland.de/fileadmin/festplatte/sprachen/download/portugiesisch/TA_T_POR_03Geschi.pdf) (pdf de Winkler, August, Heinrich)

## **Anexo das Fontes**

**Contos recolhidos pelos Irmãos Grimm (tradução inglesa de Ashliman)  
A Branca de Neve (1812) (*Little Snow-White*), recolhido e adaptado pelos irmãos Grimm  
Traduzido para o inglês por D.L. Ashliman**

“Once upon a time in mid winter, when the snowflakes were falling like feathers from heaven, a beautiful queen sat sewing at her window, which had a frame of black ebony wood. As she sewed, she looked up at the snow and pricked her finger with her needle. Three drops of blood fell into the snow. The red on the white looked so beautiful, that she thought, "If only I had a child as white as snow, as red as blood, and as black as this frame." Soon afterward she had a little daughter that was as white as snow, as red as blood, and as black as ebony wood, and therefore they called her Little Snow-White.

Now the queen was the most beautiful woman in all the land, and very proud of her beauty. She had a mirror, which she stood in front of every morning, and asked:

Mirror, mirror, on the wall,  
Who in this land is fairest of all?

And the mirror always said:

You, my queen, are fairest of all.

And then she knew for certain that no one in the world was more beautiful than she.

Now Snow-White grew up, and when she was seven years old, she was so beautiful, that she surpassed even the queen herself. Now when the queen asked her mirror:

Mirror, mirror, on the wall,  
Who in this land is fairest of all?

The mirror said:

You, my queen, are fair; it is true.

But Little Snow-White is still

A thousand times fairer than you.

When the queen heard the mirror say this, she became pale with envy, and from that hour on, she hated Snow-White. Whenever she looked at her, she thought that Snow-White was to blame that she was no longer the most beautiful woman in the world. This turned her heart around. Her jealousy gave her no peace. Finally she summoned a huntsman and said to him, "Take Snow-White out into the woods to a remote spot, and stab her to death. As proof that she is dead bring her lungs and her liver back to me. I shall cook them with salt and eat them."

The huntsman took Snow-White into the woods. When he took out his hunting knife to stab her, she began to cry, and begged fervently that he might spare her life, promising to run away into the woods and never return. The huntsman took pity on her because she was so beautiful, and he thought, "The wild animals will soon devour her anyway. I'm glad that I don't have to kill her." Just then a young boar came running by. He killed it, cut out its lungs and liver, and took them back to the queen as proof of Snow-White's death. She cooked them with salt and ate them, supposing that she had eaten Snow-White's lungs and liver.

Snow-White was now all alone in the great forest. She was terribly afraid, and began to run. She ran over sharp stones and through thorns the entire day. Finally, just as the sun was about to set, she came to a little house. The house belonged to seven dwarfs. They were working in a mine, and not at home. Snow-White went inside and found everything to be small, but neat and orderly. There was a little table with seven little plates, seven little spoons, seven little knives and forks, seven little mugs, and against the wall there were seven little beds, all freshly made.

Snow-White was hungry and thirsty, so she ate a few vegetables and a little bread from each little plate, and from each little glass she drank a drop of wine. Because she was so tired, she wanted to lie down and go to sleep. She tried each of the seven little beds, one after the other, but none felt right until she came to the seventh one, and she lay down in it and fell asleep.

When night came, the seven dwarfs returned home from the work. They lit their seven little candles, and saw that someone had been in their house.

The first one said, "Who has been sitting in my chair?"

The second one, "Who has been eating from my plate?"

The third one, "Who has been eating my bread?"

The fourth one, "Who has been eating my vegetables?"

The fifth one, "Who has been sticking with my fork?"

The sixth one, "Who has been cutting with my knife?"

The seventh one, "Who has been drinking from my mug?"

Then the first one said, "Who stepped on my bed?"

The second one, "And someone has been lying in my bed."

And so forth until the seventh one, and when he looked at his bed, he found Snow-White lying there, fast asleep. The seven dwarfs all came running, and they cried out with amazement. They fetched their seven candles and looked at Snow-White. "Good heaven! Good heaven!" they cried.

"She is so beautiful!" They liked her very much. They did not wake her up, but let her lie there in the bed. The seventh dwarf had to sleep with his companions, one hour with each one, and then the night was done.

When Snow-White woke up, they asked her who she was and how she had found her way to their house. She told them how her mother had tried to kill her, how the huntsman had spared her life, how she had run the entire day, finally coming to their house. The dwarfs pitied her and said, "If you will keep house for us, and cook, sew, make beds, wash, and knit, and keep everything clean and orderly, then you can stay here, and you'll have everything that you want. We come home in the evening, and supper must be ready by then, but we spend the days digging for gold in the mine. You will be alone then. Watch out for the queen, and do not let anyone in."

The queen thought that she was again the most beautiful woman in the land, and the next morning she stepped before the mirror and asked:

Mirror, mirror, on the wall,  
Who in this land is fairest of all?

The mirror answered once again:

You, my queen, are fair; it is true.  
But Little Snow-White beyond the seven mountains  
Is a thousand times fairer than you.

It startled the queen to hear this, and she knew that she had been deceived, that the huntsman had not killed Snow-White. Because only the seven dwarfs lived in the seven mountains, she knew at once that they must have rescued her. She began to plan immediately how she might kill her, because she would have no peace until the mirror once again said that she was the most beautiful woman in the land. At last she thought of something to do. She disguised herself as an old peddler woman and colored her face, so that no one would recognize her, and went to the dwarf's house. Knocking on the door she called out, "Open up. Open up. I'm the old peddler woman with good wares for sale."

Snow-White peered out the window, "What do you have?"

"Bodice laces, dear child," said the old woman, and held one up. It was braided from yellow, red, and blue silk. "Would you like this one?"

"Oh, yes," said Snow-White, thinking, "I can let the old woman come in. She means well." She unbolted the door and bargained for the bodice laces.

"You are not laced up properly," said the old woman. "Come here, I'll do it better." Snow-White

stood before her, and she took hold of the laces and pulled them so tight that Snow-White could not breathe, and she fell down as if she were dead. Then the old woman was satisfied, and she went away.

Nightfall soon came, and the seven dwarfs returned home. They were horrified to find their dear Snow-White lying on the ground as if she were dead. They lifted her up and saw that she was laced up too tightly. They cut the bodice laces in two, and then she could breathe, and she came back to life. "It must have been the queen who tried to kill you," they said. "Take care and do not let anyone in again."

The queen asked her mirror:

Mirror, mirror, on the wall,  
Who in this land is fairest of all?

The mirror answered once again:

You, my queen, are fair; it is true.  
But Little Snow-White with the seven dwarfs  
Is a thousand times fairer than you.

She was so horrified that the blood all ran to her heart, because she knew that Snow-White had come back to life. Then for an entire day and a night she planned how she might catch her. She made a poisoned comb, disguised herself differently, and went out again. She knocked on the door, but Snow-White called out, "I am not allowed to let anyone in."

Then she pulled out the comb, and when Snow-White saw how it glistened, and noted that the woman was a complete stranger, she opened the door, and bought the comb from her. "Come, let me comb your hair," said the peddler woman. She had barely stuck the comb into Snow-White's hair, before the girl fell down and was dead. "That will keep you lying there," said the queen. And she went home with a light heart.

The dwarfs came home just in time. They saw what had happened and pulled the poisoned comb from her hair. Snow-White opened her eyes and came back to life. She promised the dwarfs not to let anyone in again.

The queen stepped before her mirror:

Mirror, mirror, on the wall,  
Who in this land is fairest of all?

The mirror answered:

You, my queen, are fair; it is true.



But Little Snow-White with the seven dwarfs

Is a thousand times fairer than you.

When the queen heard this, she shook and trembled with anger, "Snow-White will die, if it costs me my life!" Then she went into her most secret room -- no one else was allowed inside -- and she made a poisoned, poisoned apple. From the outside it was red and beautiful, and anyone who saw it would want it. Then she disguised herself as a peasant woman, went to the dwarfs' house and knocked on the door.

Snow-White peeped out and said, "I'm not allowed to let anyone in. The dwarfs have forbidden it most severely."

"If you don't want to, I can't force you," said the peasant woman. "I am selling these apples, and I will give you one to taste."

"No, I can't accept anything. The dwarfs don't want me to."

"If you are afraid, then I will cut the apple in two and eat half of it. Here, you eat the half with the beautiful red cheek!" Now the apple had been so artfully made that only the red half was poisoned. When Snow-White saw that the peasant woman was eating part of the apple, her desire for it grew stronger, so she finally let the woman hand her the other half through the window. She bit into it, but she barely had the bite in her mouth when she fell to the ground dead.

The queen was happy, went home, and asked her mirror:

Mirror, mirror, on the wall,

Who in this land is fairest of all?

And it answered:

You, my queen, are fairest of all.

"Now I'll have some peace," she said, "because once again I'm the most beautiful woman in the land. Snow-White will remain dead this time."

That evening the dwarfs returned home from the mines. Snow-White was lying on the floor, and she was dead. They loosened her laces and looked in her hair for something poisonous, but nothing helped. They could not bring her back to life. They laid her on a bier, and all seven sat next to her and cried and cried for three days. They were going to bury her, but they saw that she remained fresh. She did not look at all like a dead person, and she still had beautiful red cheeks. They had a glass coffin made for her, and laid her inside, so that she could be seen easily. They wrote her name and her ancestry on it in gold letters, and one of them always stayed at home and kept watch over her.

Snow-White lay there in the coffin a long, long time, and she did not decay. She was still as white as snow and as red as blood, and if she had been able to open her eyes, they still would have been as black as ebony wood. She lay there as if she were asleep.

One day a young prince came to the dwarfs' house and wanted shelter for the night. When he came into their parlor and saw Snow-White lying there in a glass coffin, illuminated so beautifully by seven little candles, he could not get enough of her beauty. He read the golden inscription and saw that she was the daughter of a king. He asked the dwarfs to sell him the coffin with the dead Snow-White, but they would not do this for any amount of gold. Then he asked them to give her to him, for he could not live without being able to see her, and he would keep her, and honor her as his most cherished thing on earth. Then the dwarfs took pity on him and gave him the coffin.

The prince had it carried to his castle, and had it placed in a room where he sat by it the whole day, never taking his eyes from it. Whenever he had to go out and was unable to see Snow-White, he became sad. And he could not eat a bite, unless the coffin was standing next to him. Now the servants who always had to carry the coffin to and fro became angry about this. One time one of them opened the coffin, lifted Snow-White upright, and said, "We are plagued the whole day long, just because of such a dead girl," and he hit her in the back with his hand. Then the terrible piece of apple that she had bitten off came out of her throat, and Snow-White came back to life.

She walked up to the prince, who was beside himself with joy to see his beloved Snow-White alive. They sat down together at the table and ate with joy.

Their wedding was set for the next day, and Snow-White's godless mother was invited as well. That morning she stepped before the mirror and said:

Mirror, mirror, on the wall,

Who in this land is fairest of all?

The mirror answered:

You, my queen, are fair; it is true.

But the young queen

Is a thousand times fairer than you.

She was horrified to hear this, and so overtaken with fear that she could not say anything. Still, her jealousy drove her to go to the wedding and see the young queen. When she arrived she saw that it was Snow-White. Then they put a pair of iron shoes into the fire until they glowed, and she had to put them on and dance in them. Her feet were terribly burned, and she could not stop until she had danced herself to death".

***A Branca de Neve (1857) (Little Snow-White), edição de 1857, versão adaptada em 1819 a partir da versão recolhida de 1812 pelos irmãos Grimm e traduzida para o inglês por D.L. Ashliman***

“Once upon a time in midwinter, when the snowflakes were falling like feathers from heaven, a queen sat sewing at her window, which had a frame of black ebony wood. As she sewed she looked up at the snow and pricked her finger with her needle. Three drops of blood fell into the snow. The red on the white looked so beautiful that she thought to herself, "If only I had a child as white as snow, as red as blood, and as black as the wood in this frame."

Soon afterward she had a little daughter who was as white as snow, as red as blood, and as black as ebony wood, and therefore they called her Little Snow-White. And as soon as the child was born, the queen died.

A year later the king took himself another wife. She was a beautiful woman, but she was proud and arrogant, and she could not stand it if anyone might surpass her in beauty. She had a magic mirror. Every morning she stood before it, looked at herself, and said:

Mirror, mirror, on the wall,  
Who in this land is fairest of all?

To this the mirror answered:

You, my queen, are fairest of all.

Then she was satisfied, for she knew that the mirror spoke the truth.

Snow-White grew up and became ever more beautiful. When she was seven years old she was as beautiful as the light of day, even more beautiful than the queen herself.

One day when the queen asked her mirror:

Mirror, mirror, on the wall,  
Who in this land is fairest of all?

It answered:

You, my queen, are fair; it is true.

But Snow-White is a thousand times fairer than you.

The queen took fright and turned yellow and green with envy. From that hour on whenever she looked at Snow-White her heart turned over inside her body, so great was her hatred for the girl. The envy and pride grew ever greater, like a weed in her heart, until she had no peace day and night.

Then she summoned a huntsman and said to him, "Take Snow-White out into the woods. I never want to see her again. Kill her, and as proof that she is dead bring her lungs and her liver back to me."

The huntsman obeyed and took Snow-White into the woods. He took out his hunting knife and was about to stab it into her innocent heart when she began to cry, saying, "Oh, dear huntsman, let me live. I will run into the wild woods and never come back."

Because she was so beautiful the huntsman took pity on her, and he said, "Run away, you poor child."

He thought, "The wild animals will soon devour you anyway," but still it was as if a stone had fallen from his heart, for he would not have to kill her.

Just then a young boar came running by. He killed it, cut out its lungs and liver, and took them back to the queen as proof of Snow-White's death. The cook had to boil them with salt, and the wicked woman ate them, supposing that she had eaten Snow-White's lungs and liver.

The poor child was now all alone in the great forest, and she was so afraid that she just looked at all the leaves on the trees and did not know what to do. Then she began to run. She ran over sharp stones and through thorns, and wild animals jumped at her, but they did her no harm. She ran as far as her feet could carry her, and just as evening was about to fall she saw a little house and went inside in order to rest.

Inside the house everything was small, but so neat and clean that no one could say otherwise. There was a little table with a white tablecloth and seven little plates, and each plate had a spoon, and there were seven knives and forks and seven mugs as well. Against the wall there were seven little beds, all standing in a row and covered with snow-white sheets.

Because she was so hungry and thirsty Snow-White ate a few vegetables and a little bread from each little plate, and from each mug she drank a drop of wine. Afterward, because she was so tired, she lay down on a bed, but none of them felt right -- one was too long, the other too short -- until finally the seventh one was just right. She remained lying in it, entrusted herself to God, and fell asleep.

After dark the masters of the house returned home. They were the seven dwarfs who picked and dug for ore in the mountains. They lit their seven candles, and as soon as it was light in their house they saw that someone had been there, for not everything was in the same order as they had left it.

The first one said, "Who has been sitting in my chair?"

The second one, "Who has been eating from my plate?"

The third one, "Who has been eating my bread?"

The fourth one, "Who has been eating my vegetables?"

The fifth one, "Who has been sticking with my fork?"

The sixth one, "Who has been cutting with my knife?"

The seventh one, "Who has been drinking from my mug?"

Then the first one saw a that there was a little imprint in his bed, and said, "Who stepped on my bed?"

The others came running up and shouted, "Someone has been lying in mine as well."

But the seventh one, looking at his bed, found Snow-White lying there asleep. The seven dwarfs all came running up, and they cried out with amazement. They fetched their seven candles and shone the light on Snow-White. "Oh good heaven! Oh good heaven!" they cried. "This child is so beautiful!"

They were so happy, that they did not wake her up, but let her continue to sleep there in the bed. The seventh dwarf had to sleep with his companions, one hour with each one, and then the night was done.

The next morning Snow-White woke up, and when she saw the seven dwarfs she was frightened. But they were friendly and asked, "What is your name?"

"My name is Snow-White," she answered.

"How did you find your way to our house?" the dwarfs asked further.

Then she told them that her stepmother had tried to kill her, that the huntsman had spared her life, and that she had run the entire day, finally coming to their house.

The dwarfs said, "If you will keep house for us, and cook, make beds, wash, sew, and knit, and keep everything clean and orderly, then you can stay with us, and you shall have everything that you want."

"Yes," said Snow-White, "with all my heart."

So she kept house for them. Every morning they went into the mountains looking for ore and gold, and in the evening when they came back home their meal had to be ready. During the day the girl was alone.

The good dwarfs warned her, saying, "Be careful about your stepmother. She will soon know that you are here. Do not let anyone in."

Now the queen, believing that she had eaten Snow-White's lungs and liver, could only think that she was again the first and the most beautiful woman of all. She stepped before her mirror and said:

Mirror, mirror, on the wall,  
Who in this land is fairest of all?

It answered:

You, my queen, are fair; it is true.  
But Snow-White, beyond the mountains  
With the seven dwarfs,  
Is still a thousand times fairer than you.

This startled the queen, for she knew that the mirror did not lie, and she realized that the huntsman had deceived her, and that Snow-White was still alive. Then she thought, and thought again, how she could kill Snow-White, for as long as long as she was not the most beautiful woman in the entire land her envy would give her no rest.

At last she thought of something. Coloring her face, she disguised herself as an old peddler woman, so that no one would recognize her. In this disguise she went to the house of the seven dwarfs. Knocking on the door she called out, "Beautiful wares for sale, for sale!"

Snow-White peered out the window and said, "Good day, dear woman, what do you have for sale?"

"Good wares, beautiful wares," she answered. "Bodice laces in all colors." And she took out one that was braided from colorful silk. "Would you like this one?"

"I can let that honest woman in," thought Snow-White, then unbolted the door and bought the pretty bodice lace.

"Child," said the old woman, "how you look! Come, let me lace you up properly."

The unsuspecting Snow-White stood before her and let her do up the new lace, but the old woman pulled so quickly and so hard that Snow-White could not breathe.

"You used to be the most beautiful one," said the old woman, and hurried away.

Not long afterward, in the evening time, the seven dwarfs came home. How terrified they were when they saw their dear Snow-White lying on the ground, not moving at all, as though she were dead. They lifted her up, and, seeing that she was too tightly laced, they cut the lace in two. Then she began to breathe a little, and little by little she came back to life.

When the dwarfs heard what had happened they said, "The old peddler woman was no one else but the godless queen. Take care and let no one in when we are not with you."

When the wicked woman returned home she went to her mirror and asked:

Mirror, mirror, on the wall,  
Who in this land is fairest of all?

The mirror answered once again:

You, my queen, are fair; it is true.  
But Snow-White, beyond the mountains  
With the seven dwarfs,  
Is still a thousand times fairer than you.

When she heard that, all her blood ran to her heart because she knew that Snow-White had come back to life.

"This time," she said, "I shall think of something that will destroy you."

Then with the art of witchcraft, which she understood, she made a poisoned comb. Then she disguised herself, taking the form of a different old woman. Thus she went across the seven mountains to the seven dwarfs, knocked on the door, and called out, "Good wares for sale, for sale!"

Snow-White looked out and said, "Go on your way. I am not allowed to let anyone in."

"You surely may take a look," said the old woman, pulling out the poisoned comb and holding it up. The child liked it so much that she let herself be deceived, and she opened the door.

After they had agreed on the purchase, the old woman said, "Now let me comb your hair properly."

She had barely stuck the comb into Snow-White's hair when the poison took effect, and the girl fell down unconscious.

"You specimen of beauty," said the wicked woman, "now you are finished." And she walked away.

Fortunately it was almost evening, and the seven dwarfs came home. When they saw Snow-White lying on the ground as if she were dead, they immediately suspected her stepmother. They examined her and found the poisoned comb. They had scarcely pulled it out when Snow-White came to herself again and told them what had happened. Once again they warned her to be on guard and not to open the door for anyone.

Back at home the queen stepped before her mirror and said:

Mirror, mirror, on the wall,  
Who in this land is fairest of all?

The mirror answered:

You, my queen, are fair; it is true.

But Snow-White, beyond the mountains

With the seven dwarfs,

Is still a thousand times fairer than you.

When the queen heard the mirror saying this, she shook and trembled with anger, "Snow-White shall die," she shouted, "if it costs me my life!"

Then she went into her most secret room -- no one else was allowed inside -- and she made a poisoned, poisoned apple. From the outside it was beautiful, white with red cheeks, and anyone who saw it would want it. But anyone who might eat a little piece of it would die. Then, coloring her face, she disguised herself as a peasant woman, and thus went across the seven mountains to the seven dwarfs. She knocked on the door.

Snow-White stuck her head out the window and said, "I am not allowed to let anyone in. The dwarfs have forbidden me to do so."

"That is all right with me," answered the peasant woman. "I'll easily get rid of my apples. Here, I'll give you one of them."

"No," said Snow-White, "I cannot accept anything."

"Are you afraid of poison?" asked the old woman. "Look, I'll cut the apple in two. You eat the red half, and I shall eat the white half."

Now the apple had been so artfully made that only the red half was poisoned. Snow-White longed for the beautiful apple, and when she saw that the peasant woman was eating part of it she could no longer resist, and she stuck her hand out and took the poisoned half. She barely had a bite in her mouth when she fell to the ground dead.

The queen looked at her with a gruesome stare, laughed loudly, and said, "White as snow, red as blood, black as ebony wood! This time the dwarfs cannot awaken you."

Back at home she asked her mirror:

Mirror, mirror, on the wall,

Who in this land is fairest of all?

It finally answered:

You, my queen, are fairest of all.

Then her envious heart was at rest, as well as an envious heart can be at rest.

When the dwarfs came home that evening they found Snow-White lying on the ground. She was not



breathing at all. She was dead. They lifted her up and looked for something poisonous. They undid her laces. They combed her hair. They washed her with water and wine. But nothing helped. The dear child was dead, and she remained dead. They laid her on a bier, and all seven sat next to her and mourned for her and cried for three days. They were going to bury her, but she still looked as fresh as a living person, and still had her beautiful red cheeks.

They said, "We cannot bury her in the black earth," and they had a transparent glass coffin made, so she could be seen from all sides. They laid her inside, and with golden letters wrote on it her name, and that she was a princess. Then they put the coffin outside on a mountain, and one of them always stayed with it and watched over her. The animals too came and mourned for Snow-white, first an owl, then a raven, and finally a dove.

Snow-White lay there in the coffin a long, long time, and she did not decay, but looked like she was asleep, for she was still as white as snow and as red as blood, and as black-haired as ebony wood.

Now it came to pass that a prince entered these woods and happened onto the dwarfs' house, where he sought shelter for the night. He saw the coffin on the mountain with beautiful Snow-White in it, and he read what was written on it with golden letters.

Then he said to the dwarfs, "Let me have the coffin. I will give you anything you want for it."

But the dwarfs answered, "We will not sell it for all the gold in the world."

Then he said, "Then give it to me, for I cannot live without being able to see Snow-White. I will honor her and respect her as my most cherished one."

As he thus spoke, the good dwarfs felt pity for him and gave him the coffin. The prince had his servants carry it away on their shoulders. But then it happened that one of them stumbled on some brush, and this dislodged from Snow-White's throat the piece of poisoned apple that she had bitten off. Not long afterward she opened her eyes, lifted the lid from her coffin, sat up, and was alive again.

"Good heavens, where am I?" she cried out.

The prince said joyfully, "You are with me." He told her what had happened, and then said, "I love you more than anything else in the world. Come with me to my father's castle. You shall become my wife." Snow-White loved him, and she went with him. Their wedding was planned with great splendor and majesty.

Snow-White's godless stepmother was also invited to the feast. After putting on her beautiful clothes she stepped before her mirror and said:

Mirror, mirror, on the wall,

Who in this land is fairest of all?

The mirror answered:

You, my queen, are fair; it is true.

But the young queen is a thousand times fairer than you.

The wicked woman uttered a curse, and she became so frightened, so frightened, that she did not know what to do. At first she did not want to go to the wedding, but she found no peace. She had to go and see the young queen. When she arrived she recognized Snow-White, and terrorized, she could only stand there without moving.

Then they put a pair of iron shoes into burning coals. They were brought forth with tongs and placed before her. She was forced to step into the red-hot shoes and dance until she fell down dead”.

***Hansel e Gretel (1857), Versão de 1857 recolhida e adaptada pelos irmãos Grimm, traduzida para o inglês por D.L. Ashliman***

"Next to a great forest there lived a poor woodcutter with his wife and his two children. The boy's name was Hansel and the girl's name was Gretel. He had but little to eat, and once, when a great famine came to the land, he could no longer provide even their daily bread.

One evening as he was lying in bed worrying about his problems, he sighed and said to his wife, "What is to become of us? How can we feed our children when we have nothing for ourselves?"

"Man, do you know what?" answered the woman. "Early tomorrow morning we will take the two children out into the thickest part of the woods, make a fire for them, and give each of them a little piece of bread, then leave them by themselves and go off to our work. They will not find their way back home, and we will be rid of them."

"No, woman," said the man. "I will not do that. How could I bring myself to abandon my own children alone in the woods? Wild animals would soon come and tear them to pieces."

"Oh, you fool," she said, "then all four of us will starve. All you can do is to plane the boards for our coffins." And she gave him no peace until he agreed.

"But I do feel sorry for the poor children," said the man.

The two children had not been able to fall asleep because of their hunger, and they heard what the stepmother had said to the father.

Gretel cried bitter tears and said to Hansel, "It is over with us!"

"Be quiet, Gretel," said Hansel, "and don't worry. I know what to do."

And as soon as the adults had fallen asleep, he got up, pulled on his jacket, opened the lower door, and crept outside. The moon was shining brightly, and the white pebbles in front of the house were glistening like silver coins. Hansel bent over and filled his jacket pockets with them, as many as would fit.

Then he went back into the house and said, "Don't worry, Gretel. Sleep well. God will not forsake us." Then he went back to bed.

At daybreak, even before sunrise, the woman came and woke the two children. "Get up, you lazybones. We are going into the woods to fetch wood." Then she gave each one a little piece of bread, saying, "Here is something for midday. Don't eat it any sooner, for you'll not get any more."

Gretel put the bread under her apron, because Hansel's pockets were full of stones. Then all together

they set forth into the woods. After they had walked a little way, Hansel began stopping again and again and looking back toward the house.

The father said, "Hansel, why are you stopping and looking back? Pay attention now, and don't forget your legs."

"Oh, father," said Hansel, "I am looking at my white cat that is sitting on the roof and wants to say good-bye to me."

The woman said, "You fool, that isn't your cat. That's the morning sun shining on the chimney."

However, Hansel had not been looking at his cat but instead had been dropping the shiny pebbles from his pocket onto the path.

When they arrived in the middle of the woods, the father said, "You children gather some wood, and I will make a fire so you won't freeze."

Hansel and Gretel gathered together some twigs, a pile as high as a small mountain

The twigs were set afire, and when the flames were burning well, the woman said, "Lie down by the fire and rest. We will go into the woods to cut wood. When we are finished, we will come back and get you."

Hansel and Gretel sat by the fire. When midday came each one ate his little piece of bread. Because they could hear the blows of an ax, they thought that the father was nearby. However, it was not an ax. It was a branch that he had tied to a dead tree and that the wind was beating back and forth. After they had sat there a long time, their eyes grew weary and closed, and they fell sound sleep.

When they finally awoke, it was dark at night. Gretel began to cry and said, "How will we get out of woods?"

Hansel comforted her, "Wait a little until the moon comes up, and then we'll find the way."

After the full moon had come up, Hansel took his little sister by the hand. They followed the pebbles that glistened there like newly minted coins, showing them the way. They walked throughout the entire night, and as morning was breaking, they arrived at the father's house.

They knocked on the door, and when the woman opened it and saw that it was Hansel and Gretel, she said, "You wicked children, why did you sleep so long in the woods? We thought that you did not want to come back."

But the father was overjoyed when he saw his children once more, for he had not wanted to leave them alone.

Not long afterward there was once again great need everywhere, and one evening the children heard

the mother say to the father, "We have again eaten up everything. We have only a half loaf of bread, and then the song will be over. We must get rid of the children. We will take them deeper into the woods, so they will not find their way out. Otherwise there will be no help for us."

The man was very disheartened, and he thought, "It would be better to share the last bit with the children."

But the woman would not listen to him, scolded him, and criticized him. He who says A must also say B, and because he had given in the first time, he had to do so the second time as well.

The children were still awake and had overheard the conversation. When the adults were asleep, Hansel got up again and wanted to gather pebbles as he had done before, but the woman had locked the door, and Hansel could not get out. But he comforted his little sister and said, "Don't cry, Gretel. Sleep well. God will help us."

Early the next morning the woman came and got the children from their beds. They received their little pieces of bread, even less than the last time. On the way to the woods, Hansel crumbled his piece in his pocket, then often stood still, and threw crumbs onto the ground.

"Hansel, why are you always stopping and looking around?" said his father. "Keep walking straight ahead."

"I can see my pigeon sitting on the roof. It wants to say good-bye to me."

"Fool," said the woman, "that isn't your pigeon. That's the morning sun shining on the chimney."

But little by little Hansel dropped all the crumbs onto the path. The woman took them deeper into the woods than they had ever been in their whole lifetime.

Once again a large fire was made, and the mother said, "Sit here, children. If you get tired you can sleep a little. We are going into the woods to cut wood. We will come and get you in the evening when we are finished."

When it was midday Gretel shared her bread with Hansel, who had scattered his piece along the path. Then they fell asleep, and evening passed, but no one came to get the poor children.

It was dark at night when they awoke, and Hansel comforted Gretel and said, "Wait, when the moon comes up I will be able to see the crumbs of bread that I scattered, and they will show us the way back home."

When the moon appeared they got up, but they could not find any crumbs, for the many thousands of birds that fly about in the woods and in the fields had pecked them up.

Hansel said to Gretel, "We will find our way," but they did not find it.

They walked through the entire night and the next day from morning until evening, but they did not find their way out of the woods. They were terribly hungry, for they had eaten only a few small berries that were growing on the ground. And because they were so tired that their legs would no longer carry them, they lay down under a tree and fell asleep. It was already the third morning since they had left the father's house. They started walking again, but managed only to go deeper and deeper into the woods. If help did not come soon, they would perish. At midday they saw a little snow-white bird sitting on a branch. It sang so beautifully that they stopped to listen. When it was finished it stretched its wings and flew in front of them. They followed it until they came to a little house. The bird sat on the roof, and when they came closer, they saw that the little house was built entirely from bread with a roof made of cake, and the windows were made of clear sugar.

"Let's help ourselves to a good meal," said Hansel. "I'll eat a piece of the roof, and Gretel, you eat from the window. That will be sweet."

Hansel reached up and broke off a little of the roof to see how it tasted, while Gretel stood next to the windowpanes and was nibbling at them. Then a gentle voice called out from inside:

Nibble, nibble, little mouse,  
Who is nibbling at my house?

The children answered:

The wind, the wind,  
The heavenly child.

They continued to eat, without being distracted. Hansel, who very much like the taste of the roof, tore down another large piece, and Gretel poked out an entire round windowpane. Suddenly the door opened, and a woman, as old as the hills and leaning on a crutch, came creeping out. Hansel and Gretel were so frightened that they dropped what they were holding in their hands.

But the old woman shook her head and said, "Oh, you dear children, who brought you here? Just come in and stay with me. No harm will come to you."

She took them by the hand and led them into her house. Then she served them a good meal: milk and pancakes with sugar, apples, and nuts. Afterward she made two nice beds for them, decked in white. Hansel and Gretel went to bed, thinking they were in heaven. But the old woman had only pretended to be friendly. She was a wicked witch who was lying in wait there for children. She had built her house of bread only in order to lure them to her, and if she captured one, she would kill him, cook him, and eat him; and for her that was a day to celebrate.

Witches have red eyes and cannot see very far, but they have a sense of smell like animals, and

know when humans are approaching.

When Hansel and Gretel came near to her, she laughed wickedly and spoke scornfully, "Now I have them. They will not get away from me again."

Early the next morning, before they awoke, she got up, went to their beds, and looked at the two of them lying there so peacefully, with their full red cheeks. "They will be a good mouthful," she mumbled to herself. Then she grabbed Hansel with her withered hand and carried him to a little stall, where she locked him behind a cage door. Cry as he might, there was no help for him.

Then she shook Gretel and cried, "Get up, lazybones! Fetch water and cook something good for your brother. He is locked outside in the stall and is to be fattened up. When he is fat I am going to eat him."

Gretel began to cry, but it was all for nothing. She had to do what the witch demanded. Now Hansel was given the best things to eat every day, but Gretel received nothing but crayfish shells.

Every morning the old woman crept out to the stall and shouted, "Hansel, stick out your finger, so I can feel if you are fat yet."

But Hansel stuck out a little bone, and the old woman, who had bad eyes and could not see the bone, thought it was Hansel's finger, and she wondered why he didn't get fat.

When four weeks had passed and Hansel was still thin, impatience overcame her, and she would wait no longer. "Hey, Gretel!" she shouted to the girl, "Hurry up and fetch some water. Whether Hansel is fat or thin, tomorrow I am going to slaughter him and boil him."

Oh, how the poor little sister sobbed as she was forced to carry the water, and how the tears streamed down her cheeks! "Dear God, please help us," she cried. "If only the wild animals had devoured us in the woods, then we would have died together."

"Save your slobbering," said the old woman. "It doesn't help you at all."

The next morning Gretel had to get up early, hang up the kettle with water, and make a fire.

"First we are going to bake," said the old woman. "I have already made a fire in the oven and kneaded the dough."

She pushed poor Gretel outside to the oven, from which fiery flames were leaping. "Climb in," said the witch, "and see if it is hot enough to put the bread in yet." And when Gretel was inside, she intended to close the oven, and bake her, and eat her as well.

But Gretel saw what she had in mind, so she said, "I don't know how to do that. How can I get inside?"

"Stupid goose," said the old woman. The opening is big enough. See, I myself could get in." And she crawled up stuck her head into the oven.

Then Gretel gave her a shove, causing her to fall in. Then she closed the iron door and secured it with a bar. The old woman began to howl frightfully. But Gretel ran away, and the godless witch burned up miserably. Gretel ran straight to Hansel, unlocked his stall, and cried, "Hansel, we are saved. The old witch is dead."

Then Hansel jumped out, like a bird from its cage when someone opens its door. How happy they were! They threw their arms around each other's necks, jumped with joy, and kissed one another. Because they now had nothing to fear, they went into the witch's house. In every corner were chests of pearls and precious stones.

"These are better than pebbles," said Hansel, filling his pockets.

Gretel said, "I will take some home with me as well," and she filled her apron full.

"But now we must leave," said Hansel, "and get out of these witch-woods."

After walking a few hours they arrived at a large body of water. "We cannot get across," said Hansel. "I cannot see a walkway or a bridge."

"There are no boats here," answered Gretel, "but there is a white duck swimming. If I ask it, it will help us across."

Then she called out:

Duckling, duckling,  
Here stand Gretel and Hansel.  
Neither a walkway nor a bridge,  
Take us onto your white back.

The duckling came up to them, and Hansel climbed onto it, then asked his little sister to sit down next to him.

"No," answered Gretel. "That would be too heavy for the duckling. It should take us across one at a time."

That is what the good animal did, and when they were safely on the other side, and had walked on a little while, the woods grew more and more familiar to them, and finally they saw the father's house in the distance. They began to run, rushed inside, and threw their arms around the father's neck.

The man had not had even one happy hour since he had left the children in the woods. However, the woman had died. Gretel shook out her apron, scattering pearls and precious stones around the room,



and Hansel added to them by throwing one handful after the other from his pockets.

Now all their cares were at an end, and they lived happily together.

My tale is done,

A mouse has run.

And whoever catches it can make for himself from it a large, large fur cap”.

## Contos recolhidos pelos Irmãos Grimm (tradução portuguesa de Graça Vilhena)

### *A Branca de Neve (1857)*

Um dia, em pleno Inverno, em que os flocos de neve caíam do céu como plumas, uma rainha estava sentada junto a uma janela de caixilhos de ébano preto e cosia. E enquanto cosia e olhava a neve caindo, picou-se no dedo com a agulha e três gotas de sangue tombaram na neve. E era tão bonito de ver o vermelho sobre a neve branca que ela disse: «Oh, se eu pudesse ter uma filha tão branca como a neve, tão vermelha como o sangue e tão negra como a madeira deste caixilho!» Pouco depois, teve uma menina que era tão branca como a neve, tão vermelha como o sangue e com os cabelos tão pretos como o ébano e a quem, por tudo isto, chamaram Branca de Neve. E quando a criança nasceu, a rainha morreu.

Um ano depois, o rei casou-se de novo. A sua nova esposa era uma bela mulher, mas orgulhosa e altiva, que não suportava que alguém fosse mais belo que ela. Tinha um espelho mágico e quando se olhava nele perguntava:

Espelho meu, espelho verdadeiro,  
Quem é a mais bela do mundo inteiro?

E o espelho respondia:

Minha rainha, vos sois a mais bela do mundo inteiro.

E ela ficava tranquila porque sabia que o espelho dizia sempre a verdade.

Entretanto, a Branca de Neve crescia, cada vez mais bela; quando tinha sete anos, era tão bela como a luz do dia e mais bela que a própria rainha. E um dia em que a rainha perguntou ao espelho:

Espelho meu, espelho verdadeiro,  
Quem é a mais bela do mundo inteiro?

Ele respondeu:

Minha rainha, sois mais bela que a rosa,  
Mas Branca de Neve é mil vezes mais formosa.

Então a rainha assustou-se e ficou amarela e verde de inveja. Desde então, sempre que via Branca de Neve, o coração contorcía-se-lhe no peito, tanto era o ódio que lhe tinha. E a inveja e o orgulho não lhe paravam de crescer como uma erva ruim, de tal maneira que nunca mais teve descanso, nem de noite, nem de dia. Por isso mandou chamar um caçador e disse-lhe: «Leva esta criança para a floresta, que não quero mais vê-la. Vais matá-la e tens de me trazer o fígado e os pulmões como prova.»

O caçador obedeceu e levou-a, mas quando desembainhou o punhal e quis cravá-lo no coração da inocente Branca de Neve, ela começou a chorar e disse: «Bom caçador, poupa-me a vida; eu fujo para a floresta e nunca mais voltarei.» E ela era tão bonita que o caçador teve pena e disse: «Corre então, pobre criança, — os animais selvagens não tardarão a devorá-te» — pensou, mas a ideia de não a ter morto tirou-lhe um grande peso de cima. E como um javalizito passou

por ele saltitando degolou-o, tirou-lhe os pulmões e o fígado e levou-os como prova à rainha. A cozinheira teve que os cozinhar com sal e a malvada mulher comeu-os, convencida que eram os pulmões e o fígado da Branca de Neve.

A pobre criança ficou sozinha no grande bosque e tinha tanto medo que olhava para todas as folhas das árvores e nem sabia que santo chamar em seu socorro. Começou a correr entre as pedras e as silvas e os animais selvagens passavam por ela aos saltos, mas não lhe faziam mal. Correu tanto quanto as pernas lho permitiram, até ao cair da noite; foi então que viu uma casa muito pequena onde entrou para descansar. Na casa, tudo era pequenino, mas tão limpo e delicado que é difícil imaginar. Havia uma mesinha coberta com uma toalha branca com sete pequenos pratos, cada um deles com a sua pequena colher, mais sete facas e garfos pequenos e sete copinhos. Havia sete camas muito pequeninas, ao lado umas das outras, encostadas à parede, cobertas com lençóis brancos como a neve. Branca de Neve, que tinha muita fome e muita sede, comeu um pouco de legumes e pão de cada prato e bebeu um pequeno gole de vinho de todos os copos, porque não queria deixar nenhum vazio. Depois, estava tão cansada que quis deitar-se numa das caminhas, mas não cabia em nenhuma: uma era grande de mais, outra demasiado curta, até que a sétima era finalmente à sua medida; deitou-se, encomendou-se a Deus e adormeceu.

Quando já era muito de noite, os donos da casa regressaram; eram os sete anões que trabalhavam nas montanhas, cavando e escavando para extrair o minério. Acenderam as suas sete velinhas e, assim que a casa ficou iluminada, perceberam que alguém tinha entrado, pois as coisas não estavam como as tinham dei-

xado. O primeiro disse: «Quem se sentou na minha cadeirinha?» O segundo: «Quem comeu no meu prato?» O terceiro: «Quem comeu o meu pãozinho?» O quarto: «Quem comeu os meus legumes?» O quinto: «Quem se serviu do meu garfinho?» O sexto: «Quem cortou com a minha facininha?» O sétimo: «Quem bebeu do meu copinho?» Em seguida, o primeiro olhou à sua volta, viu uma cova na cama e disse: «Quem se deitou na minha cama?» Os outros aproximaram-se e exclamaram: «Alguém se deitou também na minha.» Mas ao olhar para a sua cama, o sétimo viu Branca de Neve lá deitada a dormir. Então, chamou os outros que se precipitaram soltando gritos de surpresa e foram buscar as suas sete velas e iluminaram Branca de Neve. «Oh, meu Deus — disseram — como esta menina é bela!» E ficaram tão contentes que não a acordaram, deixando-a dormir. O sétimo anão deitou-se com os companheiros, uma hora com cada um, e assim se passou a noite. Quando veio a manhã, a Branca de Neve acordou e assustou-se ao ver os sete anões. Mas eles foram muito simpáticos e perguntaram-lhe: «Como te chamas?» «Chamo-me Branca de Neve», respondeu-lhes. «Como é que vieste para a nossa casa?» Então ela contou-lhes que a sua madrasta a tinha mandado matar, mas que o caçador lhe tinha poupado a vida e que tinha corrido o dia inteiro até que, por fim, tinha encontrado a casinha deles. Os anões disseram-lhe: «Se quiseres fazer o trabalho da casa, cozinhar, fazer as camas, lavar a roupa, coser e tricotar, podes ficar connosco e nada te faltará.» «Quero — respondeu Branca de Neve — aceito com todo o meu coração.»

E ficou com eles. Mantinha a casa em ordem. De manhã, eles partiam para a montanha onde procuravam minério e ouro; à noite, voltavam e então a refeição

ção já estava preparada. Como a rapariguinha estava só todo o dia, os bondosos anões aconselharam-lhe prudência e disseram-lhe: «Toma cuidado com a tua madrasta, pois ela acabará por saber que estás aqui. E principalmente nunca deixes entrar ninguém.»

Entretanto a rainha, convencida que tinha comido o fígado e os pulmões da Branca de Neve, tinha a certeza que era de novo a mais bela de todas e pondo-se diante do espelho disse:

Espelho meu, espelho verdadeiro,  
Quem é a mais bela do mundo inteiro?

O espelho respondeu:

Minha rainha, sois mais bela que a rosa,  
Mas Branca de Neve para além das montanhas  
Na casa dos sete anões  
É ainda mil vezes mais formosa.

Então a rainha ficou apavorada porque sabia que o espelho nunca mentia; percebeu que o caçador a tinha enganado e que Branca de Neve continuava viva. E deu voltas à cabeça para encontrar uma maneira de a matar, porque enquanto não fosse a mais bela a inveja não lhe daria descanso. Quando, por fim, encontrou um modo, pintou a cara, vestiu-se de velha vendedeira e ficou completamente irreconhecível. Foi assim até à casa dos sete anões, para além das sete montanhas, bateu à porta e gritou: «Lindas coisas para vender! Quem quer comprar?» Branca de Neve olhou pela janela e disse: «Bom dia, minha senhora, que tem para vender?» «Coisas boas e bonitas — respondeu ela — cordões de todas as cores» e tirou um que era feito de tranças de muitas cores. «Posso bem deixar entrar esta

mulher tão simpática», pensou Branca de Neve. E tirou o ferrolho e comprou o lindo cordão. «O menina — disse a velha — como és tão desajeitada! Anda cá que eu arranjo-te como deve ser.» Branca de Neve, sem desconfiar de nada, pôs-se à frente dela e deixou-a apertar-lhe o cordão. Mas a velha apertou-a tanto e tão depressa que Branca de Neve perdeu os sentidos e caiu como morta. «Agora — disse a velha — deixaste de ser a mais bela» e fugiu a correr.

Pouco depois, à hora do jantar, os sete anões voltaram para casa e qual não foi o seu susto ao verem a sua querida Branca de Neve caída no chão, como morta. Levantaram-na e, ao descobrir que a tinham apertado demasiado, cortaram o cordão. Ela começou a respirar e aos poucos foi-se reanimando. Quando os anões souberam o que se tinha passado, disseram: «A velha vendedeira era essa malvada rainha. Toma cautela e não deixes entrar ninguém quando não estivermos ao pé de ti.»

Entretanto, assim que entrou no seu palácio, a megera pôs-se em frente do espelho e perguntou:

Espelho meu, espelho verdadeiro,  
Quem é a mais bela do mundo inteiro?

Então o espelho respondeu como da outra vez:

Minha rainha, sois mais bela do que a rosa.  
Mas Branca de Neve é mil vezes mais formosa.

Ao ouvir estas palavras, assustou-se tanto que ficou sem pinga de sangue, pois bem via que mais uma vez Branca de Neve tinha sobrevivido. «Mas agora vou descobrir a maneira de te destruir de vez.» E com a ajuda de truques mágicos que conhecia fez um pente

envenenado. Depois, disfarçou-se de novo de mulher idosa, foi até à casa dos sete anões, para além das sete montanhas, bateu à porta e gritou: «Lindas coisas para vender! Quem quer comprar?» Branca de Neve olhou para fora e disse: «Continue o seu caminho, não posso deixar entrar ninguém.»

«Mas ao menos podes olhar», disse a velha e mostrou-lhe o pente envenenado. O pente agradou tanto à menina que ela se deixou tentar e abriu a porta. Assim que chegaram a acordo sobre o preço, a velha disse-lhe: «Agora vou pentear-te como deve ser.» A pobre Branca de Neve, que não desconfiava de nada, deixou que a velha a pentecasse; mas, mal ela lhe pôs o pente nos cabelos, o veneno fez o seu efeito e a jovem caiu no chão sem sentidos. «Oh, prodígio de beldade, disse a malvada mulher, desta vez foi o teu fim» e partiu. Felizmente, estava quase na hora dos sete anões voltarem para casa. Quando viram a Branca de Neve caída por terra como morta, desconfiaram da madrasta, procuraram e encontraram o pente envenenado e, mal o tiraram, a Branca de Neve voltou a si e contou-lhes o que tinha acontecido. Mais uma vez a aconselharam a ter cautela e a não abrir a porta a ninguém. Uma vez chegada ao palácio, a rainha pôs-se em frente do espelho e disse:

Espelho meu, espelho verdadeiro,  
Quem é a mais bela do mundo inteiro?

Ele respondeu como antes:

Minha rainha, sois mais bela que a rosa,  
Mas Branca de Neve para além das montanhas  
Na casa dos sete anões  
É ainda mil vezes mais formosa.

Ao ouvir o espelho falar assim, estremeceu de cólera: «Branca de Neve tem que morrer, nem que isso me custe a vida.» Subiu e entrou num quarto secreto e solitário onde nunca entrava ninguém e preparou uma maçã envenenada. Por fora, parecia uma bela e avermelhada maçã daquelas que fazem crescer água na boca, mas quem a trincasse estava condenado à morte. Quando a maçã ficou pronta, pintou a cara e disfarçou-se de camponesa e foi à casa dos sete anões, para além das sete montanhas. Bateu à porta. Branca de Neve pôs-se à janela e disse: «Não devo deixar ninguém entrar, porque os sete anões proibiram-mo.» — «Paciência, disse a camponesa, não me será difícil vender as maçãs. Vou dar-te uma.» — «Não, disse Branca de Neve, não devo aceitar nada.» «Não me digas que tens medo que esteja envenenada?», disse a velha, «Então olha, vou cortar a maçã em duas, tu comes a metade vermelha e eu a branca.» Mas a maçã tinha sido tão habilmente preparada que só estava envenenado o lado vermelho. A Branca de Neve apetecia-lhe tanto a bela maçã que quando viu a camponesa comê-la não conseguiu resistir mais tempo, estendeu a mão e aceitou a metade envenenada. Mas assim que a trincou caiu morta. Então a rainha, com um terrível olhar, riu a bandeiras despregadas e disse: «Branca como a neve, vermelha como o sangue, negra como o ébano! Desta vez os anões não poderão acordar-te.» E quando chegou ao palácio, perguntou ao espelho:

Espelho meu, espelho verdadeiro,  
Quem é a mais bela do mundo inteiro?

E ele finalmente respondeu:

Minha rainha, vós sois a mais bela do mundo inteiro.

E o seu coração invejoso descansou, se é que algum cotação invejoso pode alguma vez descansar.

Quando à noite voltaram para casa, os anões encontraram a Branca de Neve caída no chão e nem um leve sopro saía da sua boca. Estava morta! Levantaram-na, procuraram alguma coisa envenenada, desapertaram-na, pentearam-lhe os cabelos, lavaram-na com água e vinho, mas foi tudo inútil: a querida menina estava morta. Deitaram-na numa padiola, sentaram-se os sete junto dela e choraram-na durante três dias. Depois, quiseram enterrá-la, mas ela parecia viva, continuando com o belo rosto rosado. E disseram: «Não podemos pô-la assim dentro da negra terra.» E fizeram um caixão de vidro transparente para que se pudesse vê-la de todos os lados. Depois deitaram-na e escreveram por cima o seu nome em letras de ouro e também que ela era filha de rei. Levaram o caixão para a montanha e um deles ficava sempre junto dele para o guardar. E também os animais vieram chorar a Branca de Neve: primeiro uma coruja, depois um corvo e por fim uma pequena pomba.

E Branca de Neve continuou durante muito tempo, muito tempo, no caixão e não se decompunha, parecia dormir, pois continuava sempre branca como a neve, vermelha como o sangue e com os cabelos negros como o ébano. Ora aconteceu que o filho de um rei passou pela floresta e foi a casa dos anões para lá passar a noite. Na montanha viu o caixão com a linda Branca de Neve lá deitada e leu o que estava escrito em letras de ouro. Então, disse aos anões: «Deixem-me esse caixão e em troca eu dar-vos-ei tudo o que pedirem.» Mas os anões responderam: «Não o deixaremos nem por todo o ouro do mundo.» E o príncipe respondeu: «Se é assim, dêem-mo de presente, porque já não sei viver sem ver Branca de Neve e venerá-la-ei»

como o meu bem mais querido.» Quando o ouviram falar assim, os bons dos anões tiveram pena dele e deram-lhe o caixão. O príncipe mandou que os seus criados o levassem sobre os ombros. Ora acontece que eles tropeçaram num arbusto e, devido à sacudidela, o bocado da maçã envenenada que Branca de Neve tinha mordido saltou-lhe da garganta. E pouco tempo depois ela abriu os olhos, ergueu a tampa do caixão e levantou-se, ressuscitada! «Ah, meu Deus, onde estou?» — exclamou. Cheio de alegria, o príncipe disse-lhe: «Estás junto a mim»; contou-lhe o que se tinha passado e disse-lhe: «Amo-te mais que a tudo no mundo; vem comigo para o castelo do meu pai e serás a minha mulher.» Branca de Neve apaixonou-se por ele, seguiu-o e as bodas foram preparadas com muita pompa.

Convidaram também para a festa a malvada madrasta da Branca de Neve que, quando acabou de pôr o seu lindo vestido, foi junto ao espelho e disse:

Espelho meu, espelho verdadeiro,  
Quem é a mais bela do mundo inteiro?  
O espelho respondeu:

Minha rainha, sois mais bela que a rosa,  
Mas a jovem rainha é mil vezes mais formosa.

A malvada soltou uma praga e ficou aterrada, tão aterrada que não sabia o que fazer. Primeiro, não queria ir às bodas, mas a curiosidade não lhe deu tréguas e teve que partir para ir ver a jovem rainha. Quando entrou e reconheceu Branca de Neve, sentiu uma tal angústia e pavor que ficou pregada ao chão sem se poder mexer. Mas já aqueciam ao rubro sapatos de ferro que trouxeram com tenazes e puseram diante dela. Então, teve que calçar os sapatos em brasa e dançar até morrer.

## *Hansel e Gretel (1857)*

Na orla de um grande bosque, vivia um pobre lenhador com a mulher e dois filhos; um rapazinho chamado Hansel e uma rapariga, Gretel. Tinham muito pouco para comer e como todo o país passava por uma grande miséria, muitas vezes nem pão o lenhador conseguia arranjar. Uma noite em que as preocupações o faziam andar às voltas na cama, suspirou e disse à mulher: «Que vai ser de nós? Como é que vamos alimentar os filhos, se nem para nós temos nada? — Homem, tenho uma ideia, respondeu-lhe a mulher. Amanhã, de madrugada, levamos as crianças para a parte mais funda do bosque. Acendemos uma fogueira, damos ainda mais um bocadinho de pão a cada um e depois vamos para o trabalho e deixamo-los sozinhos. Não vão conseguir encontrar o caminho de casa e nós ficamos livres deles. — Não, mulher, isso é que não faço, como é que eu vou arranjar coragem para abandonar os meus filhos na floresta, onde seriam certamente despedaçados pelos animais selvagens? — És bem tolo, respondeu-lhe ela, assim morremos de fome os quatro e só terás que aplanar as tábuas dos nossos caixões», e não o deixou em paz enquanto ele não cedeu. «Mas olha que me metem muito dó, estes meninos», disse o homem.



As duas crianças tinham tanta fome que também não conseguiram adormecer e ouviram tudo o que a madrasta disse ao pai. Gretel chorou lágrimas amargas e disse a Hansel: «Estamos perdidos. — chiu, Gretel, disse Hansel, não te aflijas, que eu vou descobrir uma maneira de nos salvarmos.» E quando os velhos adormeceram, levantou-se, vestiu o casaquito, abriu a porta e escapou-se lá para fora. Estava um lindo luar e as pedras brancas espalhadas em frente da casa brilhavam como moedas novinhas em folha. Hansel abaixou-se e meteu nos bolsos tantas quantas as que lá podiam caber. Depois, voltou para casa e disse a Gretel: «Tem confiança, querida irmazinha, e adormece sossegada, Deus não vai abandonar-nos.» E deitou-se outra vez.

De madrugada, ainda antes do Sol se ter levantado, já a mulher estava a acordar as duas crianças: «Em pé, preguiçosos, vamos à floresta apanhar lenha. Deu depois um bocadinho de pão a cada um e disse-lhes: É para o vosso almoço, mas não o comam antes, senão ficam sem mais nada.» Gretel meteu o pão no avental, uma vez que Hansel tinha os bolsos cheios de pedras. E puseram-se todos a caminho do bosque. Tinham já andado um bocadinho quando Hansel se virou para trás olhando para casa e foi repetindo esta artimanha várias vezes. Disse-lhe o pai: «Oh Hansel, o que é que estás para aí a espreitar e a ficar para trás? Toma atenção e vê lá se não te esqueces das pernas. — Oh pai! disse-lhe Hansel, estou a olhar para o meu gatinho branco, está empoleirado no telhado e quer dizer-me adeus.» A mulher disse: «Tonto, não vês que não é o teu gatinho, mas o sol da manhazinha que brilha na chaminé?» Mas quando Hansel se virava para trás não era para olhar o gato, mas sim para ir lançando no caminho as pedrinhas brancas que tinha no bolso.

Quando chegaram à parte mais cerrada da floresta,

o pai disse: «Agora, meus filhos, apanhem lenha que eu vou fazer uma fogueira para vocês não terem frio.» Eles apanharam muitos paus e fizeram uma pilha tão alta que parecia uma pequena montanha. Deitaram lume ao feixe e quando a labareda ardia alta, disse a mulher: «Agora deitem-se ao pé do fogo, meus filhos e descansem que nós vamos para a floresta cortar madeira. Quando tivermos acabado, a gente vem aqui buscar-vos.»

Hansel e Gretel ficaram sentados ao pé do lume e, quando chegou a hora do almoço, cada um comeu o seu bocadito de pão. E como ouviam os golpes do machado, sabiam que o pai estava perto. Mas não era o machado, era um ramo que o pai tinha amarrado a uma árvore morta e que o vento balançava de um lado para o outro. E depois de ficarem assim durante muito tempo, os olhos fecharam-se-lhes de fadiga e adormeceram profundamente. Quando, por fim, acordaram, já era noite escura. Gretel começou a chorar e disse: «E agora, como é que vamos conseguir sair do bosque?» Mas Hansel consolou-a: «Espera só até a Lua se levantar, porque nessa altura vamos conseguir encontrar o caminho.» E quando a Lua cheia apareceu Hansel pegou na irmã pela mão e seguiu as pedras que brilhavam como moedas acabadas de cunhar, mostrando-lhe o caminho. Caminharam durante toda a noite e só ao amanhecer chegaram a casa do pai. Bateram à porta e quando a mulher abriu e viu que eram eles, disse: «Seus meninos maus, porque é que estiveram tanto tempo a dormir na floresta? Já pensávamos que vocês não queriam voltar para casa.» Mas o pai alegrou-se, pois tinha tido pena de os ter deixado assim sozinhos.

Pouco tempo depois, a miséria enchia de novo a casa e, uma noite, as crianças ouviram a mãe dizer na cama ao pai, «Já se começou tudo outra vez, só temos

metade de uma bucha de pão e depois acabou-se. É preciso que as crianças se vão embora, temos que as deixar na floresta num sítio ainda mais distante, para que não saibam de lá sair, pois se assim não for não teremos salvação.» O homem ficou com o coração apertado e disse: «Seria bem melhor que partilhasses o teu último bocado de pão, com os teus filhos.» Mas a mulher não quis ouvi-lo, injuriou-o e fez-lhe censuras. E como só o primeiro passo é que custa e ele já tinha cedido da primeira vez, teve que ceder da segunda.

Mas as crianças ainda estavam acordadas e ouviram a conversa. Assim que os velhos adormeceram, Hansel levantou-se e quis sair para apanhar pedras como da outra vez, mas a mulher tinha fechado a porta à chave. Apesar disso, consolou a irmã e disse-lhe: «Não chores, Gretel, e dorme sossegada, Deus, há-de ajudar-nos.»

De manhãzinha, a mulher veio buscar as crianças à cama. Deu-lhes um bocado de pão, que era ainda mais pequeno do que da primeira vez. No caminho para a floresta, Hansel estafelou-o no bolso e parava muitas vezes atirando as migalhas para o chão. «Ó Hansel, porque é que estás sempre a parar e às espreitadelas? disse o pai, vá, anda mais é. — Olho para o meu pombinho, está empoleirado no telhado e quer dizer-me adeus. — Tonto, diz a mulher, não é o teu pombinho, é o sol da manhãzinha que brilha no alto da chaminé.» Mas pouco a pouco, Hansel foi deixando cair todas as migalhas pelo caminho.

A mulher levou as crianças para uma parte tão distante da floresta, que elas nunca lá tinham estado. Fizeram de novo uma grande fogueira e ele disse-lhes: «Fiquem aí meninos, e quando estiverem cansados podem dormir um bocadinho. Nós vamos para a floresta cortar madeira e, à tardinha, quando acabarmos, vi-

mos buscar-vos.» Quando chegou a hora do almoço Gretel dividiu o pão com Hansel, que tinha espalhado o seu pelo caminho. A seguir, adormeceram e caiu a noite sem que ninguém viesse ter com as pobres crianças. Quando acordaram, já era noite escura e Hansel consolou a irmazita dizendo-lhe: «Vá, espera que a Lua se levante; depois, podemos ver as migalhas que eu espalhei e que nos vão mostrar o caminho de casa.» Quando se levantou a Lua, começaram a andar, mas não conseguiram ver nem uma migalha, porque os milhares de pássaros que voam pelos bosques e pelos campos as tinham comido. Hansel disse a Gretel: «Havemos de encontrar o caminho.» Mas não encontraram. Caminharam durante toda a noite e durante o dia seguinte, de manhã à tardinha, mas não conseguiram sair do bosque e estavam com uma fome enorme, pois só tinham comido umas bagas que cresciam por ali. E como estavam tão cansados que já não se aguentavam nas pernas, deitaram-se debaixo de uma árvore, e adormeceram. Já a manhã se levantava pela terceira vez desde a sua partida da casa paterna, quando de novo se puseram a caminho; mas cada vez se embrenhavam mais no bosque e se nada os socotresse, em breve morreriam de fome. Por volta do meio-dia, avistaram empoleirado num ramo um lindo passarinho, branco como a neve, que cantava tão bem que pararam para o escutar. E quando ele levantou voo e começou a voar à frente deles, seguiram-no até que ele parou no telhado de uma casinha. Quando se aproximaram, viram que a casinha era de pão e coberta com um telhado feito de bolo doce; as janelas eram de açúcar cristalizado. «Vamos atirar-nos a isto, disse Hansel, e comer até nos fartarmos. Eu como um bocado do telhado, tu podes comer a janela, Gretel, é doce.» Hansel levantou-se nas pontas dos pés e partiu um bocado

do telhado para ver a que é que sabia e Gretel começou às dentadinhas nos vidros. Ouvia-se então uma voz doce:

dentada, dentadinha,  
quem come a minha casinha?

As crianças responderam:

É o vento, é o vento,  
esse menino barulhento

e continuaram a comer sem nada se embaraçarem. Hansel, que tinha gostado muito do telhado, arrançou-lhe um pedaço grande e Gretel tirou um vidro redondo e sentou-se no chão toda contente a comê-lo. De repente, abriu-se a porta e apareceu uma mulher tão velha como o mundo, apoiada a uma muleta. Os meninos apanharam um tal susto que deixaram cair o que tinham nas mãos. Mas a velha sacudiu a cabeça e disse: «Meus queridos, quem vos trouxe aqui? Entrem e fiquem comigo que nada de mal vos acontecerá.» E agarrou os dois pela mão e levou-os para casa. Deu-lhes uma boa refeição, leite e uma omeleta com açúcar, maçãs e nozes. Depois, arranjou-lhes duas caminhas brancas e Hansel e Gretel deitaram-se convencidos que estavam no Paraíso.

Mas a gentileza da velha era fingida, pois não passava de uma malvada feiticeira que tinha feito aquela casa de pão para atrair as criancinhas. Quando caía alguma em seu poder, matava-a, cozinhava-a e comia-a; era um grande dia de festa para ela. As feiticeiras têm os olhos vermelhos e não vêem ao longe, mas têm faro como os animais e cheiram a aproximação dos homens. Quando Hansel e Gretel chegaram perto da casa, teve um tiso mau e disse sardonicamente: «Estes já não me escapam.» De manhazinha, antes das crianças acordarem, levantou-se e, ao vê-las descansar tão gentis, com as suas bochechas redondas e coradas, mur-

murou para si: «Vão ser um rico petisco.» Agarrou com a mão descarnada em Hansel e levou-o para um estábulo, fechando-o atrás de uma porta com grades. Ele bem gritava, mas de nada lhe servia. Depois, foi ao pé da Gretel, sacudiu-a para a acordar e gritou: «De pé, preguiçosa, vai buscar água e cozinha uma coisa boa para o teu irmão pois ele está fechado no estábulo e é preciso que engorde. Quando estiver gordo, como-o.» Gretel chorou amargamente, mas em vão, e não teve outro remédio senão fazer o que a feiticeira lhe mandava.

E assim faziam-se os melhores pratos para Hansel enquanto Gretel só comia os restos. Todas as manhãs, a velha arrastava-se até ao estábulo e gritava: «Hansel põe os dedos de fora, quero perceber se já estás gordinho.» Mas Hansel estendia-lhe um ossito e a velha, como tinha a vista nublada, pensava que eram os dedos do Hansel e espantava-se por ele não engordar. Como já se tinham passado quatro semanas e Hansel continuava sempre magro, a velha perdeu a paciência e não quis esperar mais. «Anda, Gretel, gritou à menina, despacha-te e traz-me água. Magro ou gordo, amanhã mato Hansel e cozinho-o.» Ah, como a pobre irmã sofreu quando teve que trazer a água e quantas lágrimas lhe corriam pelas faces! «Ó meu Deus, vem ajudar-nos gritava ela, se os animais selvagens nos tivessem devorado no bosque, pelo menos tínhamos morrido juntos. — Acaba com essa gritaria, que não te serve para nada» — disse a velha.

Logo de manhazinha, Gretel teve que sair para pendurar a marmitta de água e acender o lume. «Primeiro, vamos fazer o pão, disse a velha, já aqueci o forno e amassei a farinha.» E empurrou a pobre Gretel para o forno donde já saíam chamas. «Mete-te lá dentro e vê se a temperatura já está boa para meter o

pão.» É que quando a Gretel lá estivesse dentro, ela fecharia a porta do forno, a pequena ficaria lá dentro a assar e ela comê-la-ia também. Mas Gretel adivinhou o que ela tencionava fazer e disse-lhe: «Não sei como hei-de entrar lá dentro, como é que faço? — Pata-cho-ca, disse a velha, a entrada é suficientemente grande, olha, até eu posso passar.» E pôs-se de gatas, aproximou-se do forno e meteu lá a cabeça. Então, Gretel empurrou-a com tanta força que ela ficou toda lá metida e depois fechou a porta de ferro e trancou-a. Oh! A velha dava utros medonhos, mas Gretel salvou-se e a feiticeira ardeu inteirinha.

Gretel correu direita a Hansel, abriu a porta do pequeno estábulo e gritou: «Hansel, estamos livres, a velha feiticeira morreu.» Então, Hansel saltou cá para fora, tal como voa um pássaro quando lhe abrem a porta da gaiola. Foi uma alegria! Saltavam para o pescoço um do outro, pulavam, beijavam-se! E como já não tinham nada a temer, entraram na casa da feiticeira e lá dentro havia por todos os cantos cofres cheios de pérolas e pedras preciosas. «Isto é ainda melhor que as pedrinhas», disse Hansel, e meteu nos bolsos tantas quantas lá cabiam, e Gretel disse: «Também eu quero levar alguma coisa para nossa casa» e encheu o avental. «Mas agora temos de nos ir embora, disse Hansel, para sairmos da floresta enfeitizada.» Depois de terem andado durante algumas horas, chegaram à beira de um grande rio. «Não podemos atravessá-lo, disse Hansel, não vejo nenhuma ponte. — E também não passa nenhum barco, disse Gretel, mas olha acolá um pato branco a nadar; se eu lhe pedir, ele ajudat-nos-á a passar.» E gritou:

Pato, patarreco, patão,  
é a Gretel, e o Hanselão  
não há pontes, nem altas, nem rasas,  
leva-nos nas tuas brancas asas.

O pato aproximou-se, Hansel subiu-lhe para as costas e disse à irmã para subir também. «Não, respondeu Gretel, é pesado de mais para o patinho, é melhor ele atravessar-nos um de cada vez.» Foi o que fez o simpático bicho e quando chegaram à outra margem, mal tinham andado um pouco, a floresta começou a parecer-lhes cada vez mais familiar e finalmente avisaram ao longe a casa paterna. Então, começaram a correr, entraram pela casa dentro e atiraram-se ao pescoço do pai. O homem não voltara a ter nem mais uma hora de alegria, desde que tinha deixado as crianças no bosque; quanto à mulher, essa tinha morrido. Gretel sacudiu o avental com tanta força que começaram a saltar pérolas e pedras preciosas por todos os lados, enquanto Hansel esvaziava os bolsos e as lançava ao chão às mãos-cheias. E assim acabaram todas as suas preocupações e viveram todos juntos numa alegria completa.

Agora que o meu conto acabou, lá em baixo corte um ratito, quem o apanhar, pode fazer um grande, grande boné, com a sua pele.

## **Contos recolhidos por Adolfo Coelho**

### **XX – Os Sapatinhos de Cetim, *Contos Nacionais para Crianças* recolhidos por Adolfo Coelho, 1882, pp.56-58**

“Havia noutros tempos uma mãe que tinha uma filha muito formosa, de que gostavam muito todos os mancebos daquela terra. Isto causava muita inveja à mãe que também era formosa, e que sendo viúva desejava tornar a casar-se. Com a inveja que tinha castigava amiúde a filha e chegou até um dia a cortar-lhe as lindas tranças do seu cabelo.

Havia naquela terra um fidalgo com quem a mãe desejava casar, mas o fidalgo só gostava da filha e a mãe de raiva resolveu mandar matá-la. Chamou um criado e disse-lhe:

- Leva a minha filha para uma floresta muito longe daqui e mata-a, e para eu ter a certeza de que a mataste, traz-me a língua dela. Em recompensa dar-te-ei grande soma de dinheiro.

Saiu o criado com a menina e encaminhou-se a uma floresta para cumprir as ordens da ama. Tendo chegado lá disse à menina o motivo que ali o levava, e que se ela quisesse não a mataria; mas que devia fugir para muito longe para que a mãe nunca mais a visse. Então matou uma cadelinha que ali apareceu, cortou-lhe a língua e levou-a à mãe da menina.

A mãe, cheia de raiva, mordeu muitas vezes a língua e deu ao criado muitas moedas, em recompensa.

A menina, vendo-se só na floresta, foi caminhando para ver se encontrava alguma casa onde se recolhesse, e alta noite enxergou uma luz e, tendo-se aproximado, viu que estava à porta de uma casa de triste aparência. Entrou e descobriu lá uma velha sentada à lareira e disse-lhe:

- Boa velha, dai-me agasalho por esta noite, pois ando perdida e não tenho família nem parentes neste mundo.

A velha disse-lhe que lhe dava agasalho com a condição de ela lhe contar a vida toda.

A menina contou-lhe tudo o que tinha acontecido e a velha foi buscar a um armário muito velho uns sapatinhos de cetim todos bordados a ouro e calçou-os à menina, que sentiu logo um estremeamento por todo o corpo e caiu como morta.

Então a velha tomou-a nos braços, foi metê-la num caixão de vidro e deitou-a ao mar.

No dia seguinte de madrugada levantou-se o rei daquela terra para ir pescar e a primeira coisa que se lhe deparou, apenas chegou à borda do mar, foi o caixão de vidro com a menina dos sapatinhos de cetim.

O rei, todo encantado com a formosura da menina, que julgou morta, ordenou aos criados que lhe levassem o caixão para o palácio e lho pusessem no quarto. As ordens foram logo cumpridas e o rei sentiu tal amor pela menina que nem de noite nem de dia saía do quarto e não queria comer nada. Um dia a mãe do rei foi ter com ele e disse-lhe:

- Meu filho, deixa-te desse amor tão louco e trata de mandar enterrar essa donzela que por certo é uma santa, visto que está morta há tantos dias, e ainda apresenta as cores de quem tem vida.

Dizendo isto a rainha aproximou-se do caixão e vendo os lindos sapatos que a menina tinha calçados, descalçou-lhe um para melhor o examinar, mas de repente a menina abriu os olhos, e a rainha, toda admirada descalçou-lhe o outro sapato e a menina sentou-se no caixão e perguntou:

- Onde estou eu? Quem me trouxe aqui?

Então o rei, aproximando-se dela, disse-lhe cheio de alegria:

- Estais no meu palácio e ides ser minha esposa. Bem me dizia o coração que não estáveis morta.

- Mas – disse a mãe do rei – é preciso primeiro, meu filho, que tu saibas quem é esta menina; não seja ela alguma feiticeira.

Logo a menina contou toda a vida ao rei até ao momento em que a velha lhe calçara os sapatinhos.

Fez-se o casamento do rei com a menina e os noivos foram ver se achavam a casa da velha, mas ela tinha desaparecido”.

**Os Sapatinhos Encantados, *Contos Populares Portugueses* recolhidos por Adolfo Coelho (Ourilhe), anos 70 (editado em 1879).**

“Era uma vez uma mulher muito bonita que dava estalagem e a todos os almocreves que lá iam perguntava se tinham visto uma mulher mais bonita do que ela. Ela tinha uma filha mais bonita do que ela e tinha-a fechada para ninguém a ver. Disse-lhe um dia um almocreve: «Ainda agora ali vi uma mulher mais bonita a uma janela a pentear-se.» «Ai! Era a minha filha; pois vou mandar matá-la.»

E mandou dois criados matá-la a um monte e ela disse-lhes que a não matassem, que a deixassem, que prometia não tornar a casa. Os criados tiveram dó dela e deixaram-na. Ela foi indo e chegou a uma terra e viu uma casa; era noite; pediu se a acolhiam e não achou ninguém. Entrou para dentro e fez a ceia, e assim que a acabou de fazer, escondeu-se; nisto chegam ladrões que vinham de fazer um roubo e, depois que viram a ceia feita, começaram a dizer: «Ai! Quem nos dera saber quem é que fez a ceia. Se por aí está alguém, apareça.»

E ela apareceu-lhes e contou-lhes a sua sorte, coitadinha, e eles disseram: «Agora não se aflija; há-de ficar connosco e fazemos a atenção que você que é nossa irmã.»

Daí por diante os ladrões lá iam para os seus roubos e ela ficava sempre; eles estimavam-na muito e tratavam-na.

Ia uma velhota a casa da mãe dela que andava sempre em recados por muitas terras e a mãe dela disse-lhe: «Você, como anda por muitas terras, diga-me se já viu uma cara mais linda do que a minha.»

E ela disse-lhe: «Vi, vi uma rapariga que ainda era mais linda que você em tal banda.» «Você quando vai para lá? Quero que lhe leve uns sapatos.» E deu uns sapatos à velha e disse-lhe: «Leve-lhos e diga-lhe que é a mãe que lhos manda; mas ela que os calce antes de você de lá sair; eu quero saber de certo que ela os calça; olhe que eu pago-lhe bem.»

A mulher levou os sapatos à filha; chegou lá e disse-lhe: «Aqui tem estes sapatos que lhe manda a sua mãe.» Ela disse-lhe: «Eu não quero cá sapatos nenhuns; meus irmãos dão-me quantos sapatos eu quiser; não os quero.»

A velha ateimou tanto com ela que ela pegou neles; calçou um, fechou-se um olho; calçou outro, fechou-se-lhe o outro olho e ela caiu morta. Depois vieram os ladrões, choraram muito ao pé dela, lastimaram muito a morte dela e depois disseram: «Esta cara não há-de ir para debaixo da terra; levemo-la num caixão à serra de tal banda que vem lá o filho do rei à caça para ele ver esta

flor.»

Depois levaram-na a esse sítio; veio o filho do rei e viu-a e achou-a muito bonita e depois tirou-lhe um sapato e ela abriu um olho, tirou-lhe outro, abriu outro olho e ficou viva. E ele então levou-a para casa e casou com ela e foram visitar a bêbeda da mãe e esta ainda depois mesmo a queria mandar matar, mas não o conseguiu”.

---



**Os Meninos Perdidos, *Contos Populares Portugueses* recolhidos por Adolfo Coelho (Coimbra), anos 70 (editado em 1879).**

“Um pai tinha um filho e uma filha e costumava mandá-los ao mato buscar lenha. Um dia os meninos foram e perderam-se no caminho. Depois de terem caminhado muito, avistaram uma luz; foram-se aproximando e viram junto da luz uma casa; entraram e viram uma bruxa que estava fritando filhós; a bruxa tinha só um olho, no meio da testa, e por isso não viu logo os meninos. Ora os meninos, como iam com muita fome, tiraram com muito jeitinho as filhós, e a bruxa, julgando ser o gato que as tirava, dizia:

Sape, gato lambão,

Logo te dou teu quinhão.

E continuava a fritar; e os meninos, vendo o engano da bruxa, deram uma gargalhada. Ela então olhou para eles e disse: «Sois vós, meus meninos? Vinde cá, vinde cá.» Pegou nos meninos e meteu-os dentro de uma arca de castanhas, recomendando-lhes que comessem bastante até estarem bem gordinhos. Os meninos iam comendo as castanhas, e a bruxa disse-lhes um dia: «Meti o dedinho pelo buraco da fechadura para eu ver se já estais gordinhos.» Os meninos, em vez de meterem os dedinhos, meteram o rabo de um ratito que tinham achado na arca. A bruxa disse ao vé-lo: «Ainda estais muito magrinhos; continuai a comer.» Passado tempo, tornou outra vez a dizer aos meninos que deixassem ver os dedinhos e eles não tiveram remédio senão mostrar-lhos, pois já não tinham o rabo do rato. Então a bruxa disse-lhes: «Agora já podeis sair da arca, pois já estais bem gordinhos.» Depois disse aos meninos que fossem buscar lenha para aquecer o forno; e deu-lhes um pão, recomendando-lhes que comessem só o miolo, mas que não o partissem; deu-lhes também uma cabaça de vinho, dizendo-lhes que o bebessem sem lhe tirar a rolha; deu-lhes mais dois punhados de tremoços, dizendo-lhes que os comessem e deitassem as cascas pelo caminho, para depois se guiarem por elas quando voltassem para casa. Partiram os meninos para o mato; e no caminho encontraram uma velhinha que lhes perguntou para onde eles iam. Os meninos contaram-lhe tudo o que tinha sucedido e disseram-lhe que tinham fome, mas que não sabiam como haviam de comer o pão sem o partir. Então a velhinha fez-lhes um buraquinho no pão, tirou o miolo e deu-o aos meninos; depois fez também um buraquinho na cabaça para os meninos beberem o vinho e disse-lhes que fossem apanhar lenha, que ela os esperava no caminho. Voltaram os meninos do mato e encontraram outra vez a velhinha, que lhes disse: «Meus meninos, a bruxa vai aquecer o forno para

vos assar; ela há-de dizer-vos que danceis na pá e vós haveis de dizer-lhe; dançai vós primeiro que é para nós aprendermos; depois ela dançará, e vós direis: “Valha-me Nossa Senhora e São José” e deitai-a no forno.» Levaram os meninos a lenha; a bruxa aqueceu o forno e disse aos meninos: «Dançai aqui na pá.» «Dançai vós primeiro para nós aprendermos.» A bruxa pôs-se a dançar na pá e os meninos disseram: «Valha-me Nossa Senhora e São José» e deitaram a bruxa para dentro do forno.

A bruxa deu um grande estouro e morreu, e os meninos voltaram para casa de seu pai e levaram o dinheiro que a bruxa tinha em casa”.